

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO INSTITUTO DE
ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E TERRITORIALIDADES

Juliana Mara Lima das Neves

Uma narrativa da Feira de São Cristóvão: entre resistência e espetacularização do
nordeste no Rio de Janeiro

Niterói 2015

Juliana Mara Lima das Neves

Uma narrativa da Feira de São Cristóvão: entre resistência e espetacularização do
nordeste no Rio de Janeiro

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação
em Cultura e Territorialidades da
Universidade Federal
Fluminense, como requisito
parcial para obtenção do Grau
de Mestre. Linha de pesquisa:
Mediações, saberes locais e
práticas sociais.

Orientador Prof. Dr. Leonardo Caravana Guelman

Niterói, 2015

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

N513 Neves, Juliana Mara Lima das.
Uma narrativa da Feira de São Cristóvão: entre resistência e espetacularização do nordeste no Rio de Janeiro / Juliana Mara Lima das Neves. – 2015.
140 f. ; il.
Orientador: Leonardo Caravana Guelman.
Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades) –
Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, 2015.
Bibliografia: f. 131-135.
1. Feira de São Cristóvão (Rio de Janeiro, RJ). 2. Nordeste do Brasil.
I. Guelman, Leonardo Caravana. II. Universidade Federal Fluminense.
Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

Juliana Mara Lima das Neves

Uma narrativa da Feira de São Cristóvão: entre resistência e espetacularização do
nordeste no Rio de Janeiro

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação
em Cultura e Territorialidades da
Universidade Federal
Fluminense, como requisito
parcial para obtenção do Grau
de Mestre. Linha de pesquisa:
Mediações, saberes locais e
práticas sociais.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Leonardo Caravana Guelman (Orientador)
Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. Marina Bay Frydberg
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Adair Leonardo Rocha
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

*Aos meus irmãos Rodrigo e Ludimila.
À minha mestra maior Vó Maria.*

Agradecimentos

Durante toda a minha vida tenho visto que Deus tem cuidado de mim de diversas formas. Dentre essas, ele escolheu colocar anjos pelo meu caminho para que os meus passos fossem sempre zelados. Nesse dia que findo mais uma etapa da minha vida rendo graças a Deus por nunca vacilar nas escolhas desses anjos que caminham comigo nas horas boas, mas também nas horas de aflição.

Agradeço aos meus pais Carmen e Manoel por nunca duvidarem da minha capacidade, e por acreditarem em mim mesmo quando eu não me sentia capaz. Vocês me carregaram no colo, me deram força e lapidaram o melhor de mim, hoje então estou colhendo os frutos dessa educação tão exemplar que me deram. Amo vocês!

À minha irmã Ludimila, agradeço por todos os momentos que esteve comigo nessa caminhada, por puxar minha orelha quando foi preciso, e vibrar com as minhas vitórias, mas principalmente por me dar de presente a Manu e o Pedrão, ao lado deles eu sou carnaval!!! Tenha a certeza que sem eles eu teria surtado. Escutar eles me chamando a cada minuto de Dindinhaaaaa é acalanto.

Ao meu eterno anjo da guarda Ester, você cuidou de mim em todos os momentos, secou minhas lágrimas, me presenteou com sorrisos e gargalhadas. Agradecer é pouco por tudo o que fez por mim, sem você caminhando ao meu lado eu definitivamente não teria chegado até aqui.

Aos amigos, que foram o meu combustível, e por vezes fizeram o papel de pai, mãe, irmão, orientadores, revisores, psicólogos e psiquiatras(haha). Agradeço por vocês estarem ao meu lado nesse momento e por tantos outros que virão, Tainá Teixeira, Lúcio Enrico, Mônica da Silva, Kyoma Oliveira, Ohana Boy, Lia Bastos, Paula Fabricante, Thiago Grisolia, Luiz Mendonça, João Domingues, Ana Enne.

Aos feirantes da Feira de São Cristóvão, por acreditarem no meu trabalho e abrirem o coração contando suas histórias que abrilhantaram minha pesquisa.

A Marcinha e Dulce (secretárias do Ppcult) que sempre me receberam com um enorme sorriso e por vezes acalmaram a minha ansiedade com lindas palavras de conforto.

Ao meu amado IACS/UFF, já se vão 6 anos que aquele casarão rosa me

acolheu e continua me presenteando de todas as formas possíveis.

Aos membros da banca Dr^a Marina Frydeberg e Dr Adair Rocha por engrandecerem o meu trabalho e esse momento tão especial para mim.

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo complexificar a narrativa da Feira de São Cristóvão, a partir de duas configurações distintas empreendidas ao longo de sua história. A primeira ilustra um lugar a margem da cidade, já a segunda ganha uma nova conformação a partir das intervenções urbanas realizadas pelo prefeito César Maia a partir de 2003. As impressões sobre esses dois momentos distintos da Feira de São Cristóvão serão conduzidas a partir das falas dos próprios feirantes que vivenciaram todo o processo de deslocamento dessa narrativa. Diante disso, alinhada com a interdisciplinaridade do Programa de Pós Graduação Cultura e Territorialidade, minha abordagem terá como base teórica temas como representatividade, enquadramento da nordestinidade, migração, heterotopia, cidade, identidade e memória e narrativa.

Palavras-chave: Feira de São Cristóvão, Cidade, Rio de Janeiro, Nordeste, Nordestinidade

ABSTRACT

In order to complexifying the narrative of Feira de São Cristóvão, from two different configurations - the first one, as a place on the fringe of the city; the second one, in an institutionalized conformation launched by urban interventions carried out by the mayor Cesar Maia from 2003 on. From this perspective, the reflections indicated by the survey on these two different moments of Feira de São Cristóvão will be conducted by the speech of the fairgrounds themselves, who experienced the whole process of institutional changing, as well as its consequences, such as the displacement of Feira de São Cristóvão's narrative in the city. Based on this, aligned with the interdisciplinary character of aligned with the interdisciplinary character of Culture and Territoriality Post-Graduation Program, my theoretical approach will address issues such as representativeness, the framing of "northeastness", migration, heterotopy, city, identity and memory, and narrative.

Keywords: Fair Saint Kitts, City, Rio de Janeiro, Northeast, Nordestinidade

Sumário

Introdução: Minha vida é andar por este país.....	11
Capítulo 1- Enquadramentos da nordestinidade.....	18
Capítulo 2. Quando eu vim do sertão Seu Moço.5.....	32
2.1. No Ceará não tem disso não.....	35
2.2. Narrativa de uma heterotopia: 1945 a 2003, Campo de São Cristóvão, Rio de Janeiro, Brasil.....	39
2.3. Planejamento Estratégico: Oxente, que negócio é esse?.....	55
2.4. Plano Estratégico e a Cidade Maravilhosa.....	61
2.5. Cidade das Cidades.....	64
2.5.1 Cidade das Crianças.....	67
2.5.2 Cidade do Samba.....	68
Capítulo 3. Ponto de Partida.....	70
3.1 Xote, Maracatu e Baião.....	76
3.1.1 Palco João do Vale e Jackson do Pandeiro.....	76
3.1.2. Praça do Pé de Serra.....	79
3.1.3. Corredor do Reggae.....	81
3.1.4. Bar do Brega.....	82
3.1.5. Praça dos Repentistas.....	83
3.2. As vozes do território.....	86
3.2.1 Sou nordestino e lutador.....	86
3.2.2 Eu tenho 45 anos de repente.....	90
3.2.3 Meu lugar é o brega.....	91
3.2.4. Forró? Só se for meu pé de serra!.....	94
3.2.5. Sou um empreendedor nordestino na cidade maravilhosa!.....	95
3.2.6. Sou artista e o nordeste é a minha inspiração.....	96
Capítulo 4. A E I O U Ysilone.....	102
4.1 Memória.....	102
4.2. Identidade.....	105
4.3 Representatividade.....	110
4.4 Narrativa.....	116
Considerações Finais	122

Referências bibliográficas.....	131
Anexos.....	136

Introdução: Minha vida é andar por este país.

*Minha vida é andar por este país
 Pra ver se um dia descanso feliz
 Guardando as recordações
 Das terras onde passei
 Andando pelos sertões
 E dos amigos que lá deixei
 Chuva e sol
 Poeira e carvão
 Longe de casa
 Sigo o roteiro
 Mais uma estação
 E a alegria no coração
 (Luiz Gonzaga – A vida do viajante)*

Nasci em São José dos Campos, interior de São Paulo, eu e meus irmãos somos a primeira geração de paulistas na família Lima das Neves, o que me faz geneticamente tão nordestina quanto os meus tataravós, bisavós e avós. Contudo, não posso negar que tenho imenso orgulho de carregar o gentílico joseense, e que mesmo sendo criada por migrantes nordestinos, incorporei diversos elementos e costumes da cultura paulista em meu cotidiano, como, por exemplo, não passar os meses de junho e julho sem comer bolinho caipira¹.

Meu pai foi o primeiro de sua família a migrar para o “Sul”, depois dele vieram minha mãe, os irmãos dela, alguns irmãos do meu pai, e alguns primos também. Desde criança, sempre escutei de todos eles os motivos pela troca do “norte” pelo “sul”, era um discurso uníssono: “Lá não tem oportunidade.” “No norte não temos emprego e nem condições de uma vida melhor” “Aqui é a terra das oportunidades.”

Cresci com essa imagem do nordeste na minha cabeça, “La não tem oportunidades”. Mas, para além dos motivos que traziam os meus parentes para tão longe de sua terra, outra questão me intrigava. Por que eles escolheram São José dos Campos? Confesso que demorei anos para descobrir o motivo, e não posso

¹ Prato típico das festas junina do Vale do Paraíba paulista, feito de farinha de milho e carne moída.

negar que a descoberta me encheu de orgulho.

Meu pai sempre foi desses para quem o “mundo” em que morava era pequeno demais para suas ambições. Das histórias que seus irmãos contam, uma delas é que ele nunca gostou de trabalhar na roça; enquanto estavam todos trabalhando na plantação, ele ficava sempre olhando para aquelas terras e pensando. Há quem diga que foi naqueles pensamentos que ele decidiu ir embora para São Paulo.

Meu pai nasceu em 1958 em um povoado no interior do Piauí. Quando completou 13 anos, foi morar na cidade mais próxima chamada José de Freitas; aos 18 anos, migra para Teresina, capital do estado. Sua caminhada não para por aí: era setembro de 1975, quando meu pai decide comprar sua passagem para São José dos Campos/SP. Nesse momento, ele passa à condição de retirante nordestino. Veio sozinho, minha mãe viria alguns anos depois, em 1978, quando em viagem de férias meu pai volta para o Piauí e em 7 dias eles se conhecem e se casam.

Logo quando chegam, meus pais começam a funcionar como uma espécie de donos da chave do portal de entrada de São José dos Campos/SP. Por serem os primeiros a chegarem em São José, eles eram referências na cidade para os que de lá vinham chegando. Com isso nossa casa começa a ser porto seguro para as dezenas de parentes recém-chegados do nordeste. Quando um tio saía pela porta, na semana seguinte outro já entrava. Essa dinâmica de idas e vindas de tios e primos dentro de minha casa fez com que eu e meus irmãos sempre vivêssemos na fronteira cultural e simbólica entre São Paulo e Piauí.

Contudo, nunca foi muito fácil ser filha de nordestino. Quando éramos crianças, existia um certo incômodo para mim e meus irmãos em contar para os nossos amigos que nossos pais eram do “norte”. Na época, ser filho de nordestino era uma excentricidade, nossos colegas faziam perguntas que para nós não faziam o menor sentido (Lá tem televisão? Existe carro?), e outras tantas que nem sabíamos o que responder (Por que lá não chove?). Para os meus pai sei que também não era fácil ser migrante, minha mãe era sempre a baiana e meu pai sempre o cearense, enfim, as formas de tratamento conosco eram sempre debochadas e refletiam um rebaixamento da condição de ser nordestino.

Naquela época (e ainda hoje), quem não era do nordeste tinha informações de uma realidade que não correspondia ao todo. Eu e meus irmãos vivíamos cercados de elementos da cultura nordestina e paulista. Isso se dava pois de alguma maneira existia uma rede fortalecida entre os migrantes que não necessariamente estava atrelada somente ao vínculo consanguíneo. Meus tios vieram por causa dos meus pais, passado um tempo vinham suas esposas, depois os cunhados, depois os sobrinhos e assim a rede ia crescendo, e todos eram considerados da mesma família. Essa dinâmica migratória e o fortalecimento dessa rede parental não consanguínea fez com que eu ganhasse primos cujas árvores genealógicas – percebi depois de quase trinta anos – estavam longe de se cruzar.

O fato é que entre amigos e parentes dos meus pais construiu-se um espaço de liberdade que possibilitava aos nordestinos construir uma representatividade. Era uma relação tal qual as colônias de imigrantes que se estabeleceram no Brasil: um grupo de pessoas com valores e costumes culturais e morais parecidos que se uniam em um território estranho a sua cultura. Com isso, os novos nordestinos que iam chegando em São José dos Campos/SP exteriorizavam minimamente a saudade em um espaço substancializando representatividades simbólicas do nordeste através da festa, da comida e da dança.

Nossas festas claramente destoavam da vizinhança. Nos anos 90, por exemplo, década em que as imagens chegam mais claras pra mim, era muito forte a presença do samba nas reuniões de família da vizinhança. Contudo, o som da minha família era bem diferente; quem de lá chegava – Piauí – fosse migrando ou de férias, trazia consigo fitas K7 com a gravação ao vivo dos forrós e das Serestas de Rosa Neta com os cantores mais famosos de Regeneração/PI. Ainda hoje lembro da minha mãe dançando com meu pai, e eu no meio dos dois com meu sono sendo embalado ao som de Chico Paulo.

Toda vez que alguém viajava para o Piauí de férias, era um evento: na bagagem de quem ia, levava-se presentes, recados, cartas e saudade dos que aqui ficavam. Na volta não era diferente, exceto pela bagagem, que dobrava de tamanho, quando não triplicava. Havia literalmente uma festa com o retorno de quem tinha ido, pois todos sabiam que quem voltava trazia consigo comidas típicas (tapioca, doce

de caju, buriti, farinha, pitomba, pequi), as famosas fitas K7 de serestas e forró, mais cartas, mais recados e muito mais saudades.

A partir dessa época, a situação de vida dos meus pais já era bem melhor do que quando eles chegaram. Ele virou metalúrgico, minha mãe era funcionária pública trabalhando como auxiliar de enfermagem. Passamos a ir de dois em dois anos visitar meus avós no Piauí, essa periodicidade era sagrada, eu e meus irmãos esperávamos ansiosos pelo dia da viagem. Durante esse tempo, ser filha de nordestina já não era mais um peso, poder voltar tantas vezes para onde os meus pais nasceram me fez perceber que todo aquele universo que construíram para mim do nordeste inferior ao sudeste não passava de um equívoco.

Porém, também não posso afirmar que o Nordeste teve os mesmos cuidados e privilégios de investimentos estruturais que São Paulo. É claro que existiu e existe até hoje uma discrepância em diversas áreas de desenvolvimento estrutural e social entre as cidades do sudeste e do nordeste. Entretanto, ir de encontro a minhas origens me trouxe uma ressignificação do nordeste e a força que eu precisava para afirmar com imenso orgulho de onde vieram as minhas raízes.

Infelizmente, devido a uma série de motivos, fiquei exatos dez anos sem voltar ao nordeste; sendo assim, acabei me aproximando mais do meu lado paulista do que do nordestino. Eu havia crescido, trabalhava, estudava e não tinha mais tempo para ir visitar meus avós. Por sua vez, aquela rede coesa criada anos atrás entre os migrantes nordestinos de certa forma se desfez, alguns voltaram para o Piauí, outros seguiram suas vidas trabalhando e prosperando tal qual os meus pais, e foram morar em outros locais na cidade.

A vida seguiu e eu assim como o meu pai resolvi migrar, evidentemente diante de outras particularidades. Fiz minhas malas e fui morar sozinha no interior do Paraná. Naquele momento talvez eu tenha sentido um pouco das sensações que tomaram o meu pai em 1975; migrar tem um misto de medo e ansiedade pelo novo, junto com a esperança de dias melhores. Conheci uma cultura nova, uma oralidade estranha aos meus ouvidos, percebi olhares de desconfiança a mim, a cidade era pequena, portanto não era difícil identificar quem era novo por ali.

A primeira vez que eu encontrei um conterrâneo foi como ter ganhado um

presente de aniversário, escutar um sotaque semelhante ao nosso é acalanto aos ouvidos. Não sei dizer se foi coincidência, mas vi a mesma alegria nos olhos deles ao me encontrarem. Logo, começamos a frequentar um a casa do outro, nos tornamos amigos e companheiros naquela nova cidade, construímos uma rede de colaboração pela saudade e necessidade. Além dos meus conterrâneos, conheci também os sujeitos locais da cidade, através deles conheci o Centro de Tradições Gaúchas, aquela estrutura me encantou por ser um território que cultua uma cultura para além do seu território de origem.

Decidi migrar mais uma vez, e dessa vez o destino escolhido era a cidade de Niterói/RJ: cheguei então para cursar a faculdade de Produção Cultural na Universidade Federal Fluminense. Por influência do curso, começo a afinar o meu olhar para a análise das práticas culturais nos espaços das cidades, conseqüentemente ao concluir a graduação escolho como tema da graduação o Centro de Tradições Gaúchas, complexificando a identidade gaúcha como formadora da corporeidade do bailarino do CTG.

Nesse momento, que escolho pesquisar a Feira de São Cristóvão e a mudança de sua narrativa a partir da política de César Maia, percebo um paralelo entre os objetos de pesquisa que escolho durante minha formação e a história de minha vida. A academia também é afeto e assim quero construí-la. Acredito que esses atravessamentos tem influência direta na escolha do meu objeto de pesquisa e nas perguntas que quero responder. Sempre vivi cercada pela temática da migração e todos os seus desdobramentos, fui expectadora e protagonista desta relação, entendendo a necessidade que temos em estarmos próximos de nossa identidade e construindo então formas de representatividade de nossa identidade. Com isso, observar o surgimento de Centros de Tradições fundados por migrantes me suscitou a curiosidade de entender como se dão esses espaços e a construção de suas dinâmicas.

Diferente do Centro de Tradições Gaúchas, a Feira de São Cristóvão não surge institucionalizada, portanto não existe uma missão, estatuto, ou qualquer objetivo pré-definido. A última parada do Pau Arara acontecia no bairro de São Cristóvão, com o movimento de desembarque cada vez maior, o Campo de São

Cristóvão passa ser além de ponto final dos caminhões pau de arara, também ponto de encontro dos nordestinos. Paralelamente, junto desse ponto de encontro um pequeno comércio começa a se desenhar ao mesmo tempo que artistas nordestinos com seus cordéis, repentes, sanfonas, triângulo e zabumba dão o tom da melódia e da saudade.

Nesse sentido, a Feira surge no crescimento da migração nordestina em um contexto urbano e informal – ao todo temos 70 anos de história e diversas lideranças e episódios que passaram pela Feira até mudarem a sua configuração inicial. Portanto, seria inviável fazer uma abordagem analisando todos os fatores históricos deste objeto. Sendo assim, optei por fazer um recorte dividindo a Feira em dois momentos; o contexto do seu surgimento na época em que acontecia na rua e o momento em que sofre uma intervenção urbana ligada a plano de governo do prefeito da época, César Maia, que a transfere para o pavilhão e a institucionaliza enquanto Centro de Tradições..

Com isso, complexifico a relação da cidade com a Feira nesses dois momentos, e o que ocasiona a virada dessa narrativa. Na primeira fase, a narrativa da Feira era construída pelos sujeitos da cidade enquanto território marginalizado no Rio de Janeiro; para tanto, utilizo Michel Foucault e seu conceito de heterotopia. O momento da mudança na narrativa ocorre na reformatação da configuração da Feira, discuto então o contexto do governo de César Maia e sua política de governo através da elaboração do primeiro Planejamento Estratégico do Rio de Janeiro. Esses dois momentos complexificarei a partir do conceito de tríplice mimese de Paul Ricouer.

Para a concepção dessa dissertação construí quatro capítulos.

No capítulo 1, defino o conceito de nordestinidade, discutindo a forma como foi construída a imagem do nordeste para os estados do sudeste, bem como o estereótipo do nordestino. Acredito que esses dois pontos influenciam as relações que geralmente cariocas e o Poder Público estabelecem com os nordestinos. A nordestinidade será o fio condutor desta pesquisa, e seu deslocamento ditará os tipos de relações que serão estabelecidas entre a Feira de São Cristóvão e o Rio de Janeiro.

No capítulo 2, contextualizo duas temáticas pertinentes ao surgimento da Feira: a primeira é a migração no Brasil; já na segunda, trabalho o contexto histórico do Rio de Janeiro. As contextualizações abordarão aproximadamente as décadas de 1940 até 1960, e essa escolha se deu pois essas décadas são apontadas como as de maior desenvolvimento nacional no país, portanto a concentração migratória se dá nesse momento (Albuquerque Júnior, 1998). Sigo minhas reflexões agora com uma abordagem sobre a primeira fase da Feira, do momento em que ela é marginalizada na cidade, até a intervenção política de César Maia em sua configuração.

No capítulo 3, trago a etnografia da Feira: inicio com a minha caminhada pelos seus corredores e convido o leitor a caminhar comigo, transpondo todas as fronteiras que ali estão construídas. Posteriormente, trago as falas do território, representadas por feirantes e artistas que me apontam um quadro comparativo de antes e depois da institucionalização, e apontam as negociações e conflitos daquele novo espaço e suas novas subversões.

O capítulo 4 é composto por um caminho teórico: mostro o conceito de memória, identidade, representação, sendo esses três conceitos permeadores no surgimento da Feira e na construção de sua narrativa. Por último, abordo o conceito de narrativa sob a luz de Paul Ricoeur e sua tríplice mimese como resultante na mudança de narrativa da Feira de São Cristóvão, antes heterotopia, hoje, Centro Municipal Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas.

Capítulo 1- Enquadramentos da nordestinidade

Escolhi iniciar essa pesquisa localizando o conceito de nordestinidade por entender que seu enquadramento construído pela região sudeste é fator determinante para o entendimento da minha reflexão; a relação da Feira de São Cristóvão com as políticas de governo do Rio de Janeiro.

O nordeste é um território construído a partir de um discurso imagético que em alguma determinada proporção se mantém até hoje. Concentre-se, pense em todas as notícias que você já leu em jornais e revistas ou assistiu na televisão sobre o nordeste. Certamente você pensará em alguma medida em seca e atraso econômico. Talvez você também tenha se lembrado daquela viagem que fez pelo litoral da região. Mas caso não tenha tido a oportunidade de fazer uma viagem turística a algum estado nordestino, certamente a construção imagética que os canais de comunicação construíram em você perpassa as primeiras impressões que elenquei.

A imagem construída pelos canais de comunicação coloca o nordeste em uma posição inferior comparada ao sudeste no que diz respeito ao desenvolvimento socioeconômico. Essa subordinação é ainda legitimada pelos discursos dos políticos nordestinos, pois desde 1877 a seca é colocada como fator influenciador, único e exclusivo, pelo problemático quadro do desenvolvimento do nordeste. Percebendo que a seca poderia ser uma máquina para atrair investimentos por parte do Poder Público para amenizar a situação da região, os parlamentares nordestinos usavam dessa ferramenta para exigir que seus Estados tivessem os mesmos investimentos que os Estados do sudeste. Nesse sentido, são criadas instituições para solucionar os problemas do nordeste: o DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas) e o IAA (Instituto do Açúcar e do Alcool), que administravam os recursos que chegavam ao nordeste para o seu progresso. Entretanto, os subsídios que chegavam eram desviados para os bolsos dos latifundiários e empresários da região, que davam conta de uma *“tecnologia obsoleta”* que em nada colaborava para o progresso da região. O nordeste passa, então, a ser reconhecido como uma região dependente de subsídios e empréstimos do governo – nunca pagos, além de

recursos desviados, e pelas isenções fiscais.

Contudo, a configuração desse espaço social não emergiu de forma natural naquele território. A imagem desse nordeste foi construída a partir das relações políticas de independência construídas pelos próprios políticos representantes daquela região, mas também pela repetição dos discursos de seca, corrupção e miséria por parte dos canais de comunicação. Portanto, o papel da interlocução na construção desse território facultou uma identidade homogênea ao território e seus atores, como se particularmente naquela região a diversidade de alguma maneira não existisse.

Dos poucos momentos em que o nordeste era pauta nos canais de comunicação, sua imagem era produzida pela seca, miséria e fome, um lugar em que as oportunidades não existiam. Essa concepção problemática da região perpassava também a formação dos sujeitos, a imagem do nordestino foi construída a partir de um estereótipo calcado no messianismo e no cangaço. (Albuquerque Júnior, 1999)

Paulo de Moraes Barros, jornalista de O Estado de São Paulo enviado a uma visita a Joazeiro, considera a inferioridade racial dos nordestinos como responsável pelo aparecimento dos “fanáticos boçais que se disseminavam por toda parte da região” e pelas turbas que os assediavam, homens e mulheres de aspectos alucinados, olhos esbugalhados, com os braços estendidos, atirando-se por terra, tentando tocar a barra da batina do beato”, como também pela “violência dos bandidos facinorosos” (Albuquerque Junior, 1999, p.44)

O estereótipo messiânico surge a partir do beato Antônio Conselheiro, um líder religioso que fundou sua comunidade na cidade de Canudos. O beato recebia retirantes que buscavam um pedaço de terra para plantar e construir uma nova vida independente e longe dos mandos dos fazendeiros que dominavam toda a região com seus latifúndios. A partir de sua fundação, em 1893, Canudos teve um crescimento acelerado, chegando em poucos anos a ter 25 mil habitantes. Diante disso, esse território passa a chamar a atenção dos principais líderes do governo, pois a República recém-proclamada ainda estava frágil, tendo que enfrentar rebelião, e outras regiões haviam reivindicado o separatismo, como no caso da Revolução Federalista envolvendo os estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul.

Devido a suas características peculiares, a imprensa² passa a divulgar constantemente notícias que dão conta do surgimento de um povoado liderado por um Beato chamado Antônio Conselheiro, que tem por objetivo restaurar o poder monárquico no país. Notícias equivocadas, sobre um povo abandonado pelos governantes, e que estavam seguindo suas vidas, abrindo mão de uma política que não os assistia. Antônio Conselheiro nunca teve como objetivo a monarquia; ele incomodava o Poder Público pois era a liderança de um povoado em constante crescimento que não respondia ao governo em suas obrigações fiscais, como o pagamento de impostos e outras burocracias.

Com isso, o povoado de Canudos é atacado em 1896 pelo exército, a mando do governo federal. Os seguidores do Beato Conselheiro resistiram bravamente à batalha; ao total foram necessárias quatro investidas das Forças Armadas para findar a batalha em 1897. Canudos é derrotada, o Beato e todos os seus seguidores foram mortos.

Evidentemente que o massacre de Canudos não poderia passar despercebido pela imprensa brasileira. Entretanto, a minha crítica busca complexificar a maneira como essas notícias foram veiculadas pelos canais de comunicação:

Diz-se que entre os prisioneiros está uma jagunça que tem despertado curiosidade por esse episódio: Levada prosa à presença do general Oscar, este dissera que ia mandá-la fuzilar: a jagunça replicou em tom convicto, rindo-se: “Que não temia a morte, por já ter morrido três vezes.” (Jornal de Notícias , nº 5308, 9 de setembro de 1897)

A imagem do nordestino era calcada pelos jornalistas como uma figura excêntrica, destoante dos padrões de normalidade do sudeste. Eram pessoas que viviam na miséria, não tinham oportunidade em seu território, sua educação não lhe dava modos para viver em uma sociedade como São Paulo ou Rio de Janeiro.

Um outro fenômeno messiânico tem como figura central o Padre Cícero, que chegou a ser impedido de realizar seus ofícios sacerdotais pela igreja católica, porém, mesmo assim, a população nordestina o santificou. Ainda depois de falecido, Padre Cícero ainda possui um imenso respeito de todos os nordestinos e movimenta

² O autor de maior destaque a escrever sobre Canudos foi Euclides da Cunha, que posteriormente lança o livro Os Sertões.

milhares de fiéis que viajam quilômetros até Juazeiro do Norte/CE – terra de Padre Cícero – para participar uma série de romarias e encontros religiosos em sua homenagem. O jornal *O Estado de São Paulo* enviou o jornalista Lourenço Filho a Juazeiro do Norte/CE para investigar quem era o religioso que movimentava milhões de fiéis no nordeste, que escreveu o seguinte trecho:

um recuo no tempo para os olhos de um filho do Sul, a vida parece desandar, girar ao inverso, vinte anos menos em cada dia de viagem... povo hábitos, manifestações estéticas e religiosas, ideias e preconceitos, tudo soa no vazio de eco, com vocês indefiníveis de alongado pretérito (Lourenço Filho, 1920 apud Albuquerque Júnior., 2009, p.73)

Esse trecho escrito por Lourenço Filho traduz a impressão que os veículos de comunicação do sudeste construíam do nordeste e todos os signos que envolviam aquela região. Evidentemente que não possui a intenção de determinar nesta pesquisa a maneira mais adequada de abordar a nordestinidade, minha crítica está centrada no recorte das reportagens que definiam um determinado padrão e enquadramento da identidade do nordeste como excêntrica e exótica comparada ao “modernismo” que atravessava os estados do sudeste.

Um segundo ícone que influenciou a formação do estereótipo nordestino está ligado ao movimento do cangaço. Liderado por Virgulino Lampião, o cangaço era formado por homens e mulheres que percorriam o sertão do nordeste. Fortemente armados e violentos, esses indivíduos invadiam as cidades e saqueavam tudo que lhes era de interesse. Além disso, Lampião, sempre que tomava pouso em uma cidade, organizava uma festa para os seus cangaceiros e obrigava os pais da região a cederem suas filhas para dançarem com os seus jagunços. Quando algum de seus homens decidia levar uma dessas meninas consigo não havia negociação com os pais, a moça era obrigada a acompanhar o bando e se tornar esposa do cangaceiro que lhe escolheu³.

O bando de Lampião também era retratado pelos jornais do país. Havia uma curiosidade por parte dos jornalistas em entender o que motivava aquele grupo a percorrer o sertão. Não eram benfeitores, pois matavam qualquer pessoa que lhes fosse conveniente, até mesmo de famílias mais simples; porém, para alguns, Lampião era um justiceiro, já que também não perdoava os abusos dos coronéis das

³ Documentário **Os últimos cangaceiros**. Direção e produção: Enrique Hernandez, 2011.

cidades do sertão. O Jornal *O Povo* de 1928 publicou um entrevista feita com Lampião; na época, o jornalista retratava o Cangaceiro como um selvagem do sertão a partir do título da reportagem: “O Monarca Selvagem dos Sertões”. Em uma de suas falas, Lampião explicava: "Não sou cangaceiro por maldade minha, mas pela maldade dos outros”.

Todo esse cenário do cangaço e do messianismo refletiu na criação de um estereótipo da identidade nordestina. Logo, quando o sudeste pensava nos sujeitos nascidos nos estados do nordeste, os enquadravam a figura de um indivíduo de pouco trato e entendimento, no que se refere à modernidade do sudeste. Eram cidadãos atravessados pela seca do nordeste e que não possuíam acesso a um crescimento socioeconômico em seu território de origem.

Com o desenvolvimento da imprensa no país, a curiosidade nacionalista impulsionou ainda mais os jornalistas a visitarem e escreverem sobre a misteriosa região do nordeste, mas os intelectuais nordestinos também se aventuraram pelo Sudeste. As notas se dividiam da seguinte maneira: o nordeste era interpretado como uma região quente, seu povo era *estranho, porém simpático* (Albuquerque Júnior, 1999); o sul tem ares de território estrangeiro e pomposo. É interessante perceber que essas expedições pelo Brasil construíram uma dicotomia na noção do que é ser brasileiro. No traço das descrições feitas pelos jornalistas de ambas as regiões, foram colocadas distinções que referendavam ambos os territórios como estranhos, a partir do território de origem dos narradores. (Albuquerque Júnior, 1999).

De maneira geral, a identidade do nordeste é sempre pensada a partir das referências representativas do sudeste, o que reflete uma análise equivocada pois desconsidera as particularidades históricas de cada território no campo social, econômico e cultural. Essas etnografias colaboraram mais uma vez para a construção de um enquadramento da nordestinidade em que se tratando da região nordeste: toda cidade tem seca, toda cidade é miserável e todo nordestino padece pelos males de sua terra.

Algumas cidades eram consideradas referências no que diz respeito à identidade brasileira. As cidades como Rio de Janeiro, Recife e São Paulo, eram

exemplificadoras da identidade do país, as regiões para além dessas três cidades eram interpretadas como cidades cujas identidades eram excêntricas, atrasadas e outros adjetivos subordinando-as às três referências acima. (Albuquerque Júnior, 1999)

Incontestavelmente o Sul do Brasil, isto é a região que vai da Bahia até o Rio Grande do Sul apresenta um tal aspecto de progresso em sua vida material que forma um contraste doloroso com o abandono em que se encontra o Norte, com seus desertos, sua ignorância, sua falta de higiene, sua pobreza, seu servilismo. (N/a Jornal O Estado de SP, 20 de outubro de 1923 apud Albuquerque Júnior, 1999, p.55)

Traçar um quadro comparativo entre o nordeste e o sul era um dos exercícios da imprensa brasileira. O Estado de São Paulo, por exemplo, lança uma série de artigos intitulada *Impressões do Nordeste*, da qual um dos fragmentos citei logo acima. Os jornalistas retratavam a condição do nordeste com um entendimento naturalista, ou seja, aquela região era miserável por suas condições climáticas que desfavoreceram o seu desenvolvimento, além disso, tal situação é agravada devido ao nordestino representar uma “raça” intelectualmente inferior, comparada ao eugenismo paulista e carioca. (Albuquerque Júnior, 1999)

Posteriormente à série *Impressões Nordestinas*, o jornal ainda lança a etnografia *Impressões de São Paulo*, trazendo todas as impressões sobre o progresso da cidade paulista. Fazendo oposição ao nordeste, o jornal apresenta a cidade de São Paulo como superior em seu desenvolvimento, e um dos motivos está ligado ao seu clima ameno que favorecia o progresso sustentado pelo trabalho dos paulistas. Sua população, diferente da nordestina, que trazia um déficit intelectual, era formada por imigrantes europeus, o que segundo os jornalistas refletia a superioridade intelectual dos paulistas. É interessante perceber que em nenhum momento a reportagem faz qualquer referência à população negra ou indígena como sendo parte da população paulista. (Albuquerque Júnior, 1999)

Esse posicionamento do jornal reflete a construção de pensamento da elite brasileira frente a região nordeste. Essas reportagens que traçam quadros comparativos entre as regiões não levam em conta a injusta distribuição de renda no país e a distinta formação política de ambas as regiões. É preciso lembrar que o nordeste sempre foi fortemente assolado pelo coronelismo que seguramente

comparo a uma forma de governo fascista e exploratória, visto que as ordens dos fazendeiros eram leis naquele território.

Além de sua imagem ter sido absorvida por esse elite como um território inferior no que diz respeito ao desenvolvimento socioeconômico, o nordestino, com seu perfil estranho aos padrões do sul, é transformado em um personagem cômico, os atores então ocupam os palcos das metrópoles interpretando essa figura de maneira cômica baseada em sua corporeidade e sotaque “diferente”.

A curiosidade em torno desse Nordeste que era inventado neste momento, como o “outro” de São Paulo, pode ser confirmada pelo sucesso do espetáculo de Cornélio Pires, apresentado no Teatro Fênix em 1926, que se chamava: “Brasil Pitoresco – Viagem de Cornélio Pires ao Norte do Brasil”, feito para que o público risse das “coisas pitorescas, exóticas, esquisitas, ridículas, dos irmãos do Norte”. Descobre-se o nordestino como um bom tipo para espetáculos de humor. (Albuquerque Júnior, 1999, p.45)

Nem tudo o que falam sobre a região traduz de maneira correta aquele território, bem como está longe de interpretar de maneira coerente o que é ser nordestino. O nordeste não se limita à seca e à miséria, ali há um território vasto em sua diversidade cultural e artística, de modo que não faz sentido considerar o nordestino sempre como um homem rude, sem delicadeza e trato. A nordestinidade vai além desse penoso quadro construído pelos canais de comunicação. O nordeste traz uma rica identidade formada por influências indígenas, africanas e europeias, que podem ser percebidas pelas suas dinâmicas sociais que envolvem culinária, danças e ritmos. Cada estado em constante fluxo possui uma identidade diversificada para além da seca e miséria construída e em certa proporção mantida até os dias de hoje em alguns discursos de intolerância de alguns brasileiros.

Frente a uma região tão vasta, para mim se tornou uma tarefa deverás complexa definir o que é a nordestinidade, por sorte em uma de minhas leituras sobre a região encontrei um texto do artista plástico Sidney Francisco⁴ intitulado “*A história da festa perene*” que acredito dar conta do que é essa nordestinidade que está presente na Feira de São Cristóvão, mas que foi estereotipada de forma tão reduzida aqui no sudeste.

4 Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1044375775595638&set=gm.1635216773399623&type=1&theater>

Quando pinto o nordeste sou sertanejo seguidor de Conselheiro, com Canudos na cachola. Sou cangaceiro que combate Lampião, sou o vaqueiro no cavalo desvirginando a caatinga tocando o gado pro curral. Quando pinto o nordeste, sou Patativa com seus versos simples, inspirados em poetas simplesmente geniais, sou os grupos de caboclinhos, maracatus e folias, sou Galo da Madrugada banhando o mundo de manhãzinha com acordes de Capiba! Subo e descendo frevando nas ladeiras de Olinda, sou o barro dos bonecos do mestre Vitalino, sou Boi-Bumbá do Maranhão, sou milhares de sanfonas festejando o São João, sou um pé de serra que levanta a poeira, bailando com os pés alado dando um cheiro no cangote pertinho de seus cabelos, sou o céu e o sol eternizados no sertão, sou comedor de calango e palma se precisar sobreviver, sou um pingo de chuva mandado por São José, sou também o São Francisco caldaloso e o velho Chico das pinguelas, sou Paulo Freire, Jorge Amado, sou Ariano Suassuna e todos os poetas cordelistas das feiras. Sou Januário inspirando Luiz Gonzaga que inspira Dominginhos e muitos outros mais, sou Sivuca “mangaiando”, sou Geraldo Azevedo, Caetano, Gil, Bethânia, Gal e todas as vozes que cantam esse hino, sou Chico Science e todos os grupo que emanam cultura contemporânea nordestina. Sou um acorde de guitarra transportado pro sertão nos “terens” bom desses meninos sem ferir raiz nem tradição. Ainda sou Jackson do Pandeiro o rei do ritmo brasileiro, sou artista popular contemporâneo tomando ciência do cenário brasileiro....

Diante de um território vasto, com referências e climas tão distintos, é impossível construir uma identidade estática e única para o Brasil e qualquer outro território. Impor um formato de enquadramento de uma identidade é ignorar a diversidade cultural. Portanto, é preciso salientar a diversidade de cada território. Construir um quadro comparativo – como feito pelo jornal O Estado de São Paulo com sua etnografia “*As Impressões do Nordeste*” e posteriormente “*As Impressões de São Paulo*” - destacando as diferenças entre as regiões nordeste e sudeste ilustrando um ideal de organização socioeconômica para as cidades fora do principal circuito de evolução socioeconômica (São Paulo, Rio de Janeiro e Recife) está longe de representar uma legitimidade etnográfica.

A construção da nordestinidade é também atravessada pela formação urbana e o crescimento econômico do país. A partir da década de 20, o Centro-Sul passa por um crescimento elevado no campo socioeconômico. O modernismo liderado por

Oswald de Andrade coloca em evidência a elite brasileira que traz consigo códigos e signos a serem absorvidos por aqueles que se consideravam referências no convívio da modernidade.

Essas figuras, signos, temas que são destacados para preencher a imagem da região, impõem-se como verdades pela repetição, o que lhes dá consistência interna e faz com que tal arquivo de imagens e textos possa ser agenciado e vir a compor discursos que partem de paradigmas teóricos os mais diferenciados. Vamos encontrar as mesmas imagens e os mesmos enunciados sobre o Nordeste em formulações naturalistas, positivistas, culturalistas, marxistas, estruturalistas, etc. (Albuquerque Júnior, 1999, pg.62)

Entretanto, o nordeste do país não dominava a gramática modernista. A região vinha de uma crise de dependência econômica, sua influência no cenário político convivía com um enfraquecimento de anos, o território não era atrativa para a tecnologia. Essa difícil realidade socioeconômica resultou em uma diminuição do número de mão de obra a partir do movimento migratório que assolou a região

O tema da seca e a miséria do nordeste é uma forte característica na construção da identidade nordestina, uma imagem que em alguma medida até os dias de hoje é mantida pelos meios de comunicação. Porém, a nordestinidade perpassa por outros signos particularmente ligados à construção da tradição nordestina. A memória dessa região é formada por referências culturais daquele território, episódios como a Insurreição Pernambucana, as Invasões Holandesas fazem parte dessa construção da identidade nordestina. Além disso, existe uma preocupação dos intelectuais daquele território, em construir uma sensação de pertencimento no homem de hoje pelas referências de seus antepassados. Portanto, a tradição no nordeste é construída como um fator legitimador daquele espaço. “*O nordeste tradicional é um produto da modernidade.*” As referências da tradição nordestina estão sempre pautadas em um contexto rural e patriarcal. São manifestações de caráter popular que buscam se aproximar da legítima relação social, uma pertença à terra e a sua legítima raiz. (Albuquerque Júnior, 1999)

O enquadramento da nordestinidade tem um caráter fortemente cultural é construída a partir de intelectuais e artistas que com suas obras elevam a região como um celeiro de manifestações artísticas e culturais. É a partir dessa movimentação que se tem uma concretização da identidade nordestina por meio da

música, na década de 40, com Luiz Gonzaga, do teatro, também na década de 40, com Ariano Suassuna, da literatura, com Rachel de Queiroz e José Américo Almeida, na década de 30, e nas artes plásticas, na década de 50, com Lula Cardoso Ayres, Cicero Dias. (Albuquerque Júnior, 1999)

O movimento de intelectuais e artistas proporcionou esse enquadramento ser projetada aos quatro cantos do país, a memória estava sendo (re)construída e a dizibilidade estava assenhorada por esses atores que eram detentores da representatividade. Portanto, o poder de como construir a imagem do nordeste estava, ao menos em parte, aquém de uma intervenção midiática.

Os romancistas de 30, como são chamados Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Américo Almeida, Graciliano Ramos, entre outros, resgatam a memória do nordeste, constroem uma narrativa descritiva do cenário sertanejo. Seus personagens representam uma rede de relações estabelecidas no contexto rural, como o filho do fazendeiro que foi estudar na capital, a saga da família de retirantes, o matuto braço direito do capitão. Todos esses personagens traduzem a corporiedade e as relações do nordestino com sua terra, o matuto chegava a outras regiões do país em forma descritiva, em forma de poema e narrativa.

No teatro, quem dá o tom da nordestinidade é Ariano Suassuna com seu sertão encantado. A narrativa de Ariano trazia um nordeste atravessado pela seca e miséria, mas também um território místico e sagrado banhado por uma nobreza sertaneja. A construção dos seus personagens vai além do sertanejo bronco, ele apresenta também personagens fantasiosos, fruto das lembranças de sua infância. Ariano descreve em linguagem de cordel um nordeste híbrido do sagrado e do pagão, realismo e fantasia, “*sentimental e antipoético*”. (Albuquerque Júnior, 1999)

Esses dois formatos de linguagem – literatura e teatro – constroem a nordestinidade a partir do resgate da memória, em favor de um passado que é trazido para o presente e caminha para o futuro. Esses autores reconhecem as relações estabelecidas no passado do nordeste rural como mais autêntica dentre todas e por isso é necessário preservá-las do crescimento do movimento modernista. *Se o passado é melhor que o presente e ele é melhor promessa de futuro caberia a todos se baterem pela volta dos antigos territórios esfacelados pela*

história. (Albuquerque Júnior, 1999, p. 100)

Saindo do campo literário, as artes plásticas também influenciaram na construção do enquadramento. Ela desconstrói a imagem do nordeste dos romancistas de 30. Suas obras influenciarão a construção da cenografia em trabalhos no campo do audiovisual. As pinturas não retratam imagens “fiéis” da realidade nordestina, os artistas possuem um traço que retrata seu olhar a partir do campo simbólico, traduzindo os signos do nordeste por meio de formas não “lineares” de ícones regionais, como as danças populares, personagens folclóricos, a flora do sertão, as cores fortes da região, o sol forte. (Albuquerque Júnior, 1999) Um tempo rural, dos senhores de engenho e suas esposas, das crianças correndo no sertão e a poeira subindo, a reminiscência da escravidão e o sertanejo detentor de uma pureza e menestrel da natureza.

Essa construção é feita não só pelo discurso dos intelectuais nordestinos. Diferentes mitos fundadores vão se erguer entre o sul e o nordeste sobre o surgimento do sertão e seu antagonismo com o sul, sendo todas as versões explicitadoras das diferenças socioeconômicas entre os territórios. (Albuquerque Júnior, 1999)

No Brasil, os estados nordestinos foram responsáveis pela elevada taxa migratória em direção a São Paulo e ao Rio de Janeiro, detentores de um efervescente crescimento econômico no campo da indústria e da construção civil. Não é à toa que a diáspora nordestina tenha caracterizado a região como um território da saudade.

A música é uma das maiores traduções dessa nordestinidade, uma linguagem artística que possui uma representatividade popular franca ao ponto de conseguir alcançar todas as classes sociais. O ritmo do baião é o primeiro estilo musical que cantará o nordeste pelo mundo, é a única representação da saudade do migrante que se encontra em meio a um deserto de representatividade nordestina na cidade. O precursor do estilo: Luiz Gonzaga! Surge na década de 40, traz em sua marca da oralidade o sertão, suas letras são verdadeiras pinturas em poema traduzindo a paisagem ruralina e o cotidiano nordestino. Gonzagão, como era chamado, materializa o estereótipo do nordestino, cuja identidade é atravessada pelo cangaço

e messianismo, e através de sua voz ele inaugura nas rádios uma nova forma de ouvir música a partir de seu sotaque carregado e sua construção poética.

O nordeste não é feito só de melodia, música no sertão é sinônimo de dança, ou, como reflete Durval Júnior (1999, p.176), música para o nordestino é mais “muscular que auditiva”. Contudo, o migrante chega em um espaço tomado pela lógica urbano-industrial que engessa o seu corpo que dança, toca e canta; a ele é permitido somente escutar e cumprir a rotina fabril. Seu cotidiano, antes tomado pelo forró, ganha a cadência do som das máquinas.

A música de Luiz Gonzaga cumpre um papel social junto aos migrantes, quando evidencia os signos da nordestinidade em som. A partir de sua música, o cantor interpretava uma terra que agora vive na saudade, referências de uma infância longínqua, e que, agora, o baião trazia de volta junto com melodia, a sensualidade dos nordestinos na dança, o pé arrastando na cadência da sanfona, zabumba e triângulo, dando vida à corporeidade do nordestino.

Uma música que vai ligar subjetividade díspares, que vai produzir um “sentir nordestino”, instituir uma certa “visão nordestina” das formas e dos sentimentos, cantando a “verdade nordestina” com seu timbre de dor, tornando a sua própria forma de cantar um índice de regionalidade. São introduzidos em sua música signos sonoros que buscam produzir uma sensação de proximidade da “realidade regional”, presentificando-a por meio de aboios, gritos, estalar de chicotes, latidos de cães, mugidos de vacas, cantorias, pinicar de violas. (Albuquerque Júnior, 1999, p.180)

O baião ganha espaço em jornais, rádio, revistas e canais de televisão (Albuquerque Junior, 1999) que tomam gosto pelo ritmo do nordeste, e Luiz Gonzaga não se abstém em exaltar a nordestinidade. O nordeste é visto com outros olhos, ganha espaço nos meios de comunicação para além da seca e da miséria, embora esses temas não tenham sido ignorados pelo cantor em suas canções. Gonzagão é o porta-voz do nordeste, é o único capaz de falar ao país e aos governantes as lamúrias de seu povo. (Albuquerque Júnior, 1999).

Mas o nordeste não é só sofrimento, e quanto a isso, o cantor também não abre mão de exaltar o nordeste de festa, de belezas e esperança. Seu povo é retratado com fidelidade em um cotidiano de muita luta e trabalho no campo, a seca existe, a miséria assola, mas Gonzaga pinta a nordestinidade para além de um sofrimento constante.

Embora o nordeste possua uma alta taxa migratória, o desraizamento de sua cultura não afetou consideravelmente algumas de suas tradições.

Isto se deve exatamente ao fato de a 'cultura nordestina' ser uma invenção recente, assim como o Nordeste, fruto em grande parte deste próprio desraizamento. Esse espaço e essa cultura da memória, do passado, não são apenas evocação, mas principalmente, criação de um espaço imaginado e de tradições feitas em contraponto à realidade urbana e sulista, enfrentada pelos migrantes. (Albuquerque Júnior, 1999, p. 1999)

Enquanto artista, Luiz Gonzaga atua legitimando uma cultura que em toda a sua história esteve marginalizada devido a sua característica de atraso tanto na área social quanto econômica (Albuquerque Júnior, 1999). Entretanto, sua população, ainda que em diáspora, mantém-se fiel à identidade de seu lugar e constrói representações de suas referências culturais em novos territórios. Portanto, a música de Luiz Gonzaga assume um papel na vida dos migrantes de resgate e restauração de suas memórias.

O Baião de Luiz Gonzaga atua no sentido de valorizar a nordestinidade, contudo, também reforça o estereótipo do sujeito nordestino. Embora os estados possuam referências próximas no que diz respeito ao sotaque, comidas, festas entre outros signos, alguns aspectos são distintos entre si, dentre eles a própria identidade dos sujeitos. É claro que, em um território estranho a sua identidade, os migrantes negociam suas diferenças, mas, de maneira geral, cada indivíduo gosta de ser reconhecido de acordo com suas origens, ou seja, quem é do Maranhão é maranhense e não "paraíba", e assim por diante.

Mas o nordeste não é só peleja. Gonzagão também traz de forma bem-humorada a caracterização do nordestino matuto, cuja reflexão é os próprios nordestinos passarem a se reconhecer como tal. Diferente da primeira caracterização cômica no teatro, a música de Gonzagão, quando fala das dificuldades e particularidades do matuto, seja na cidade ou no campo, não ofende seus conterrâneos, pois nesse momento é um filho do nordeste falando para outro. Portanto, sem grandes problemas, o nordestino assume o seu papel de "jeca", um sujeito avesso às modernidades da cidade grande, mas grande entendedor dos recados da natureza.

Se me pedissem para resumir o nordeste em uma palavra, eu diria *saudade*.

Por toda a ausência de uma governança descentralizadora, o nordeste sempre foi atravessado pela ausência de um política socioeconômica que oferecesse condições aos seus filhos de crescer e construir suas famílias em “casa”. Foi preciso o nordestino atravessar as fronteiras do sertão para buscar o sustento e quem sabe assim um dia poder voltar para sua terra. O nordeste fica na saudade de quem vai embora, e de quem nasce longe dos seus. Saudade do cheiro, da cor, das conversas na beira da calçada sentado em cadeira de macarrão, de dormir na rede e comer comida simples, com farinha e sabor marcante. Saudade da inocência da brincadeira na rua, da lua iluminando o terreiro, do candeeiro, da tramela e do forró.

Gonzaga traduz o nordeste em suas músicas que, como acalanto, repousam nos ouvidos dos que tiveram que partir. Em som, roupa e performance, ele apresenta a nordestinidade da festa e da seca ao povo do Brasil. Um nordeste que cultiva sua fé em Padre Cícero e que algumas vezes parece ser duro como o cangaço, mas que é só ouvir uma toada que os olhos se encham de lágrimas.

O nordestino escolhe migrar, mas também escolhe não abrir mão de sua identidade em um território alheio a suas referências culturais em um contexto urbano totalmente obscuro a ele.

Capítulo 2. Quando eu vim do sertão Seu Moço.⁵

*Em um caminhão
 Ele joga a família
 Chegou o triste dia
 Já vai viajar
 Meu Deus, meu Deus
 A seca terrível
 Que tudo devora
 Lhe bota pra fora
 Da terra natá
 (Triste Partida - Luiz Gonzaga)*

Etimologicamente, a palavra “migrar” significa “mudança”. Contudo, complexificando esse sentido, é possível entender que o campo da etimologia não dá conta dos inúmeros outros sentidos para além do deslocamento geográfico. Sendo assim, o sentido de “migrar” é a representação simbólica de uma mudança atrelada à possibilidade de uma emergência econômica e afirmação social. Portanto, migrar possui um cunho predominantemente social, e a escolha do destino está baseada no território que demonstra maiores possibilidades dessa ascensão ocorrer.

Migrar é, em última instância, dizer não à situação em que se vive, é pegar o destino com as próprias mãos, resgatar sonhos e esperanças de vida melhor ou mesmo diferente. O problema está no fato de que numa vasta produção discursiva, retirou-se do migrante a sua condição de sujeito, como se migrar não fosse uma escolha, como se ele não tivesse vontade própria. Migrar pode ser entendido como estratégia não só para minimizar as penúrias do cotidiano, mas também para buscar um lugar social onde se possa driblar a exclusão pretendida pelas elites brasileiras através de seus projetos modernizantes. (GUILLEN, 2001, p.01).

O desenvolvimento econômico da região sudeste, sobretudo nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, impulsionou a taxa migratória no país. Segundo Lopes (1987), o fluxo para as duas capitais chegava principalmente dos estados do nordeste e Minas Gerais, tendo um aumento considerável na década de 50 e 60.

Um dos impulsionadores para esse crescimento certamente foi a ascensão do

⁵ Sobre migração ver LOPES, JRB. **Desenvolvimento e mudança social: formação da sociedade urbano-industrial no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. ABREU, Maurício de Almeida. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, IPP, 2013.

setor industrial, pois além de absorver a mão de obra vinda do interior, sua instalação trazia consigo um forte desenvolvimento urbano como o crescimento da malha viária, da rede de comunicação e saneamento básico. Conseqüentemente, outras frentes de trabalho ligadas a setores distintos da indústria – porém complementares – surgem; a construção civil, por exemplo, cresceu nessa época, e empregou um alto número de trabalhadores sem mão de obra especializada⁶. Vale lembrar que na década de 50 a taxa de analfabetismo no Brasil chegava a 56%, sendo a concentração maior nos estados do norte e nordeste. (Censo/IBGE 2010).

O surto da construção civil durante o pós-guerra, e principalmente na década dos anos 50, o aumento dos serviços semi qualificados nas indústrias tecnicamente mais modernas de São Paulo (onde as funções do processo produtivo foram subdivididas de tal forma que podem ser executadas em pouco tempo por pessoa sem qualquer experiência industrial), atraem em alta proporção um operariado de origem rural, parte do qual provém do nordeste. Abrem-se também perspectivas de emprego (ou talvez de subemprego, em situação porém certamente mais atraente da que gozavam na zona rural), em múltiplas ocupações de comércio e “serviços” urbanos. (Lopes, 1987, 64)

Em contrapartida ao progresso dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, encontramos a tendência de abandono de outras regiões do país, sobretudo no norte e nordeste que padecem do descaso do Poder Público no quadro ainda menos satisfatório das condições básicas de alimentação, educação, saúde e moradia para a população. Em situação de miserabilidade, grande parte da população nordestina pouco tinha para sobreviver em sua terra. As secas que abatiam a região e a presença tardia do coronelismo como forma de governança no sertão conferiam ao sertanejo um cenário de poucas oportunidades, em que se verifica o reconhecimento mínimo de sua cidadania.

Diante desse cenário dicotômico, como se reconhece, deu-se a grande migração da população nordestina. Uma parte se deslocou para a região Amazônica devido ao advento da borracha no final do século XVII, outra para a região sudeste, com crescimento maior a partir da década de 1940, sendo os destinos concentrados nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, devido à grande oferta de emprego em cargos que não exigiam pré-requisitos de formação para além da força, disposição e

6 A indústria também absorvia a mão de obra não especializada (Lopes, 2008, pg. 55)

vontade de trabalhar. (Lopes, 1987)

Com a grande seca de 1877-79... mais da metade da população do Ceará, segundo Rodolpho Theophilo, o seu historiador, pereceu por causas, direta ou indiretamente, a ela relacionadas. Alguns retirantes dirigiram-se à Amazônia. As migrações na quase totalidade restringiram-se ainda à região. Pela primeira vez, porém, a Nação tomou consciência do flagelo. A seca nordestina passou a ser problema nacional. Daí em diante, flagelados começam a sair da região, atraídos pela borracha da Amazônia. Com a *débâcle* dessa economia, nos anos 20, diminuiu esse movimento. (Lopes, 1987, p. 57)

É interessante perceber como o sentido de migração é deslocado com o tempo. Antes, qualquer um que tomasse a decisão de mudar era considerado uma perda para família (Lopes, 1987, pg 59 apud Pinto, 1952). Contudo, com o tempo, as cidades do interior do nordeste passam a estar assenhoradas das possibilidades que a grande metrópole possui em detrimento da cidade pequena. Quando meu pai migrou, em 1975, para São José dos Campos/SP, ele foi o primeiro e único de 16 filhos a tentar a vida longe do Piauí; minha avó em nenhum momento se opôs a sua partida, entendendo que a ida de filho fazia parte de um contexto que atravessava os jovens do nordeste em busca de dias melhores.

O deslocamento dos nordestinos para o sudeste inicialmente era realizado por via marítima; posteriormente, as primeiras estradas ligando as duas regiões foram construídas, então o fluxo migratório passa a percorrer essas vias a bordo do pau de arara, com o passar dos anos ele deixa de ser usado e as empresas de ônibus assumem o traslado.

A reflexão que apresento aqui sobre a migração nordestina tenta dar conta de um contexto que impulsiona o deslocamento dos sujeitos entre os estados do nordeste para o sudeste. Essa mudança de região, leva o nordestino a encontrar um contexto social diferente do que influenciou a formação de sua identidade, que por sua vez não dialoga com as representações que ali estão construídas. O Rio de Janeiro, território em que a Feira de São Cristóvão surge, estava se formando enquanto metrópole brasileira. A cidade era o reflexo de uma sociedade moderna, com desenvolvimento industrial, carros, prédios e moda, esses elementos em nenhum momento traduziam a identidade do migrante recém-chegado do interior do nordeste.

2.1. No Ceará não tem disso não

*Nem que eu fique aqui dez anos
Eu não me acostumo não
Tudo aqui é diferente
Dos costumes do sertão
Num se pode comprar nada
Sem topar com tubarão
Vou voltar pra minha terra
No primeiro caminhão
(No Ceará não tem disso não – Luiz Gonzaga)*

Os anos de 1930 até 1960 foram atravessados por um expressivo crescimento urbano na capital federal – Rio de Janeiro. Essa expansão na área social e econômica do país transformaram as dinâmicas do território, de um Brasil rural ganhamos ares de uma metrópole urbana. (Bernardes, 1987)

O desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro foi pautado pela localização do mercado de trabalho na cidade. A princípio, as indústrias se instalaram no centro da cidade; contudo, a precariedade do transporte público não dava conta de atender todas as regiões do município, sobretudo os bairros mais distantes e pobres. Com isso, os trabalhadores passaram a ocupar ilegalmente os terrenos vazios próximos às empresas e construir suas casas.

Essas ocupações refletiam uma contradição do momento social pelo qual o Rio estava passando. A partir da década de 30, a cidade estava seguindo um modelo em que as construções civis deveriam obedecer preceitos burocráticos junto à administração pública, no entanto, o controle urbanístico ignorava as invasões desses trabalhadores por motivos econômicos e políticos. O crescimento das favelas no centro da cidade era abrigo de migrantes recém-chegados na cidade, migrantes esses que formavam grande parte da mão de obra barata de imenso interesse para as indústrias em crescente desenvolvimento no território. Além disso, embora o setor imobiliário também estivesse em ascensão, esse não tinha interesse em terrenos íngremes – morros – ou seja, o espaço ocupado pela favela era em tese um terreno

desvalorizado. Ademais, a favela estava longe de ser vista como um problema social para os políticos, ali a concentração de moradores era alta, o que em época de eleição trazia votos para os candidatos.

Posteriormente, visando o custo-benefício de suas produções, as indústrias deixam o centro da cidade e se deslocam para o subúrbio. Com isso, o mercado de trabalho para a população pobre se descentraliza, e, conseqüentemente, novas favelas surgem próximas a esses novos nichos de trabalho. Essa dinâmica descentralizadora da cidade repercutiu em uma cidade em que a estratificação social se caracterizasse de maneira diferente de outras metrópoles. Evidentemente, como a história nos mostra, o Poder Público sempre priorizou seus investimentos em melhorias nos bairros mais afortunados, além – é claro – de priorizar o interesse das elites econômicas. Nesse sentido, os bairros da zona sul contavam com a garantia de uma boa estrutura urbana, isso indiretamente beneficiava os moradores da favela do entorno, já que a fronteira entre esses dois universos está no campo social e não geográfico. O governo também voltava a sua atenção para as indústrias localizadas no subúrbio, então, tal qual na zona sul, o desenvolvimento urbano nesses bairros beneficiava os moradores que habitavam as favelas daquele entorno. (Abreu, 1987).

A essa época, o Brasil era atravessado por uma política de governo populista, de cunho extremamente paternalista com os trabalhadores. O subúrbio da capital federal ganhava casas populares em conjuntos habitacionais que, além de garantir moradia para uma população pobre, mudava a configuração estética do lugar e angariava votos futuros para o partido da situação. (*Ibidem*, 1987)

Sem dúvida, o crescimento industrial na cidade do Rio de Janeiro foi motivador para o aumento do fluxo migratório na cidade. Inicialmente, esse movimento partiu de cidades e estados mais próximos do Distrito Federal, posteriormente, a partir da construção da BR 116 Rio-Bahia houve o advento de migrantes nordestinos. A eclosão da indústria trouxe ainda um forte desenvolvimento na prestação de serviços tanto no comércio como em demanda predial⁷ (portaria,

⁷ Na década de 40 os bairros da zona sul passam por um crescimento imobiliário pautado por um processo de verticalização em que os antigos casarões demolidos davam lugar a prédios de até 12 andares.

zeladoria, limpeza etc), gerando ainda mais empregos na cidade, mas infelizmente a demanda era pela contratação de uma mão de obra barata. O transporte público é ampliado e passa a atender as cidades do entorno. Em suma, a indústria foi uma dos grandes impulsionadores dessa nova conformação social e territorial no Rio de Janeiro. (*Ibidem*, 1987)

Como forma organizacional e privilegiando os investimentos na indústria, o Estado define pelo Decreto-lei 6000/37 a primeira zona industrial da cidade. Estava inclusa nessa determinação a região do bairro do Jacarezinho até Bom sucesso, incluindo também São Cristóvão. O bairro de São Cristóvão possui uma grande representatividade histórica na cidade do Rio de Janeiro; ao longo de sua história, passou por diversas conformações sociais e estruturais. Em 1808, o bairro foi o local escolhido para abrigar a residência da corte portuguesa, com isso, naturalmente passa a ser reconhecido como o território mais aristocrático da cidade. As residências ali construídas eram imponentes e abrigavam somente a alta sociedade, formada por fidalgos portugueses, comerciantes e militares. (Mello, 2012)

O elevado padrão econômico que movimentava São Cristóvão, fez com fossem instalados no bairro os melhores serviços estruturais da cidade, logo os casarões podiam contar com o fornecimento de água, luz e esgoto. (Morales, 1993). Passada a época imperial do bairro, a privilegiada infraestrutura de São Cristóvão começa a atrair instalações de indústrias, iniciando assim a transformação do perfil de bairro residencial para passar a polo industrial, com intensificação ainda maior a partir do Decreto municipal. Diante desse cenário, São Cristóvão deixa de vez os ares da aristocracia para trás e se transforma em um “*bairro industrial e proletário*” (Bernardes, 1987).

Contudo, em 1946, surge a Avenida Brasil, que oferecia acesso rápido ao bairro e direto a pontos mais distantes da cidade. Isso fez com que os empresários percebessem a rentabilidade de venda de seus terrenos em São Cristóvão e a oportunidade de refazer suas indústrias em locais mais afastados, com custos mais baixos de produção, porém permanecendo ainda favorecidos com a nova malha viária. A partir desse período, São Cristóvão passa a ser um bairro com casarões e galpões de fábricas abandonados (Morales, 1993), que posteriormente passam a ser

comprados por pequenas empresas que não necessitam de grandes instalações e podem contar com uma mão de obra barata, e um farto meio de transporte.

O quadro que era desenhado no Rio de Janeiro da década de 50 era o contínuo crescimento das favelas, tanto no centro quanto na zona sul, e dos subúrbios, expansão da indústria e do mercado de serviços na zona sul carioca e que dialogava diretamente com o crescimento da sua verticalização. Esses fatores eram sintomáticos no crescimento da taxa migratória na cidade.

No que diz respeito à ocupação principal dos assalariados, o setor secundário revelou-se predominante, já que absorvia 30% da população, seguido da construção civil e dos serviços domésticos (20% cada). Estas duas últimas fontes de emprego – ao contrário da primeira – localizam-se sobretudo na zona sul, conforme será discutido adiante. Seguiam-se em importância o comércio e os transportes (10% cada) e a administração pública (6%). Quanto aos rendimentos, e ao contrário do que se poderia esperar, somente 26,2% dos favelados ganhavam menos do que um salário mínimo....

É importante salientar, entretanto, que apenas um número restrito dos migrantes veio ocupar as favelas: a estimativa de Parisse é que somente 12,3% dos migrantes chegados à cidade na década de 1940 escolheram-nas como local de residência..... foram os subúrbios mais afastados do centro e, principalmente, os municípios da Baixada Fluminense, que abrigaram a maior parte dos recém-chegados ao Rio. (Abreu, 1987, p.107, 108)

Para além do progresso no setor industrial e de serviços, a década de 40 e 50 ficou marcada no Rio de Janeiro pela construção de obras com forte impacto político na cidade, como por exemplo a abertura da Avenida Presidente Vargas, além da

a construção do Aeroporto Santos Dumont (em aterro) e a urbanização da Esplanada do Castelo – ainda vazia de construções, e que passaria a abrigar as sedes de vários Ministérios da República... (Abreu, 1987, pg.114).

A década de 50 não deixou a desejar no crescimento da cidade. Ainda que o governo Juscelino Kubitschek tenha voltado os investimentos todos para a construção da nova capital federal – Brasília, o Rio de Janeiro não deixou de atrair migrantes em busca de novas oportunidades na cidade maravilhosa. A construção civil continuava a plenos pulmões, o que conseqüentemente desdobrava-se em novas vagas de emprego; os terrenos vendidos para a construção de casas no subúrbio e na baixada fluminense tinham valores atrativos, e a fiscalização não se

preocupava muito na padronização das casas no que diz respeito a segurança e engenharia.

Se o período 1940-1950 se caracterizou sobretudo pelo aumento dos fluxos migratórios em direção à Capital da República, a década de 50 apresentou um movimento migratório ainda maior, daí resultando um acréscimo notável da população da área metropolitana. Com efeito, o Censo Demográfico realizado em 1960 indicou a presença de 1.291.670 migrantes com menos de 10 anos de residência.

O Rio de Janeiro congregava elementos que, aos olhos de quem estava no interior do país, eram impulsionadores para a troca de uma realidade rural e com pouca perspectiva para uma metrópole que estava em crescimento acelerado. Prédios em construção, comércio expandindo, indústria em pleno crescimento, logo o sonho da ascensão social e econômica era traçado e sua busca colocada em prática. A narrativa nordestina no Rio de Janeiro constrói em São Cristóvão um território de saudade atravessado por encontro e comunhão entre as diversas representações nordestinas e seus sujeitos. Contudo, a característica social e moderna da metrópole carioca excluía de sua dinâmica social a identidade nordestina que representava o atraso nacional. Sendo assim, um território que abrigava esses sujeitos em um primeiro momento não era benquisto pela cidade, entretanto parafraseando Euclides da Cunha, “*O nordestino é antes de tudo um forte.*”

2.2. Narrativa de uma heterotopia: 1945 a 2003, Campo de São Cristóvão, Rio de Janeiro, Brasil.

*Fumo de rolo arreio de cangalha
Eu tenho pra vender, quem quer comprar
Bolo de milho broa e cocada
Eu tenho pra vender, quem quer comprar
Pé de moleque, alecrim, canela
Moleque sai daqui me deixa trabalhar
E Zé saiu correndo pra feira de pássaros
E foi passo-voando pra todo lugar
Tinha uma vendinha no canto da rua
Onde o mangaieiro ia se animar
Tomar uma bicada com lambu assado*

E olhar pra Maria do Joá
Cabresto de cavalo e rabichola
Eu tenho pra vender, quem quer comprar
Farinha rapadura e graviola
Eu tenho pra vender, quem quer comprar
Pavio de cadeeiro panela de barro
Menino vou me embora
Tenho que voltar
Xaxar o meu roçado
Que nem boi de carro
Alpargata de arrasto não quer me levar
Eiii forró da muléstia..
(Feira de Mangaio – Sivuca)

A última parada do Pau de Arara acontecia no bairro de São Cristóvão (Nemer, 2011). Com o crescente movimento de chegada, o Campo de São Cristóvão passa a ser um ponto de encontro entre os nordestinos que aqui estavam com os que recém-chegavam. Percebendo a movimentação dos conterrâneos pelo espaço, alguns migrantes que aqui já estavam passaram a vender produtos tipicamente nordestinos que os caminhões paus de arara traziam a bordo. A partir daí, todo final de semana, com a chegada dos migrantes nordestinos ao Campo de São Cristóvão, um pequeno comércio gerenciado pelos próprios migrantes começa a se desenhar.

Diante disso, ao menos na proximidade daquele novo “porto” de acesso à cidade, o bairro de São Cristóvão converte-se em um território simbólico de saudade e de reencontros com a cultura nordestina. A feira nascente naquele local trazia para aquele grupo em diáspora o sentido de sua terra natal. Nascia então a Feira de São Cristóvão!

São Cristóvão é nos domingos
 O ponto mais brasileiro
 Encontro de nordestinos
 Que estão no Rio de Janeiro
 Lá passam horas saudosas
 Comendo coisas gostosas
 E ouvindo um bom violeiro

O Campo de São Cristóvão
 É palco de tradição
 Dos primeiros nordestinos
 Que deixaram seu torrão
 Sua família querida
 Vieram tentar a vida
 Viajando em caminhão

Iam para as construções
 Onde outros trabalhavam
 Trazendo carta e notícias
 Dos parentes que mandavam
 Aos domingos sem faltar
 São Cristóvão era o lugar
 Onde todos se encontravam

Ali passaram momentos
 De saudade e alegria
 Comprando coisas do norte
 Que um e outro trazia
 Fazendo reunião
 No ponto de condução
 De quem vinha e de quem ia.⁸

Para além da narrativa oficial, a história da Feira de São Cristóvão é acessada no registro da oralidade dos feirantes e artistas; o que me permitiu encontrar inúmeras versões de seu começo. Entretanto, de maneira simbólica, a Associação dos Feirantes atribuiu uma versão datada de 2 de setembro de 1945.

A história “oficial” de sua fundação conta que o poeta paraibano Raimundo Luiz do Nascimento, doravante Raimundo Santa Helena, decide homenagear os soldados que haviam recém desembarcado no Rio de Janeiro trazendo a vitória da Segunda Guerra Mundial. Os militares, assim que desembarcaram, dirigiram-se em comemoração ao Campo de São Cristóvão. Naquele tempo, ali acontecia todo final de semana uma festa feita por nordestinos com venda de comida típicas, bebidas e música.

Foi então que Raimundo Santa Helena, assíduo frequentador do que já se mostrava o desenho da Feira de São Cristóvão, ao passar pelo local, viu os soldados em comemoração, então decidiu homenageá-los recitando os seguintes versos (Mello, 2012, p.82)

⁸ Folheto Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas: Feira de São Cristóvão apud. Mello, 2012, p.78

Hoje terminou a guerra
 Vou plantar na minha terra
 Voltarei ao meu sertão
 Corpo e alma decepados
 Pensando nos fuzilados
 Com neurose de canhão
 Desconhecidos soldados
 Fazer guerra? Nunca irmão!!!

Contudo, uma outra versão é contada pelo cordelista José João dos Santos, conhecido como Mestre Azulão. Ele afirma que a Feira surgiu em 1949, após a construção da estrada Rio-Bahia em 1948. O artista argumenta que, somente com a inauguração da rodovia, foi possível os paus de arara transportarem os migrantes e produtos para o Campo de São Cristóvão, local onde aconteceria a Feira.

Mestre Azulão registra sua versão sobre a história da fundação da Feira em versos, em um cordel intitulado “A Feira Nordestina foi assim que começou”:

No ano de quarenta e nove
 Vim pro Rio a vez primeira
 Fui visitar São Cristóvão
 Então por essa maneira
 Sem de nada conhecer
 Depois eu pude entender
 O começo dessa feira

Foi num dia de domingo
 Eu vim com meu primo João
 Pagar a passagem dele
 Que veio sem um tostão
 Nisso um motorista fala:
 - Vá lá pegar sua mala
 Que está no meu caminhão

Eram dez horas do dia
 Eu vi um moreno forte
 Cercado de nordestinos
 Vindos no mesmo transporte
 Com uma lona no chão
 Vendendo fava e feijão,
 Gritava: - Chegou do norte!

Tinha até fumo de rolo
 Rede, rapadura e queijo
 Dizendo: - Aqui conterrâneo
 Este é puro e sertanejo
 Eu garanto a qualidade
 Você come e tem saudade

Mata a fome e o desejo.



Figura 1: Mestre Azulão na 6ª Conferência de Cultura de Nova Iguaçu, Julho 2013



Figura 2: Santa Helena no curta metragem "De repente Santa Helena", 2007

A projeção simbólica do nordeste, a partir desse espaço diaspórico, acompanha os moldes das feiras do nordeste, mas com o adendo de saudade e resistência. As relações estabelecidas naquele espaço o caracterizam como um espaço de fuga da cidade que não acolhia o migrante para além do trabalho, um território fortemente guetificado com fronteiras bem demarcadas, no qual o migrante transpunha ou convergia a vivência de sua nordestinidade.

Com lonas coloridas estiradas pelo chão, os produtos de origem nordestina eram ali colocados à venda. O nordestino que passava pelo local era tomado pelos sentidos do corpo e simbolicamente levado à sua terra natal. O cheiro dos temperos, do sarapatel, da buchada de bode, o colorido das redes e o som da sanfona transformavam o espaço em um "novo" nordeste de festa. Um oásis no sertão da cidade.

Para matar as saudades
A feirinha era um consolo
Fava, feijão e farinha

Beiju, tapioca e bolo
Rapadura e requeijão
Alpargata e cinturão
Cachimbo e fumo de rolo

Chinelo e chapéu de couro
Maleta feita de sola

Alçapão pra passarinho
 Colher de pau e gaiola
 Apareceu folheteiro
 Depois chegou sanfoneiro
 E cantador de viola

Café e sarapatel
 Pamonha e milho cosido
 Ribaçã, carne do sol
 Mel de abelha garantido
 Feijão verde do sertão
 Dando agente a impressão
 Que o norte estava chovido

Um pedaço do nordeste
 Se via na Guanabara
 Tinha até gente do sul
 Conhecida pela cara
 Uns vinham conhecer
 Um comprar outro vender
 Na feira dos paus de arara⁹

Diante de sua conformação na rua, a Feira de São Cristóvão até 2003 subvertia a ordem pública de um determinado espaço da cidade, o Campo de São Cristóvão. Essa subversão acontece a partir dos atravessamentos entre a festa nordestina e a função daquele território determinado pelo Poder Público. Mesmo sob a forte representação cultural e social para os nordestinos, até chegar a ser chancelada pelo Estado, transcorreram quase 30 anos da Feira de São Cristóvão atuando à margem da legalidade. Somente em 1982 a prefeitura do Rio de Janeiro concede a licença para o seu funcionamento, porém, a autorização conferida não significou o fim das ameaças de remoção.

As dinâmicas sociais da Feira divergiam dos outros espaços da cidade que congregam uma homogeneidade de padrões estruturais e condutas sociais normativas. Contudo, a cidade também é composta por espaços/sujeitos que não se enquadram nas dinâmicas normativas do território, subvertendo assim o contrato social daquele meio. Com isso, o surgimento de espaços que fazem oposição aos territórios calcados na normalidade da cidade são chamados de heterotopias.

⁹ Mestre Azulão Disponível em: <http://literaturaeriodedejaneiro.blogspot.com.br/2007/07/centro-de-tradies-nordestinas.html>

Portanto, podemos entender a Feira como uma heterotopia, um território de desvio em que sua dinâmica social traz para a cidade elementos e signos que chocam com a normativa imposta por um código social, e que diante de suas dinâmicas sociais corrompia a ordem no Campo de São Cristóvão.

Esse conceito é inaugurado por Michael Foucault, que define heterotopia como:

...espaços que existem e que são formados na própria fundação da sociedade – que são algo como contra-sítios, espécies de utopias realizadas nas quais todos os outros sítios reais dessa dada cultura podem ser encontrados, e nas quais são, simultaneamente, representados, contestados e invertidos. Este tipo de lugares está fora de todos os lugares, apesar de se poder obviamente apontar a sua posição geográfica na realidade. Devido a estes lugares serem totalmente diferentes de quaisquer outros sítios, que eles reflectem e discutem, chamá-los-ei, por contraste às utopias, heterotopias. (1967, p.03)



Figura 3: Foto tirada em 28/09/1975 pela fotografa Claudia Ferreira. (Disponível em: www.memoriaemovimentossociais.com.br)

A pesquisadora Sylvia Nemer, em seu livro “*Feira de São Cristóvão - A história de uma saudade*”, retrata, em alguns trechos, o cotidiano nordestino no

Campo de São Cristóvão; tais apontamentos evidenciam e conferem o respaldo para esta pesquisa afirmar o caráter heterotópico que a Feira possuía, comparada à cena normativa do Rio de Janeiro.

...superando a carência pelo riso, transformando o sério em brincadeira, os trabalhadores e frequentadores da Feira de São Cristóvão promoviam a inversão dos princípios da ordem convencional. Negando o tipo de racionalidade dominante nas demais áreas da cidade, naquele espaço o trabalho era vivenciado como um momento de compartilhamento de memórias e experiências coletivas; trabalho e diversão, ócio e negócio; tudo se mistura para converter num jogo de alegre aquilo que era sério, sagrado e importante aos olhos da boa sociedade carioca.” (Nemer, 2011, p.47)

Logo no início de seu surgimento, era possível achar na Feira desde animais vivos como galinhas, porcos, passarinhos, até armas como espingardas, facas, popularmente conhecidas como peixeira ou facões (Nemer, 2011, p.51). Havia ainda a queixa entre os frequentadores e feirantes sobre as constantes brigas, algumas chegando a óbito, como lembram os músicos Marlene e Sussuanil¹⁰:

Marlene: Lá era facada! Quantas vezes tinha morte por aqui!
Sussuanil: Era tudo liberado! Lá fora ninguém tinha respeito a nada.

A higiene do local e das barracas era precária. Lonas estendidas pelo chão serviam de apoio para a exposição dos produtos. O cozimento dos pratos típicos era improvisado em cozinhas a céu aberto. Não havia saneamento algum, sendo as necessidades fisiológicas dos feirantes e frequentadores feitas em qualquer lugar, sem cuidado algum com o entorno.

Para além das queixas estruturais da Feira, os nordestinos por si só já subvertiam simbolicamente a ordem da sociedade carioca a partir de suas ações no cotidiano com sua marca da oralidade, seu jeito de andar, comer e vestir. Era o oposto da formação e do comportamento carioca e da capital do país que deveriam representar o que tinha de mais moderno e ideal no Brasil.

Como destaca novamente Sylvia Nemer (2011, p.12)

A força de trabalho do migrante nordestino, era a peça central da engrenagem de construção da moderna metrópole, mas, ao mesmo tempo, ia se transformando, num constrangimento para seus habitantes. O carioca queria respirar os ares de modernidade e cosmopolitismo soprados sobre a

10 Entrevista realizada no dia 12 de março de 2014. com Sussuanil e Marlene. Os dois são músicos na Feira de São Cristóvão desde 2006, antes disso eram apenas frequentadores.

cidade, e os homens e as mulheres que chegavam do Nordeste (com seus modos, suas roupas, seu vocabulário, sua culinária quente, sua música, seus costumes, suas doenças e sua miséria) escancaravam, diante de seus olhos, todo o atraso em que permanecia mergulhada a maior parte do país.

Frente a um país com dimensões continentais, é fundamental reconhecer como este é constituído por diversos “Brasis”, com formações e influências das mais diversas. No entanto, o descaso do Poder Público e o repúdio de parte da população carioca à configuração da Feira de São Cristóvão reflete o conservadorismo e a falta de sensibilidade com a cultura de sujeitos que fazem parte de uma outra formação social, porém não menos importante¹¹.

Quando parcelas da população nordestina migram para o Rio de Janeiro, assumem funções de apoio ao cotidiano da cidade, atuando nas áreas de zeladoria, segurança, limpeza, dentre outros cargos que os tornam invisíveis na sociedade. Porém, a importância deles não é reconhecida por conta de um preconceito enraizado nos contrastes sociais e territoriais do país que remonta à colonização.



Figura 3: Foto tirada em 28/09/1975 pela fotografa Claudia Ferreira. (Disponível em: www.memoriaemovimentossociais.com.br)

¹¹ Paralelamente a esse momento de exclusão do nordestina pela sociedade carioca, outros grupos e configurações territoriais eram colocados a margem como os negros, a favela, os terreiros, etc.



Figura 4: Foto tirada em 28/09/1975 pela fotografa Claudia Ferreira. (Disponível em: www.memoriaemovimentossociais.com.br)

Diante da diferença entre os territórios e seus atores – o estigma da Feira e a cidade do Rio de Janeiro – a imprensa carioca passou a retratar aquele cotidiano da sob duas óticas: ora retratava os aspectos peculiares do lugar, ora construía o estereotipo do nordestino. Conseqüentemente, a publicação dessas notícias fortalecia a impressão equivocada que a população tinha do nordestino, atribuindo a ele a imagem de um homem rude do sertão que agora transitava no Rio de Janeiro. Destaco a seguir algumas notícias publicadas em diversos jornais da cidade que mostram a relação entre a imprensa carioca e a Feira de São Cristóvão.

Aos domingos, no bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, a grande cidade cede lugar à terra das caatingas. A displicência do carioca desaparece do cenário para dar vez ao **caboclo mal vestido, de calça remendada, camisa desbotada e sandálias de borracha**. É a Feira do Nordeste, que há aproximadamente 30 anos funciona como ponto de reunião de conterrâneos, que se encontram para cultuar as tradições de sua terra e matar as saudades dos sertões, das praias verdes de coqueiros, da farinha d'água e do "martelo agalopado" dos repentistas¹².

12 Jornal Delfim News set/1977 – Acesso dia 16/07/2015:
<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cdu&pagfis=8655&pesq=>

(...) Mal vestido, não sabendo nem explicar de que forma consegue licença para trabalhar na Feira, ele é a imagem do nordestino confuso numa cidade grande¹³

São homens fortes, caras largas, cabeças chatas e sotaques característicos, que se encontram e formam grupos, a maioria dividida por Estado: relembram a terra distante, tomam cachaça, fumam fumo de rolo e comem arrição (rolinha) seca e frita, enquanto ouvem cantadores de versos. **O comércio tem até remédio que cura câncer, dor na passarinha (baço) e espinhela caída que o camelô bem falante vende como se fosse milagrosa descoberta indígena.**¹⁴

Durante um trabalho de campo conversei com uma moradora do bairro de São Cristóvão acerca de suas impressões sobre a Feira diante os dois momentos em que ela se (re)configurou no bairro. De início ela fala de um estranhamento que a Feira de São Cristóvão causava entre os moradores do bairro o que me respalda mais uma vez a reforçar conceitualmente o caráter heterotópico da Feira com relação à cidade do Rio de Janeiro.

A lembrança que tenho da Feira antes de entrar no Pavilhão de São Cristóvão é de uma relativa confusão de pessoas. Sempre percebi o espaço como um lugar lotado, desorganizado que mesclava comida boa e relativamente barata a música alta com violência. Acho que tinha mesmo essa ideia, porque um afilhado da minha mãe morreu na peixeira de um cabra da peste que achou que ele estava dando mole pra mulher dele. Eu era muito pequena, e esse fato só reafirmou o discurso da minha mãe quanto a violência do lugar. Confesso que cresci com uma muita rejeição pela Feira, achava coisa de "**paraíba**", de música muito barulhenta e que incomodava muito os moradores. Cresci ouvindo vizinho dizendo que a Prefeitura tinha de dar um jeito naquela bagunça que essa gente paraíba fazia.¹⁵

A heterotopia, além de causar embaraço na sociedade, também perpassa os atores que constroem o território desviante. Segundo Foucault (2000), o espaço heterotópico ainda que represente esse desconforto, continuaria vivo, pois sua existência estaria diretamente ligada à sociedade de desejos daqueles atores. Logo, a Feira se mantinha na rua, viva e resistente, devido à necessidade dos migrantes

13 *Ibidem*

14 Feira de São Cristóvão: um pouco do Nordeste. O Globo, Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1973.

15 Depoimento de Patricia Mentorco colhido no dia 29/09/2015

em viver a representação de sua identidade livremente, para além de uma cidade que os oprime e os ocultam.

São intrínsecas à existência do território as múltiplas identidades culturais, sendo assim, as heterotopias atuam evidenciando essas forças distintas. Portanto, acabar ou engessar um espaço desconsiderando suas dinâmicas sociais é assumir uma posição de confronto frente a conformação natural da cidade que converge para os cruzamentos e reapropriações do meio. A heterotopia faz parte da conformação das cidades em variadas formas (Foucault, 2013), sua existência age modificando as dinâmicas dos espaços sociais, fomentando novas características para o território. Portanto, enquanto heterotopia, a Feira instaura um território de resistência frente a esse engessamento da Ordem Pública e atua como um território de possibilidades a essa diversidade cultural de um espaço vivo e em constante ressignificação.

A legalização de todo e qualquer território está diretamente ligada ao interesse e retorno que aquele espaço pode gerar ao Poder Público. O Estado sempre busca eliminar toda e qualquer manifestação que escape aos seus padrões de controle e segurança – heterotopia – priorizando interesses de lucratividade para si e seus aliados - elite dominante. Nesse sentido, o Poder Público adota metodologias de controle para padronizar e disciplinar as práticas destoantes dos espaços na cidade.

Rodrigo Valverde aponta que:

A normatividade, o interesse político e o controle social exercidos pelo Estado sobre o espaço público exigem um conjunto de formalidades e justificativas para mudar. A viabilidade técnica, o interesse coletivo, os custos, a conveniência da obra são considerados antes que qualquer projeto tenha permissão para prosseguir. No contexto de um espaço heterotópico, no entanto, a omissão do Estado, a flexibilização de suas leis e a violação das normas públicas permitem que a morfologia urbana seja mais facilmente alterada, ainda que em caráter provisório. (Valverde, 2009, p. 20)

Cronologicamente, a primeira ação do Poder Público frente ao crescimento da Feira de São Cristóvão aconteceu em 1960 (Nemer, 2011), quando o Pavilhão que hoje a abriga foi construído por encomenda do empresário Joaquim Rolla para

atender a Exposição Internacional de Indústria e Comércio do Rio de Janeiro (Mello, 2012). Diante de suas diferentes configurações, as realidades sociais desses dois espaços no mesmo local conflitavam. O primeiro era o reflexo da informalidade, da festa nordestina. Já o segundo abrigava toda a formalidade das empresas e seus eventos corporativos.

Segundo o cordelista Mestre Azulão, citado por Sylvia Nemer (2011) “*a Feira sempre foi objeto de intervenção por parte dos órgãos de fiscalização*”. Nenhuma retirada foi efetivada, embora todas as mercadorias fossem sempre apreendidas, no final de semana seguinte, os feirantes voltavam ao Campo de São Cristóvão com novos produtos e a Feira se mantinha cheia até a próxima tentativa de remoção.

E ali aquelas pessoas chegavam, fazia, né (...) também, traziam café pra vender pros nordestinos. Traziam bolo, o outro trazia até coisas do Nordeste também. Fazia tapioca... comprava goma que vinha do Nordeste, fazia tapioca e vendia. Aí foi aumentando (...) chegou o tempo de, vez em quando, o rapa passar ali e levava tudinho (...). Porque as mulheres traziam as comidinhas delas, coitadas, pra vender aí. Eles tomavam, levavam as panelas dizendo que iam devolver. Mentira! Levava era pra casa, tomava as panelas das pobres das muié. Tinha mulher que tava pagando as panelas ainda a prestação... Naquele tempo ainda era difícil comprar a prestação, mas já tinha algumas que compravam. Então eles tomavam a comida, levavam pra eles, diziam que iam levar pros hospitais. Hospitais nada! Levavam pra eles, uma raça sem vergonha. Tinha um tal de Cabo Mariano, ele foi o pior que teve.¹⁶

Diante da ação do Poder Público em impor a ordem no Campo de São Cristóvão, surgiram, como forma de resistência, organizações em defesa dos interesses dos feirantes e nordestinos. A primeira foi criada em 1961 com o nome União Beneficente dos Nordestinos no Estado da Guanabara, era liderada pelo paraibano Manoel Alexandre Alves e procurou trabalhar na articulação com o Poder Público a fim de conseguir a regularização da Feira. Iniciou o “*levantamento da feira*” (Nemer, 2011), em que muda-se a forma de exposição dos produtos: se antes era feita em cima de lonas estiradas pelo chão, agora passam para tabuleiros. (Nemer, 2011). Além disso, após inúmeras audiências junto à Prefeitura e a vereadores do Rio, foi possível diminuir por algum tempo a pressão que o Poder

16 Pelo avanço de sua idade o repentista optou por não conceder mais entrevistas, portanto faço uso da entrevista feita por Vitor Mello em sua pesquisa Memórias repentinas: a construção poética do Nordeste pelos repentistas da Feira de São Cristóvão em fevereiro de 2012.

Público vinha realizando para o fim da Feira. Entretanto, assim que ocorreu a troca de governantes, as perseguições voltaram a assolar o território.

A manutenção da União Beneficente era realizada a partir da arrecadação anual paga pelos feirantes. Contudo, a partir do “levantamento da Feira”, além da taxa anual cobrada, cada feirante era obrigado a alugar o tabuleiro para expor seus produtos. Com isso a União Beneficente passou a ser acusada de praticar cobrança indevida, já que, segundo alguns feirantes, essas locações deveriam estar inclusas no valor da taxa. Então, alguns membros descontentes com a gestão da Feira começaram a se articular e pensar em uma nova alternativa para sua administração. Surge então, em 1969, a Associação de Proteção ao Nordestino, liderada por Espiridião Agra. Nesse momento, a gestão da Feira passa a ser dividida entre as duas; metade era administrada pela União, e a outra metade pelos membros da Associação. Contudo, as duas possuíam o mesmo objetivo: gestão e legalização da Feira de São Cristóvão.

A partir da disputa de poder desenhada por essas duas instituições dentro da Feira de São Cristóvão, o apoio político da Feira passou a ser disputado por candidatos a cargos públicos, tanto na esfera municipal quanto estadual. “*De 2 em 2 anos todos eles, do presidente ao governador, todos eles passam por aqui, tem passagem na Feira, todos eles!*¹⁷” No bojo das várias promessas desses candidatos, emergia a luta junto aos feirantes pela legalização da Feira de São Cristóvão, além de investimentos no local, ou seja, a mesma agenda construídas pelas associações construíam há anos.

De todas as tentativas de remoção da Feira, a última foi empreendida pelo então Prefeito Luiz Paulo Conde no ano 2000, a partir de seu Projeto de Estruturação Urbana – PEU¹⁸, que apresentava em sua proposta a retirada da Feira do Campo de São Cristóvão – local onde acontecia há 55 anos – e deslocá-la para

17 Depoimento do feirante Alex Araújo, dia 12 de março de 2015.

18 Nesse momento a Prefeitura do Rio de Janeiro era administrada por Luiz Paulo Conde 1997-2001, então sucessor de César Maia

um terreno no próprio bairro às margens da Avenida Brasil. O intuito dessa mudança era colocar em prática a reativação do Pavilhão de São Cristóvão que estava abandonada há 20 anos e transformá-lo a partir de parceria público-privada em uma arena multi-uso com espaço para shows, cinema, eventos esportivos, centro comercial, estacionamento e hotel. Evidentemente que, diante das características do projeto, para ele ser executado e atrair investimento privado, era preciso retirar a Feira do entorno do pavilhão, já que essa subvertia a ordem do espaço e não dialogava com o postulado da cidade, como evidencia Maurício Mendes, então presidente da Câmara Comunitária de São Cristóvão: *"A feira atrapalha os projetos de revitalização do bairro. Não há como conciliar sua manutenção ali com a construção da arena multi-uso"*¹⁹



Foto 5: Feira em seu primeiro formato ao redor do pavilhão (Disponível em: <http://www.cesarmaia.com.br>)

Diante da importância simbólica do Campo de São Cristóvão para os migrantes e feirantes nordestinos, esses se organizaram em protesto evidenciando sua posição contrária à retirada da Feira do seu local de origem. Foram inúmeros os protestos relatados durante meu trabalho de campo; essas mobilizações geraram a retirada da proposta do Projeto de Estruturação Urbana – PEU, abrindo então uma

¹⁹ Texto retirado da reportagem “Conde quer mudar local da Feira de São Cristóvão no Rio”, publicada no dia 17 de outubro de 2000 pelo jornal Folha de São Paulo.

comissão para que se pensasse outras possibilidades de espaço para a Feira. Contudo, essa comissão não obteve grandes avanços por conta do fim do mandato de Conde.

O divisor de águas acontece com a reeleição de César Maia em 2001. Alinhado com seu projeto de governo “Cidade das Cidades”, inspirado na base do *Planejamento Estratégico*, o prefeito entende que para o governo era mais oneroso continuar reprimendo aquele espaço do que mudar o seu formato em seu próprio território. Além disso, a Feira possuía signos e estruturas em que era possível desenvolver um equipamento cultural otimizando o seu potencial turístico. O que traz o sentido da assertiva de Foucault (2008, p.12) que diz, “*No fundo, a economia e a relação econômica entre o custo da repressão e o custo da delinquência é a questão fundamental*”.



Foto 6: Nova Feira de São Cristóvão, localizada dentro do pavilhão (Disponível em: <http://www.cesarmaia.com.br>)

Em 2003, o prefeito César Maia dá início à nova formatação da Feira. O Campo de São Cristóvão deixa de abrigar as barracas e palcos improvisados e o pavilhão que ali existia é transformado em Centro Municipal Luiz Gonzaga de

Tradições Nordestinas.

2.3. Planejamento Estratégico: Oxente, que negócio é esse?

O modelo de planejamento urbano das cidades vem ganhando uma nova abordagem nas últimas décadas, sendo possível observar um rompimento com o modelo tradicional de gestão urbana, “tecnocrático-centralizado-autoritário” (Vainer, 2013). O surgimento da nova gestão urbana tem por objetivo a atração de investimentos com origem no campo privado, possui um perfil empreendedor e seu negócio central é a venda da cidade enquanto produto de consumo. Esse atual processo de administração pública é chamado de *planejamento estratégico*, e seu foco principal está em clientes e consumidores do exterior.

Na América Latina, essa forma de planejamento urbano tem um crescimento considerável, sendo propagada por agências multilaterais como a *BIRD* e a *Habitat*, além de consultores internacionais, especialmente os catalães, que usam o caso de Barcelona, nas Olimpíadas de 1992, como o principal caso de sucesso na execução dessa nova forma de gestão.

O projeto executado em Barcelona teve início com um reavivamento cultural do bairro Raval, em 1989. O governo amplia a sua atuação com o projeto *Cidade Velha*, tendo como foco principal a estruturação da cidade para receber as Olimpíadas de 1992. O município tinha como intuito a atuação não somente nas reformas urbanas, mas também integrar uma revitalização socioeconômica; diante disso, foram instalados em Raval equipamentos culturais e universidades com intuito de fomentar o avivamento do bairro. (Bataller, 2012)

Essa nova metodologia aplicada na área de gestão das cidades surge a partir de uma cartilha desenvolvida pela Harvard Business School, inspirada no campo do planejamento empresarial. Segundo seus criadores, as cidades devem representar um perfil empresarial, adotando assim o *planejamento estratégico* como forma de gestão, pois a administração pública é atravessada pelos mesmos desafios que uma empresa de grande porte.

A partir dessa representação empresarial, é necessário que ela faça um planejamento de acordo com as tendências do mercado, com efeito, seus projetos precisam ser analisados a partir da viabilidade de execução e retorno desses investimentos. Para a cidade-empresa, é vital vender seus produtos e serviços, e a representatividade dessa mercadoria se dá por meio de uma reestruturação urbana materializada em espaços, mão de obra e serviços de alta qualidade.

A cidade enquanto produto é vendida para um público usuário específico, para tanto o desenvolvimento de uma ação de marketing urbano é fundamental na conquista de consumidores para esse serviço-produto-cidade de luxo, como fala a pesquisadora Rose Compans:

O marketing urbano é peça-chave para a promoção da cidade no exterior exercendo a atração de investidores, visitantes e usuários solventes e também facilitando a exportação de bens e serviços. Nesse sentido, ele deve proporcionar a percepção de uma imagem positiva da cidade moderna, competitiva, integrada, e dotada de um determinado número de qualidades urbanas que incidam sobre um principal produto de venda, como por exemplo, turismo, cultura ou um complexo portuário moderno. (Campans, IV Seminário História da Cidade e do Urbanismo, 1996, p.217)

Desenvolver projetos de reestruturação urbana e otimização de serviços, projetando uma imagem positiva da cidade para o exterior, capaz de atrair investidores ligados especialmente à produção de grandes eventos – caso de Barcelona sediando as Olimpíadas em 1992, é o primeiro preceito, dentre outros, no desenvolvimento da cidade competitiva enquanto produto de consumo. Um lugar com sapiência em oferecer serviços culturais, entretenimento, segurança e um bom atendimento com profissionais qualificados. Sobre a nova lógica de investimento e mercado que as metrópoles comungam, a pesquisadora Otilia Arantes fala que

... a cultura seria a mercadoria vedete na próxima rodada do capitalismo, exercendo a mesma função estratégica desempenhada nos dois ciclos anteriores pela estrada de ferro e pelo automóvel (ARANTES, 2000, p. 47).

Segundo a cartilha da *Havard Business School* o fomento da reestruturação urbana da cidade não deve ser em sua totalidade gerido, financiado e executado pelo município. O *Planejamento Estratégico* deve pontuar medidas para atrair a competitividade entre os seus investimentos financeiros em variadas instâncias do setor governamental e privado. Para isso, o gestor deve buscar parcerias com outras

instâncias do governo, mas sobretudo incentivar a parceria público-privada.

Essa posição é justificada diante do pouco recurso da máquina pública. O Poder Público não consegue garantir uma efetiva segurança para a conclusão das obras de reestruturação da cidade. Além disso, a dinâmica lenta e burocrática da administração pública engessa o processo de avanço das construções. Sendo assim, o papel do gestor público é ser um facilitador dos processos, na construção da nova conformação urbana da cidade através de negociações que desburocratizam os meios.

Contudo, o projeto de governo “via” *Harvard Business School* cria uma cidade segregadora que aumenta a exclusão de parte de seus moradores para a margem da sociedade. Um projeto de desenvolvimento da cidade a partir das parcerias público-privado implica em concessões ao setor privado por parte do poder público, e essa lógica econômica é fácil de entender. É sabido que o setor privado tem como foco principal o lucro, logo as empresas jamais farão um investimento sem que antes tenham garantido o retorno lucrativo mínimo de seu investimento. Com isso, o processo de reestruturação da cidade executada por parte do capital privado e com o apoio do Poder Público tem como foco principal a valorização financeira e imobiliária do local.

Nesse sentido, complexificando essa forma de gestão que elege como prioridade atrair consumidores de pompa, é possível entender que quando um gestor opta por gerenciar sua cidade a partir de um *Plano Estratégico* ele de antemão desconsidera os moradores da periferia da metrópole, pois seu foco principal é transformar sua cidade em um produto de luxo consumida somente por um público de alto poder aquisitivo. A representação simbólica do território ganha uma configuração imponente no exterior, por isso absorve a burguesia em detrimento da população mais modesta.

Diante disso, para avançar nessa nova reestruturação, o governo cria metodologias de diálogo junto à população, para que esta se sinta pertencente à cidade e apoie a revitalização, ainda que indiretamente seu acesso ao novo espaço seja excludente. Segundo Castells e Borja (1996), um mote usado para o avanço na implantação do *Planejamento Estratégico* é a percepção por parte da população de

uma crise que atravessa o território. Contudo, a sensação de crise instaurada na cidade possui bases frágeis e fugazes, sendo, assim, necessário usar de um segundo mote chamado de *patriotismo de cidade*.

Segundo esse mote, as ações voltadas para desenvolvimento do *patriotismo de cidade* devem despertar na população um sentimento de pertencimento e orgulho do território. Para isso, é necessária a construção de obras de grande impacto visual e/ou simbólico. O desenvolvimento dessas obras e/ou serviços iniciais melhorando a urbe é fundamental para posteriormente obter o apoio da população nas intervenções urbanas maiores e outros empreendimentos sociais que serão executados no processo de reestruturação da cidade.

Em tempo, as intervenções urbanas e o apoio da população à candidatura da cidade à sede das Olimpíadas são itens de grande importância considerados na avaliação do Comitê Olímpico, Federação Internacional de Futebol, dentre outros eventos de grande porte. Portanto, promover de maneira positiva a imagem da cidade para sua população e para o exterior é de suma importância no processo de execução do marketing urbano.

Deslocando o sentido teórico à cidade do Rio de Janeiro, identificamos, dentre suas ações de desenvolvimento do *patriotismo de cidade*, campanhas publicitárias que constroem a imagem da população como acolhedora, tolerante, positiva e feliz; uma cidade que representa uma unidade (Vainer, 2013, pg.08). Além do uso em campanha interna, essa ação de marketing é também utilizada como material de venda para o exterior pelas agências de turismo da cidade.



Figura 7²⁰: Logomarca da Prefeitura do Rio de Janeiro no ano de 2013 em que valoriza a identidade carioca e o “Patriotismo de Cidade”

20 Disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.373438776056281.83571.165276720205822&type=3> Acessado dia 20/09/2015

Em suma, os seguintes pressupostos de trabalho que uma cidade deve seguir na construção junto à população de um reconhecimento da importância daquele projeto, na construção de uma cidade que busca o avanço das políticas públicas para “findar” a crise que assola o território são:

a somatória de três fatores: a) **a sensação de crise** aguda pela conscientização da globalização da economia; b) a negociação entre os atores urbanos, públicos e privados, e a geração de liderança local (política e cívica); c) a vontade conjunta e o consenso público para que a cidade dê um salto adiante, tanto do ponto de vista físico como econômico, social e cultural (CASTELLS & BORJA, 1996, pg. 156 - grifo do autor)

A partir de diversas ações publicitárias e de marketing, somos levados a acreditar em uma forma de gestão que otimiza o desenvolvimento da cidade, porém, como dito anteriormente, o principal foco do *Plano Estratégico* é promover a cidade enquanto mercadoria. A cidade é transformada em um produto com potencialidades para receber grandes investimentos e turistas de alta classe, os gestores públicos desconsideram as necessidades sociais de uma população que almeja atenção em pautas variadas.

Ademais, esses novos espaços construídos pela lógica do mercado excluem a vocação intrínseca à urbe de ser palco das relações de trocas entre os variados sujeitos. O capital privado inverte esse conceito e toma a cidade com seus megaeventos e espaços caros operando uma seleção social de público pautada no poder aquisitivo do cidadão.

...embora no nível do discurso os GPDU's²¹ sejam utilizados como iniciativas capazes de instaurar possíveis identidades cidadinas sobretudo aquelas ligadas à sensação de pertencimento à cidade, a verdade é que muito poucos cidadãos-consumidores têm podido aproveitar-se de suas pretensas benesses. Ou seja, através dos GPU's radicaliza-se, no espaço urbano, a dimensão do consumo. Conformando espaços de alta qualidade que, embora possam ser parcialmente, os GPDU's têm acirrado processos conhecidos por “gentrificação”. (Sanchez, Bienenstein, Conto, Guterman, Benedicto, Picinatto, 2004, pg. 54)

Evidentemente, o atravessamento das relações pela segregação social fomenta na cidade uma gentrificação, esse acontecimento está intimamente ligado à pauta que o Poder Público prioriza em sua política de governo. No *Plano Estratégico*, apesar de atuações variáveis, majoritariamente a reestruturação urbana

21 GPDU's – Grandes Projetos de Desenvolvimento Urbano

prevalece no centro das metrópoles, e em áreas portuárias que se encontram em estado de abandono.

A opção de investimento nesses espaços específicos acontece pelo contexto econômico e social pautado por um ciclo histórico. Segundo Pacione, o ciclo se inicia quando famílias que moram no centro das metrópoles conquistam um crescimento em seu poder aquisitivo e trocam suas casas por moradias maiores. A partir disso, outros moradores com menor poder aquisitivo passam a alugar essas casas do centro. Com o passar do tempo, por conta da condição financeira menor dos atuais moradores, e a falta de interesses dos antigos donos pela propriedade, a manutenção desses prédios é deixada de lado. Consequentemente, os imóveis deteriorados passam a fazer parte do cenário urbano. Paralelamente, o Poder Público deixa de investir na estruturação básica dessa região causando então uma desvalorização do local.

A partir disso, um novo ciclo é iniciado com o *Plano Estratégico*: o início da reestruturação urbana passa a valorizar novamente o centro das metrópoles, atraindo investidores da iniciativa privada. Empreender nesse “novo” centro acarreta um crescimento no padrão socioeconômico do espaço (BATALLER, 2012). Consequentemente, essa revitalização traz uma exclusão dos antigos moradores sem qualquer provimento de habitação para esses por parte do Poder Público.

Evidentemente que a revitalização de espaços abandonados da cidade é sempre benquista pela população; contudo, essa forma de empreendimento de luxo incentivado pelo *Plano Estratégico* não revitaliza o território, e sim constrói uma nova realidade daquele lugar para a cidade. Algumas pesquisas apontam que essas novas construções de luxo abrigam uma taxa de densidade populacional pequena, o que reafirma o objetivo principal da administração pública em valorizar a área em detrimento de moradias populares que contemplem a necessidade efetiva da população menos abastada da cidade.

Optei por fazer essa abordagem teórica sobre o *Planejamento Estratégico* pois identifiquei desde a década de 90 um atravessamento dessa forma de governo na cidade do Rio de Janeiro. Essa forma de gestão influencia até os dias de hoje as relações estabelecidas no território e seu desenho urbano. Analisando o contexto,

percebo que as dinâmicas sociais da cidade do Rio de Janeiro foram pautadas a partir de uma política de controle que age na conformação do território em diálogo com a cartilha da Harvard Business School.

2.4. Plano Estratégico e a Cidade Maravilhosa

O primeiro *Plano Estratégico* desenvolvido na cidade do Rio de Janeiro data de 1995, logo no primeiro mandato do então prefeito César Maia. Sua implantação foi justificada pela crescente globalização que atravessava todos os países e colocaria desafios à cidade.

Como dito anteriormente, a cidade de Barcelona sempre foi referência mundial na implantação do *Plano Estratégico*, com isso, César Maia opta por contratar a consultoria da empresa catalã Tubsá (Tecnologies Urbanes Barcelona S.A) para auxiliá-lo no processo de criação do seu Plano. É certo dizer que a escolha da Tubsá representou o desejo de transformar minimamente o Rio de Janeiro em uma nova Barcelona. Essa percepção poderá ser verificada nos apontamentos elencados no processo de revitalização da cidade.

A primeira ação para a elaboração do *Plano* foi a abertura de um seminário chamado “Rio-Barcelona: Estratégias Urbanas”. Esse evento contou com a participação de representantes da sociedade civil, além de políticos do executivo e legislativo. O objetivo desse seminário foi apresentar aos diversos representantes da cidade a importância da elaboração e implantação do *Plano Estratégico* no Rio de Janeiro. Nesse evento, os representantes da Tubsá apresentaram ações que permitiram a reestruturação urbana e econômica de Barcelona a partir dessa nova forma de gestão.

Obedecendo a um dos pressupostos do *Plano Estratégico*, César Maia firma parcerias no âmbito público-privado com a Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (FIRJAN) e com a Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ). A partir disso, é criado um Consórcio Mantenedor²² com empresas de variados ramos de

22 Composição do Consórcio Mantenedor do Plano Rio Sempre Rio: A.C. Lobato Engenharia; Assoc. Comercial do Rio de Janeiro/ACRJ; Administradora Shopping Nova América; Associação de Hotéis e Turismo/AHT; American Bank Note Company Gráfica e Serviços; Banco Boavista; Banco Bozano

atuação na cidade.

Segundo o Conselho Diretor²³, criado para estar à frente da construção do *Plano Estratégico*, a participação popular era essencial, afinal naquele momento estava sendo pensada a cidade que todos os cariocas gostariam de ter (PECRJ, 1995). Contudo, o desejo de contar com a participação dos cidadãos perdeu a credibilidade quando a representação limitou-se a apenas um único cidadão, morador da região administrativa XVI – Rocinha (Vainer, 2009).

Essa postura contundente da formação do Conselho Diretor é ainda reforçada quando nenhum membro dos sindicatos dos trabalhadores e associações comunitárias foi convidado para compor os trabalhos do Plano (Compans, 2005, pg. 193).

Essa primeira linha de trabalho tinha como foco central soluções voltadas à melhoria dos serviços públicos incluindo a mobilidade urbana e violência. Havia também um pensamento social de ações para a população pobre da cidade.

Ao todo foram 7 pressupostos²⁴ traduziam o objetivo principal do Plano Estratégico da era César Maia são eles; qualidade de vida, vertebração da cidade,

Simonsen; Banco Bradesco; Banco do Brasil; Banco Icatu; Barrashopping/Renasce/Rede Nacional de Shopping Centers; Bolsa de Valores do Rio de Janeiro; Bozano Simonsen Centros Comerciais; Bradesco Seguros; Brascan Imobiliária; Brazilian Food; Carioca Christiani-Nielsen Engenharia; Carvalho Hosken Engenharia e Construções; Casa Shopping/Markon Empreendimentos Imobiliários; Casas Sendas Comércio e Indústria S.A.; Cia. Brasileira de Petróleo Ipiranga; Construtora Norberto Odebrecht; Cia. de Cimento Portland Paraíso; Cia. Siderúrgica Nacional; Cia. Vale do Rio Doce; Embratel; Encol S.A. Engenharia Comércio e Indústria; Erco Engenharia S.A.; Firjan/Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro; Gafisa Imobiliária S.A.; Golden Cross Assistência Int. de Saúde; Hotéis Othon; Ilha Plaza/Ecig Empreendimentos Comerciais Ilha do Governador; Iplanrio/Empresa Municipal de Informática e Planejamento S.A.; Lafonte Empresa de Shopping Centers; Madureira Shopping/Combracenter Shopping Centers; McDonald's/Realco Comércio de Alimentos; Norte Shopping/Center Norte Empreendimentos e Participações; O Globo/Empresa Jornalística Brasileira; Pena Branca Fast Food; Petrobrás Distribuidora/BR; Rio Design Center/Servenpla/Sociedade de Empreendimentos Imobiliários e Participações; Rio Sul Shopping/Combrascan Shopping Centers; São Conrado Fashion Mall; Setransparj/Sindicato das Empresas de Transporte de Passageiros do Município do Rio de Janeiro; Smithkline Beecham Laboratórios; Sul América Terrestres, Marítimos e Acidentes Cia. de Seguros; Texaco Brasil S.A. Produtos de Petróleo; Unisys Eletrônica; Varig / Viação Aérea Rio-Grandense; Via Parque Shopping S.A. (CAMARGO, 2011, pg. 46)

23 O Conselho Diretor era composto por representantes do setor empresarial, e por representantes da população carioca.

24 Em anexo consta o desenvolvimento de cada ponto dos 7 pressupostos

integração social, infra-estruturas críticas, desenvolvimento de base produtiva, desenvolvimento das vocações específicas da cidade e emprego. O Poder Público estava pensando em ações que transformariam a cidade em um território competitivo e atrativo, sobretudo no exterior, como nos mostra um dos textos contidos no relatório do Plano Estratégico:

Tornar o Rio de Janeiro uma metrópole com crescente qualidade de vida, socialmente integrada, respeitosa da coisa pública e que confirme sua vocação para a cultura e a alegria de viver. Uma metrópole empreendedora e competitiva, com capacidade para ser um centro de pensamento, de geração de negócios para o país e a sua conexão privilegiada com o exterior. (PEC, 1995, p.122)

O Plano Estratégico teve sua homologação no penúltimo ano de mandato de César Maia em 1995. Contudo, antes mesmo de sua finalização, algumas obras já estavam sendo executadas, como é o caso da revitalização da área portuária, e de um dos principais programas de seu mandato, o Favela-Bairro. A execução dessas obras, antes da homologação do Plano Estratégico, evidencia a desconsideração do Poder Público ao processo democrático de construção das ações. Esse fato me faz duvidar da construção coletiva das ações do *Plano*, e questionar até que ponto elas efetivamente já existiam e/ou foram incluídas, visto que essa forma de gestão tem um foco muito bem desenhado para atrair investimentos externos.

Observando os programas²⁵ implantados no Rio de Janeiro e em Barcelona identificamos diversas semelhanças, o que aponta, mais uma vez, para a falta de legitimidade na construção do *Plano Estratégico* coletivamente. Além disso, devido às semelhanças, possivelmente a Tubsá não levou em conta as diferentes realidades que atravessam as duas cidades.

O mandato de César Maia se encerra em 1996 e pouco se viu do seu *Plano Estratégico*. Seu candidato à sucessão Luiz Paulo Conde – então ex-secretário de urbanismo e presidente do *Conselho Executivo do Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro* de seu governo – vence as eleições. Por questões de rompimento

25 Em anexo apresento um quadro comparativo (Carmargo, 2011 p.54) que apresenta as diversas semelhanças entre os Planos Estratégicos de Barcelona e do Rio de Janeiro, onde é possível perceber a prioridade das ações que tangenciavam a valorização econômica do território em detrimento do fortalecimento do campo social.

político, Conde não dá continuidade ao *Plano Estratégico* de César Maia.

Em 2002 temos a volta de César Maia, que se reelege prefeito do Rio de Janeiro, dando início então ao segundo *Plano Estratégico* no Rio de Janeiro chamado “A Cidade das Cidades”

2.5. Cidade das Cidades

óia eu aqui de novo, xaxando
óia eu aqui de novo, para xaxar
vou mostrar pr'esses cabras
que eu ainda dô no couro
isso é um desaforo
que eu não posso levá
óia eu aqui de novo, xaxando
óia eu aqui de novo, cantando
óia eu aqui de novo, mostrando
como se deve xaxar
 (Óia eu aqui de novo – Luiz Gonzaga)

Em 2004 é inaugurado o segundo *Plano Estratégico* da cidade do Rio de Janeiro que levou o nome de *Cidade das Cidades*. Segundo César Maia, esse projeto tem um caráter mais centralizador com um olhar voltado mais para os bairros da cidade, considerando a diversidade e identidade de cada lugar. Sua implantação vem como um resultado de desdobramento do *Plano* anterior, o *Rio Sempre Rio*.

Para cada região foi elaborado um plano estratégico específico, levando em conta suas potencialidades e outros elementos que necessitassem de um fortalecimento (PECRJ, 2004, pg 14). Essa posição aponta que o plano considerou a cidade como um território fragmentado, em que cada lugar era formado por suas especificidades. Portanto, não parecia coerente um *Plano* em que as ações fossem pensadas para um território homogêneo, dado que não existe, sobretudo dentro de uma metrópole.

Segundo o relatório de elaboração do programa, participaram do processo de

criação do *Plano* em 85 reuniões cerca de 4500 pessoas, o que mostra uma participação pública superiormente relevante em comparação ao *Plano Rio Sempre Rio*. Outro fator que difere esse do *Plano* anterior está no fato de que dessa vez a Prefeitura não contratou qualquer consultoria internacional. O material gerado pelo Tubsá no *Plano* anterior, e pesquisas realizadas através de parcerias com universidades e institutos foram utilizados como material de base para a elaboração do novo projeto. Então, a partir de reuniões locais, cada região elaborou seu objetivo central, o que gerou 68 estratégias traçadas e 1151 propostas elaboradas.

Um dos objetivos principais por parte do Poder Público era de garantir que as propostas tivessem uma continuidade, independente do governo que assumisse posteriormente a administração da cidade. O modelo de cidade precisa garantir a individualidade e característica de cada região, por isso esse caráter mais democrático na elaboração das propostas (PECRJ, 2004).

Considerar como totalidade uma cidade que é a 2º maior concentração urbana do país, a 4º maior da América Latina e a 15º do mundo ... significa pré-estabelecer a inexistência de um amplo conjunto de diversidades. (PECRJ, 2004, p. 19).

Historicamente, as intervenções empreendidas no governo César Maia são consideradas uma das ações de maior impacto na cidade do Rio, suas obras até hoje são encontradas em bairros espalhados na cidade carioca. Contudo, objetivando um maior controle social nos territórios, o prefeito optou por construções que vetavam uma interação dos frequentadores dos aparelhos culturais com o entorno a partir de um cercamento em formato de enclave.

Esse fato faz alusão a uma tendência, tão disseminada pelo mundo, de privatização das vivências cotidianas, ou seja, uma tendência de enclausuramento espacial e social, em que as pessoas se restringem, cada vez mais, a espaços voltados para si mesmo: “espaços privatizados” (Marques & Moreira, 2007, p. 13)

A construção de enclaves é sempre justificada pela teoria do medo em que a cidade já não oferece mais condições para um convívio seguro e saudável em seus espaços públicos. Portanto, sua característica sustenta uma arquitetura privada de uso coletivo que prioriza a segurança e privacidade, em que os lugares são fechados, e tem seu acesso restrito de acordo com normas pré-estabelecidas. Sua função pode estar vinculada a moradia, trabalho, lazer e consumo, etc. (Caldeiras,

2000)

Esse “cerceamento” do convívio social é percebido a partir de uma nova forma de segregação espacial, quando a formatação dos enclaves – no governo César Maia – se dá a partir de eixos temáticos como “Cidade da Música”, “Cidade da Criança”, Centro Municipal Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, Cidade do Samba, que conferem uma homogeneidade na população facilitando ainda mais o controle sobre o território.

Ademais, essas construções em formato de “shoppings temáticos” fazem o cidadão perder a percepção daquele espaço enquanto equipamento público de sua cidade, ganhando um caráter apenas de entretenimento. Isso acarreta algumas vezes na ausência de uma construção crítica voltada a ações de preservação estrutural pelo Poder Público no cotidiano administrativo do equipamento.

De maneira geral, os enclaves garantem o isolamento com o entorno da cidade a partir de algumas características em comum. Sua arquitetura é sempre constituída pela construção de muros que isolam o interior com as dinâmicas sociais da cidade. Além disso, sua localização está sempre distante dos grandes centros da cidade, o que dificulta seu acesso por parte da população. A heterogeneidade dos espaços públicos não atravessa os enclaves, para facilitar o controle é necessário a homogeneização de sua população para garantir o controle do espaço, e essa política de controle foi empreendida por César Maia a partir de formatações temáticas do espaço²⁶.

O controle social sob essas características tolhe o espaço público da livre circulação de pessoas de diferentes formações e classes sociais. Sem dúvida, essa “teoria do medo” que toma o território e impulsiona o surgimento de enclaves, além é claro da gestão das cidades via *Plano Estratégico*, vem se mostrando um desserviço ao palco oficial das trocas simbólicas e materiais entre sujeitos, reduzindo as ruas apenas a passarela de carros. Diante disso, “*Os enclaves são, portanto, opostos à cidade.*” (Caldeiras, 2000, p.265)

A ascensão dessa forma de governo – *Plano Estratégico* – que o Prefeito César Maia adotou em sua gestão formatou a cidade com caráter mecanizado, em

26 Cidade da Criança, Centro Municipal Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, Cidade do Samba

que as dinâmicas sociais tinham um endereço certo a partir de arquiteturas-enclave. Ao invés de valorizar o espaço de acesso democrático e público, reforça todos os sentidos de um lugar privado.

Teresa Caldeiras aponta um esvaziamento nas trocas entre os sujeitos nos espaços públicos e um crescimento ainda maior da segregação social a partir do crescimento dos enclaves nas cidades.

Nas cidades em que os enclaves fortificados produzem segregação espacial tornam-se explícitas as desigualdades sociais. Nessas cidades, as interações cotidianas entre habitantes de diferentes grupos sociais diminuem substantivamente e os encontros públicos ocorrem principalmente em espaços protegidos e entre grupos relativamente homogêneos. O próprio tipo de espaço vai contribuindo para que os encontros públicos sejam marcados por seletividade e separação. Na materialidade dos espaços segregados, na construção de muros e fachadas defensivas, nas grades ao redor dos parques... (Caldeiras, 1997, p. 174)

Alinhado com essa lógica de governo que formata a cidade como uma empresa e controla o convívio dos espaços sociais, César Maia, durante sua gestão entre 2001 e 2005, coloca em prática a construção de aparelhos culturais espalhados pela cidade. Essas obras evidenciam características do que pode-se chamar de enclave cultural, sendo assim, farei um breve relato crítico sobre duas obras construídas em seu governo, Cidade da Criança e Cidade do Samba, que possuem características semelhantes ao meu objeto de pesquisa.

2.5.1 Cidade das Crianças

A Cidade das Crianças Leonel Brizola foi inaugurada em 2004, está localizada na Estrada Rio-Santos, KM 1, bairro de Santa Cruz, e possui 186 mil metros quadrados, o que lhe confere o título de maior parque público municipal do estado. Sua administração é vinculada à Secretária de Esporte e Lazer.

No que diz respeito a espaços para atividades, o parque se mostra muito bem arquitetado, dividindo-se entre três eixos: cultura, esportes e meio ambiente. Dentre suas atrações está uma estação de bondinhos, praças, teleféricos, quiosques, praça de alimentação, parque de diversões, um teatro de arena com capacidade para aproximadamente 300 lugares, e o Museu da Criança. (Marques & Moreira, 2007)

Na área dos esportes, foram construídas quadras poliesportivas, campo de futebol society, quadra de tênis, pista de skate, muro para escalada, piscinas de adulto e infantil e um deck. (*Ibidem*, 2007). Para um parque público, sua estrutura chega a impressionar quando encontramos um lago para pesca, sítio, moinho, pomar, horta, viveiro de pássaros, estufa, açude, passeio de charrete e cavalo, churrasqueiras. (*Ibidem*, 2007)

A construção desse projeto para os cofres públicos girou algo em torno de R\$ 33.503.804,22. Se pensarmos estritamente no projeto podemos considerar esse gasto coerente para um parque que oferece tantas opções de lazer para o carioca, entretanto, a grande crítica por parte da população a essa construção se dá por conta de sua localização equivocada, materializada pelo difícil acesso devido à escassez de transporte público até o local, conseqüentemente isso implica em um esvaziamento desse equipamento público.

2.5.2 Cidade do Samba

A Cidade do Samba está localizada no bairro da Gamboa, região central do Rio de Janeiro, logo; ela enquanto equipamento cultural compõe o projeto de revitalização da região do porto. Sua inauguração aconteceu em setembro de 2005.

Seguindo o formato dos projetos do segundo Plano Estratégico de César Maia, a Cidade do Samba é construída como um parque temático do samba, ou, como se referiu Ailton Guimarães, presidente da Liga Independente das Escolas de Samba, a Cidade do Samba é a “Disney do Carnaval” (Marques & Moreira, 2007, pg 21).

Sua construção tem por objetivo dar visibilidade às escolas de samba, gerar renda a partir da produção de eventos no espaço, mas, principalmente, atrair os turistas que chegam sobretudo através de cruzeiros marítimos e desembarcam na região do porto. Ou seja, não é coincidência a Cidade do Samba estar localizada justamente de “frente para o mar”, contudo, sua localização longe da Marquês de Sapucaí, local onde as Escolas desfilam no carnaval do Rio, dificulta o acesso dos carros alegóricos, fantasias e outros adereços até o local, isso reforça o caráter da construção da Cidade do Samba “para inglês ver”.

Seguindo ainda a lógica da “Cidade das Cidades” ligada à política de segurança sendo fomentada a partir da criação de enclave cultural, a arquitetura da Cidade do Samba demonstra mais uma vez o isolamento social que o complexo fomenta com o entorno da cidade. Em uma área de 72 mil metros quadrados, o local é isolado com muros altos de concreto, o que impossibilita a visibilidade do interior do local por quem passa pela rua, além de não dialogar de nenhuma maneira com o entorno do bairro.

Seu acesso mais uma vez é ponto de crítica pela população, o transporte é deficitário na região, a segurança de seu entorno deixa a desejar para quem se aventura a chegar caminhando. O acesso utilizando o carro se mostra confuso já que a sinalização é quase inexistente dentro do bairro, o que faz com que os motoristas se percam pelo caminho. Essa realidade só é amenizada quando o carnaval se aproxima e o fluxo de turistas na Cidade do Samba aumenta consideravelmente dando mais vida ao local.

Esses dois equipamentos culturais aqui apresentados se aproximam das características encontradas no CMLGTN no que diz respeito a suas conformações pautadas na segregação temática – samba e criança, e seu formato de enclave cultural. Porém, a Feira possui uma característica fundamental que a difere das demais: ela é o único equipamento cultural de César Maia que foi construído a partir de uma socialização já existente no bairro de São Cristóvão. Diante disso, seu processo de construção se deu a partir de conflitos, protestos e disputas por representatividade. Tal qual a história de sua fundação, a construção da atual Feira de São Cristóvão possui diversas impressões e histórias que buscarei apresentar a partir de algumas vozes do território.

Capítulo 3. Ponto de Partida

A primeira fala que trago do território é a minha. Busquei descrever o território como uma frequentadora, e ilustrar através da minha fala as mudanças que o território passou em sua conformação diante da intervenção do *Plano Estratégico* de César Maia.

Eu conheci a Feira de São Cristóvão em 2011, era final de período no curso de Produção Cultural/UFF e aquele seria meu objeto de pesquisa para o trabalho final da disciplina “Produção e Cultura Popular”.

Meu ponto de partida para a Feira de São Cristóvão sempre acontece no bairro do Ingá, em Niterói, portanto minha descrição partirá desse ponto. Para se chegar a qualquer ponto do Rio de Janeiro saindo de Niterói é preciso necessariamente atravessar a Baía de Guanabara, e para isso temos duas opções: por via marítima, atravessando por Barca, ou por via terrestre, pela Ponte Rio-Niterói.

Do meu ponto de partida, a melhor maneira de se chegar até a Feira é por via terrestre; como não possuo carro, faço uso do transporte público. Meu bairro conta com duas linhas de ônibus que passam próximo à Feira, o 750D Gávea e o 760D Galeão, o trajeto não é muito longo, sem trânsito, em apenas 30 minutos é possível chegar até o pavilhão.

Estando já no ônibus, pouco tempo depois o mesmo começa a atravessar os 13 km da Ponte Rio-Niterói, e várias paisagens são formadas entre natureza e modernidade. Com um horizonte infinito, a Baía de Guanabara abriga dezenas de embarcações marítimas de formas, funções e tamanhos diferentes. Olhando para o lado esquerdo, a cidade do Rio de Janeiro aparece como em uma pintura em quadro, nessa “obra” é possível ver no meio a enseada de Botafogo abrigando inúmeros prédios de cores e formatos diversos. Na ponta direita do quadro o Corcovado com o Cristo Redentor, na ponta esquerda o Pão de Açúcar e o bondinho.

Começa a descida da ponte; em minutos o quadro há pouco descrito dá lugar a uma outra configuração da paisagem. Nesse momento, a Baía de Guanabara fica para trás e a Ponte agora não está mais em cima do mar, estamos em terra firme, estamos na região portuária do Rio de Janeiro. Dos dois lados, avistamos *containers* enormes e coloridos com a logomarca das empresas transportadoras, não posso precisar o que há dentro deles, apenas posso dizer que estão empilhados um em cima do outro, esperando a empilhadeira levá-los até o navio que irá transportá-los para várias partes do mundo.

Olhando para a direita, um pouco à frente da região portuária, encontra-se um dos cemitérios mais famoso do Brasil, o Cemitério do Caju, e em poucos metros à frente já é possível avistar nosso local de destino. De forma muito marcante e simbólica, a primeira visão que temos da Feira de São Cristóvão, ainda sobre a Ponte Rio-Niterói, é o de chapéu de cangaceiro gigante que faz a cobertura de um dos palcos principais da Feira. O trajeto já está no final, assim que o ônibus termina de descer a Ponte, logo no primeiro ponto é hora de desembarcar, a partir daí sigo a pé até o pavilhão, estamos no bairro de São Cristóvão, local onde a Feira acontece.

A Feira está localizada na região portuária do Rio de Janeiro, o caminho é deserto e por vezes toma ares de abandonado, reflexo da história do bairro que há pouco contei. A sinalização é quase inexistente, no trajeto indo pela Leopoldina ou pela região do Porto encontra-se somente uma placa indicativa em ambos os caminhos. Do ponto de ônibus onde desço até a Feira de São Cristóvão o trajeto é rápido, sigo primeiro por uma passarela que me leva ao outro lado da via, depois viro na primeira rua à direita, onde encontro uma rua larga como em forma de pátio. Essa rua, devido a sua configuração, acaba sendo utilizada como estacionamento para ônibus, caminhões e baús de carga, o pouco movimento que há no local é de funcionários dos galpões atacadistas e de caminhoneiros à espera de carga. À noite, o movimento diminui ainda mais, com isso se torna uma opção um pouco ruim fazer esse caminho a pé, pois o trajeto é mal iluminado com uma luz amarelada. Os poucos funcionários que ali estavam já foram embora, apesar dos caminhões e baús permanecerem abandonados. Por isso, a melhor alternativa nesse caso é descer no

ponto seguinte, em frente à rodoviária Novo Rio, e seguir de taxi até lá.

Logo que se chega em uma das duas entradas da Feira de São Cristóvão, somos recepcionados por ilustres figuras da cultura nordestina. Na primeira entrada, no pátio que antecede a portaria de acesso ao pavilhão logo em frente, encontramos a estátua de Luiz Gonzaga em tamanho real, pintado em bronze. O Rei do Baião vestido com seu gibão, e um chapéu conhecido como chapéu de cangaceiro, empunha sua sanfona, com um sorriso largo que estampa diversas fotos dos visitantes. Paralela a essa, do outro lado do pavilhão, temos a segunda entrada, aparentemente igual à primeira, porém nessa o pátio recebe a imagem de Padre Cícero. Um fato interessante: é muito comum encontrarmos devotos em prece diante dos seus pés ou pedindo sua benção quando chegam e vão embora.

Nesses dois pátios, encontra-se um parque de diversão e algumas barracas de doce, tapioca e cachorro-quente, achei tudo muito simpático. De imediato, aquele cenário despertou as mesmas sensações que eu sentia quando ainda criança passava férias na casa dos meus avós no Piauí. Aquela conformação levou os meus sentidos até os festejos aos quais eu aguardava ansiosamente retornar.



Figuras 7: Imagem de Padre Cícero e Luiz Gonzaga nas duas entradas da Feira de São Cristóvão

Nas duas entradas, depois das estátuas ao lado direito, vê-se as bilheterias com pinturas que retratam a paisagem sertaneja. A entrada não é gratuita, aos finais de semana temos o preço base de R\$5,00, podendo variar após as 18h de acordo com a banda que fará show nos palcos principais.

Quando se passa a roleta, diversos ritmos musicais tomam os corredores. As barracas são diferentes de uma feira de rua, são lojas projetadas em tamanhos padronizados. Nas duas avenidas principais que cortam todo o centro da Feira, estão as barracas maiores, nesse espaço os restaurantes são muito bem equipados com ar-condicionado e uma decoração impecável remetendo à cultura nordestina. Ali, os funcionários estão trajados com indumentárias que remetem à nordestinidade. Alguns trajam o gibão de couro completo, outros camisa xadrez e o chapéu do lampião, há ainda os que seguem a linha do tropicalismo nordeste e vestem camisas floridas. Via de regra, aqueles restaurantes seguem fortemente uma linha mercadológica focada no turismo, tudo ali é para turista ver, apreciar e sobretudo consumir, os garçons logo te abordam tentando vender o melhor Baião de Dois a “preço justo”.

Contudo, nas ruas intermediárias encontram-se barracas menores, daquelas que o organograma da empresa é bem menor e familiar. Nessas barracas, tudo é feito na hora, não existe uniforme padrão, e o atendimento é muito mais pessoal. Em minutos, todos os funcionários conversam com os clientes como se existisse uma amizade de longa data.



Figura 8: Recepcionista do Restaurante Estação Baião de Dois



Figura 9: Recepcionista e clientes do Restaurando Mandacaru



Figura 10: Garçon do Restaurante Mandacaru

Foi em uma dessas barracas menores que minha etnografia alimentar começou. Pedi um Baião de Dois com aipim e carne de sol, logo após o garçom fazer meu pedido, ele volta para uma conversa sobre a “vida”: fala do show na noite anterior, do movimento da Feira, do preço do tomate. Poucos minutos se passam e logo chegam os pratos envoltos em uma fumaça que exala o aroma da comida do Nordeste. O Baião de Dois feito com arroz e feijão misturados proporcionalmente e unidos com queijo coalho é banhado com temperos tipicamente nordestinos e coberto e um lençol feito de coentro, salsinha, cebolinha picados. A macaxeira,

conhecida também como mandioca em São Paulo, e aipim no Rio de Janeiro, obedecia ao ideal de uma iguaria frita, sequinha e crocante por fora e macia por dentro, imagine que na primeira mordida ela já derrete na boca feito como um carinho ao nosso paladar. A carne de sol, um dos principais alimentos do Nordeste, completava o banquete com seu sabor forte e marcante.

Além de restaurantes, a Feira também conta com barracas de gênero alimentício vindos diretamente do Nordeste como farinhas, queijo coalho, castanhas

de caju, temperos, cajuína e doces típicos

Embora desde 2003 seja institucionalmente um Centro de Tradições Nordestinas, a Feira também incorpora elementos culturais de outras regiões do Brasil. As lojas de artesanato comercializam rede, berimbau, mas também cuia de chimarrão e camisas com temáticas cariocas. Os restaurantes vendem comida nordestina, mas também oferecem outras opções como batata frita e moqueca capixaba. As sorveterias vendem além dos sabores típicos do nordeste como tapioca, umbu, graviola, pitomba, também os clássicos como chocolate, flocos, etc.

Algumas ruas também contam com barracas de segmentos surpreendentes para um Centro de Tradições nordestinas, como agência de viagens, transportadora, cabeleireiro, sex shop e um sebo literário.

A diversidade também está na música, e essa miscelânea de gêneros nordestinos funciona como fronteiras dentro do pavilhão separando algumas vezes Estados, mas na maioria das vezes apenas gêneros musicais com forte representação do nordeste.

3.1 Xote, Maracatu e Baião

Junto com a comida, a música é o elemento que mais representa a cultura nordestina dentro da Feira de São Cristóvão. É ela quem dá o tom das relações estabelecidas naquele espaço, criando fronteiras musicais, pontuando os grupos por suas origens e identidade.

3.1.1 Palco João do Vale e Jackson do Pandeiro

Entre as atrações culturais na Feira, temos dois palcos principais. O primeiro, nomeado de João do Vale, tem sua cobertura em formato de chapéu de cangaceiro, a parede no fundo do palco traz um painel com desenhos que retratam o interior em

feira de São João. Fazendo referência à cultura maranhense, na frente do palco, suspensos por cordas, estão dois Bois da tradicional dança Bumba-meu-Boi. O segundo palco leva o nome de Jackson do Pandeiro, seu desenho cênico é tal qual o primeiro diferenciando-se apenas em dois aspectos: no primeiro, o formato de sua cobertura é em chapéu de vaqueiro, ou conhecido também como chapéu de coco sem aba, seu mural também traz a pintura do Pelourinho, entretanto diferente do primeiro palco, nesse as baianas estão retratadas com seu vestido branco e descendo a ladeira.

A música que prevalece é o forró eletrônico, e, durante o dia, o público frequentador é extremamente eclético: são famílias, casais de namorados e grupo de amigos; já à noite, predominam homens e mulheres aparentemente de 20 até 40 anos. O local é o principal ponto de flerte na Feira, normalmente os homens permanecem em roda, no chão está um balde de plástico com gelo e bebidas que variam de cerveja a energético com vodca, os olhos ficam correndo em busca de um par para dançar, assim que acham não há demora, o convite para uma dança é feito.



Figura 11: Palco João do Vale

Embora o nordeste seja fortemente atravessado pelo machismo, são as mulheres que escolhem o par para a dança, e o código para o consentimento é através do olhar. As nordestinas são sensuais, vestem-se predominantemente com

roupas que valorizam a forma do seu corpo, a noite toda sustentam sandálias de salto alto e maquiagem, assim se sentem bonitas, ou como elas mesmo se denominam “Poderosas”, “Top”, “Gostasas”.

Como dito anteriormente, nesses palcos tocam as bandas e artistas que influenciam diretamente o preço do ingresso. Entretanto, é preciso levar em conta que o consumo musical na Feira tem uma característica muito particular. O que toca no cenário nordestino tem muito mais impacto do que as músicas de alcance nacional, ou seja, o cantor de arrocha Silvano Salles, por exemplo, faz mais sucesso do que Frank Aguiar.

Normalmente, os shows com as bandas mais famosas acontecem na sexta à noite. Era a primeira vez que eu estava indo à Feira nesse dia e até então achava que a entrada tinha preço único, independente do artista que lá estivesse. Contudo, chegando na bilheteria, fui surpreendida com o preço um pouco mais elevado, R\$10,00. Indaguei à vendedora o porquê do aumento do preço, afinal eu tinha estado lá alguns dias antes e ainda era R\$2. Então, ela me informou que o preço era referente ao show do Frank Aguiar que aconteceria naquela noite.

Logo imaginei que a Feira estaria cheia naquele dia, afinal Frank Aguiar é um cantor bem midiático e famoso em todo o Brasil, porém, me enganei, o show estava vazio. Achei estranho, pensei que fosse só um dia de má sorte do cantor que fez um show para um público menor. Porém, em outra ocasião, voltei a Feira no show do cantor de arrocha Silvano Salles, o preço do ingresso novamente havia aumentando, dessa vez R\$ 20,00, achei abusivo afinal nunca tinha visto ou ouvido falar de Silvano nas rádios ou canais de televisão.

Entrei. Resolvo então andar pela Feira, estava tudo muito vazio, pensei que fosse continuar assim pois o ingresso estava caro e lá fora não havia fila para entrar quando cheguei. Continuo minha caminhada pela Feira, falo com alguns barraqueiros e conhecidos e entre idas e vindas, conversas e novidades, resolvi ir atrás da minha já tradicional refeição na Feira, o baião de dois com mandioca e carne seca.

Termino minha refeição e volto ao palco me deparando como uma multidão em frente ao palco à espera do show de Silvano Salles. Entre o público, milhares de mulheres alvoroçadas, algumas usavam uma faixa na cabeça com o nome dele escrito com brilho, outras traziam cartazes com declarações de amor e pedidos de casamento, namoro e para tirar foto, todas estavam ansiosas e gritando a todo momento por Silvano. Além disso, ambulantes aproveitavam e passavam entre o público vendendo cds, dvds, faixas e tudo mais do cantor.

Depois dessas duas experiências, percebi que aquele cantor a mim desconhecido era tão famoso, se não mais, do que o Frank Aguiar. Mesmo sem nunca ter sua música tocada nos veículos de comunicação com alcance nacional, Silvano Salles levou para a Feira de São Cristóvão milhares de pessoas. Com isso deixa evidente que aquele local é um mundo musical à parte, onde quem dita o que é sucesso ou não é o nordestino, e não os canais de comunicação do Rio de Janeiro e São Paulo.

3.1.2. Praça do Pé de Serra

Em quatro cruzamentos das ruas secundárias encontramos praças com palcos bem menores batizadas com nomes de personalidades nordestinas, Praça Frei Damião, Praça Câmara Cascudo, Praça Mestre Vitalino e Praça Padre Cícero.

Nesses palcos, é tocado somente o estilo forró pé-de-serra, onde quem dá o tom são os Trios formados sempre por sanfona, triângulo e zabumba, as músicas vão de Luiz Gonzaga, Trio Forrózão, Marinês a releituras de artistas como Zezé de Camargo e Luciano, Anitta, entre outros. Os artistas não possuem a estrutura e a fama das bandas dos palcos principais, durante todo o dia esses músicos percorrem os quatro palcos montados nessas praças, de maneira que quando acabam o show em um palco logo correm para o outro.

O público nesse espaço tem uma homogeneidade durante todo o final de semana, é formado majoritariamente pelos primeiros migrantes nordestinos,

sobretudo casais com idade a partir de 50 anos, o consumo de bebida aparentemente é mais moderado, um indício é o fato que não há oferta de balde com bebidas

As praças não contam com uma iluminação, portanto durante a noite são iluminadas somente pelas luzes dos bares que ficam em volta, o que deixa o clima mais intimista e charmoso, remetendo aos tradicionais forrós do sertão. Em frente ao palco é formado um grande círculo onde os casais dançam no meio, a abordagem entre homens e mulheres acontece de maneira mais sutil. Nesses quatro anos de pesquisa, poucas vezes vi um homem pegando a mulher pelo braço para dançar; o convite na maioria das vezes é feito de frente apenas estendendo a mão.





Figura 12: Público dançando nas praças que tocam trios de forró pé de serra

3.1.3. Corredor do Reggae

O ritmo predominante do Maranhão é representado pelo “*Corredor do Reggae*”, e seus frequentadores têm origem esmagadora de lá. Ao total, são dois corredores localizados um em cada ponta do pavilhão, são pequenos e intimista, iluminados somente com alguns leds, tendo apenas um bar vendendo bebidas ou petiscos, diante de suas configurações chegam a ser um espaço bem diferente de todos os outros da Feira. Por isso, para garantir que nenhuma droga ilícita seja usada no local, durante toda a noite um segurança fica lotado na porta do *Corredor*.

O local possui um paredão formado por caixas de som e amplificadores chegando a medir cerca de 3 metros de altura, a cabine do DJ também fica em destaque, no centro da pista ele entra em um espaço cuja proteção é um cilindro que do chão alcança 1 metro e possui um desenho iluminado pelas cores da bandeira do reggae.

Exceto por Bobby Marley, o reggae que é possível escutar no *Corredor* está

longe de ser o que toca nas rádios brasileiras, sua origem vem de cantores do continente Africano e da América Central. O reggae é um ritmo que possibilita dançar a dois bem como sozinho, na Feira de forma predominante os frequentadores do local costumam dançar sozinhos.



Figura 13: Corredor do Reggae

3.1.4. Bar do Brega

De maneira peculiar, o brega é o único ritmo que não possui um palco específico demarcando uma quadra ou uma rua, de tal forma que esse foi o último ritmo musical que encontrei no território. Contudo, sua presença se dá através de shows ao vivo em barracas espalhadas em inúmeras ruas da Feira, com cantores entoando músicas autorais e as mais famosas de Roberto Carlos, Waldik Soriano, Néilson Ned, Benito de Paula, etc.



Figura 14: Show de brega no bar do Seu Januário

Algumas dessas barracas, no entanto, abrigam artistas que cantam bregas autorais; a mais famosa é a Barraca do Seu Januário, em que todo final de semana acontece o festival de brega liderado por Geraldo Rossi, sendo esse considerado o primeiro cantor de brega da Feira de São Cristóvão. Seu prestígio é tamanho que algumas pessoas chegam compará-lo a Roberto Carlos. As apresentações de alguns desses cantores chegam a ser performáticas, com roupas cheias de brilho, cabelos pintados, interagindo com um público fiel que mora no Rio de Janeiro há mais de 20 anos. Tal qual o palco pé-de-serra, os frequentadores desse espaço são migrantes das primeiras levas de migrantes, que já possuem filhos e até netos cariocas.

3.1.5. Praça dos Repentistas

O repente é considerado a primeira manifestação artística registrada na Feira de São Cristóvão, por isso os feirantes consideram a Praça dos Repentistas o

espaço de maior valor simbólico. Localizado no centro do pavilhão, todos os caminhos levam a esse espaço, que é formado por um palco circular no centro da praça, rodeado por uma arquibancada feita em madeira de 3 andares.

Dois cantores estão no palco, o formato da apresentação pode variar de acordo com a dupla. Algumas preferem se apresentar sentadas, outras em pé, e tem ainda as duplas em que um integrante fica em pé e o outro sentado. Os instrumentos não possuem uma diversidade de sons, na maioria das vezes cada cantor empunha o seu violão e está pronto para o improviso. Quando aparece alguma dupla com um pandeiro há quem diga que ali já não é mais repentista e sim um embolador de coco. Independente se é embolada ou repente existe um item indispensável na performance das duplas; o chapéu para o público depositar o dinheiro da caixinha dos cantadores.

Devido a sua localização central, o fluxo de pessoas é intenso, praticamente todos os frequentadores da Feira passam por ali e ficam pelo menos alguns minutos apreciando os versos improvisado pelos cantadores. A praça costuma ser usada também como ponto de descanso de quem já está ali circulando por horas, o que se torna um bom pretexto para os repentistas logo soltarem um verso de improviso debochando do público presente.

Mas a Praça dos Repentistas é um espaço que também agrega outras manifestações culturais. Ali pequenas barracas de metal, pintadas na cor verde, funcionam como ponto de venda para xilogravura e os tradicionais cordéis que abordam temas atuais do nosso cotidiano como “O patinho feio nas ondas da internet” e “O caso do goleiro Bruno: o sonho de Elisa que virou pesadelo”. A Praça também acolhe os grupos de capoeira do Rio de Janeiro que frequentemente usam o espaço aos finais de semana para reunir seus alunos e divulgar a luta de origem baiana.



Figura 15: Praça dos repentistas

O movimento da Feira muda consideravelmente durante a semana, poucas lojas ficam abertas, e o único espaço cultural que funciona é a Praça dos Repentistas, que abre espaço para os trios de forró pé de serra que tocam durante a hora do almoço recepcionando os clientes dos restaurantes que funcionam nesse período.

Ao longo das minhas incursões ao CMLGTN, tive o privilégio de conhecer feirantes que compartilharam comigo suas histórias, lutas e impressões sobre a antiga e a nova Feira de São Cristóvão. Os relatos foram coletados a partir de conversas previamente marcadas em suas barracas, entretanto, todo o processo de pesquisa foi atravessado por diálogos para além da formalidade do trabalho de campo. Encontrar a interface entre a formalidade e informalidade da fala dos sujeitos me permitiu mediar as diversas vozes do território que desenharam uma narrativa de resistência.



Figura 16: Cordéis vendidos na Praça dos Repentistas

3.2. As vozes do território

*Minha vida é andar por este país
 Pra ver se um dia descanso feliz
 Guardando as recordações
 Das terras onde passei
 Andando pelos sertões
 E dos amigos que lá deixei.
E a saudade no coração*

(A vida de um viajante – Luiz Gonzaga)

3.2.1 Sou nordestino e lutador

Alex Araújo é daqueles nordestinos que, embora tenha nascido no nordeste,

migrou ainda criança com a família para o Rio de Janeiro. Chegou na cidade em 1980, tinha apenas 5 anos de idade e, embora sua formação tenha sido em terras cariocas, quando se conversa com ele não há espaço para dúvidas: Alex é um apaixonado e militante da cultura nordestina. Seu sotaque nordestino carregado, e seus costumes no cotidiano mostram que sua vida está muito mais atravessada pela identidade nordestina do que pela carioca.

Quando conversamos, Alex mostrou-se muito convicto de que a mudança para o pavilhão foi positiva para todos que trabalhavam ou frequentavam o espaço. Diante disso, pontuou fatos que ilustraram a Feira como um território de subversão na cidade. Quando perguntei para ele se toda aquela dinâmica da rua incomodava os atores da cidade, ele pontuou que o tensionamento das relações envolvendo a Feira era principalmente com os moradores de São Cristóvão.

O foco era só os moradores de São Cristóvão mesmo porque prejudicava muito pelo barulho sonoro que era muito grande, né. Porque eram várias barracas lá fora com som cada um mais alto de que o outro para ganhar mais clientes de que o outro. E também pelas pessoas urinarem nas casas. Também faziam coisas obscenas na porta das casas, às vezes era casal, entendeu? Então isso prejudicava muito a Feira

Das relações estabelecidas entre os feirantes, até a mudança para o pavilhão, Alex recorda de forma positiva a união que havia entre todos, sobretudo na construção de um movimento de resistência para que a Feira não acabasse.

...quando a gente era lá fora, acho que até pela necessidade, tinha uma união muito grande entre os feirantes.... nós era como se fosse uma família com a Feira lá fora, acho que pela necessidade, pelo movimento até da Feira terminar.

As dinâmicas sociais que aconteciam na Feira de São Cristóvão atravessadas pelos interesses econômicos do Poder Público fizeram com que diversas vezes a Feira fosse alvo de políticas públicas que desenhavam uma mudança de local, ou mesmo o fim daquele encontro. Contudo, Alex aponta que o desejo de permanecer no Campo de São Cristóvão impulsionou a construção de uma rede de colaboração e resistência entre os feirantes, frequentadores, artistas e admiradores:

Nós mobilizamos muita gente, mas muita gente mesmo, que nós ficamos sem noção da onde saiu tanta gente. Eu acho que também na época, veio também frequentadores, admiradores da Feira participar, porque a gente fez um trabalho muito bonito junto com Agamenon de divulgação que a Feira ia

se acabar por ordem do prefeito.

Em 2003, a Feira passa a acontecer dentro do pavilhão em que permanece até hoje. Sobre o processo de mudança, Alex evidencia a falta de diálogo entre Associação e Prefeitura junto aos demais feirantes depois do anúncio da mudança. Segundo o comerciante, não havia informações de como seria a estrutura dentro do pavilhão.

Ninguém esperava o que iria ser aqui dentro. Se seria bom, como é que iria ser por causa das localidades das ruas. Porque lá fora era uma rua só, a pessoa caminhava e passava por todas as lojas.

A história da nova formatação da Feira de São Cristóvão ilustra a ingerência do Estado que não dialoga com os feirantes e constrói uma relação vertical no espaço atribuindo normas que excluem os sujeitos que não se adaptam. O despreparo da Prefeitura do Rio de Janeiro na gestão do CMLGTN atravessa não só os preceitos administrativos do espaço, traduzidos pela falta de diálogo com a população nordestina, mas também por impor um formato que não estava alinhado com o desejo de preservação e culto à cultura nordestina por parte dos feirantes.

Foi botado uma gestão aqui péssima pelo Poder Público... é uma gestão compartilhada entre a Associação dos Feirantes e Poder Público...era uma gestão que não tinha conhecimento cultural, e você trabalhar com uma pessoa que não tem conhecimento cultural, é muito ruim. A pessoa não sabe a importância do brega, a pessoa não sabe a importância de um cordel, a pessoa não sabe a importância de um embolador de coco, a pessoa não sabe a importância do repentista.... Mas como a gente já tinha lutado já há 70 anos lá fora, aquilo ali pra gente era pinto! Um grupo de administradores do Poder Público. Então nós botamos os quente em cima deles mesmo e dissemos "Vai ter e não vai acabar! Isso é cultura nossa, nós vamos ao Prefeito, vamos na Câmara dos Vereadores, o que for preciso, nós vamos pela nossa cultura.... porque queriam cortar muita coisa.... Um exemplo, eles queriam que esses palcos fossem tipo Rock in Rio, um palco central para as pessoas dançarem, curtirem. Mas ai não seria nossa cultura, nossa cultura é outra. Se nós temos quase 80 anos de Feira é porque nós temos uma cultura a zelar.... Só que a cultura nossa lá fora não era essa, eles achavam como nós estávamos trocando de roupa tinha que trocar tudo, botar roupa nova na casa. Só que a gente ia perder nosso público, se a gente tinha lá fora um público pra aquilo, você não pode trocar pra outra coisa. Você tinha um público lá que era pro forró, que era pro repente, pro embolador de coco Você não podia trocar, chegar aqui e colocar só bandas eletrônicas aqui dentro da Feira._

Se Alex aponta uma postura ditadora por parte do Poder Público na transição da Feira para o pavilhão, hoje ele conclui uma inversão nesse papel e acusa um afastamento da Prefeitura.

Aqui o Poder Público tinha que participar mais, mas como Poder Público, não como ditador. Hoje ele não participa é vergonhoso pra ele, se afastou. No passado ele era ditador. Ele ditava, a gente não quer ditador aqui dentro, a gente quer pessoas pra somar. Nós lutamos tanto, lutamos tanto pra chegar onde nós chegamos, pra chegar uma pessoa aqui que não tem conhecimento do que é cultura, o que é nada pra ditar? Ditar é fácil, qualquer um pode ditar... mas o ruim do Poder Público é que eles são num período de 4 em 4 anos, então são pessoas que vão passar 4 anos e pra ele tanto fez como tanto faz se na gestão dele a Feira ir pra frente ou acabar, então pra ele não vai diminuir nada.

Embora se mostre uma pessoa muito crítica em relação à atuação do Poder Público durante toda a história da Feira, Alex defende o novo formato e não considera sob hipótese alguma o retorno à rua. Quando questiono sobre uma possível volta, ele é enfático ao afirmar que se um dia isso acontecer ele prefere não continuar mais como feirante.

Aqui dentro é bem melhor, nem se compara lá fora a dificuldade que a gente tinha lá. Um local sem água, que não tinha um ponto de água correto, a gente fazia perfurações e pegava água do Poder Público. As lojas não tinham estrutura, era muita poeira lá fora... tinha lugar que tinha asfalto mas tinha lugar que era chão, então não dava um conforto ao cliente. O cliente chega na Feira e tem um conforto, um estacionamento igual nós temos hoje, então... não tenho nada que seja a favor lá fora. Lá fora é uma dificuldade imensa de montar a loja, desmontar a loja, amarrar a lona. Quando dava uma chuva acabava com tudo, quando dava um vento acabava com tudo, então tem essa dificuldade muito grande lá fora. Às vezes, existia uma obra do Poder Público, assim na parte da água para os moradores de São Cristóvão, na parte do gás encanado, na parte de esgoto, e a Feira pagava o pato, porque eles vinham rasgando tudo e não tinha esse negócio, não. O Poder Público quebrava mesmo, deixava aqueles buracos imensos no meio da Feira porque na vista do Poder Público não era legal, né? Éramos informais lá fora, então pra ele tanto fazia como não fazia, quebrar tudo ou deixar inteiro, então não mudava tanto. Então não tenho essa segurança de voltar lá fora.

Alex sem dúvida se mostra como um entusiasta e militante da cultura nordestina, pois mesmo tendo crescido longe de sua terra natal, cresceu cercado pelas referências de onde nasceu e fez delas o seu trabalho. Durante nossa conversa, pontuou fortemente a resistência dos feirantes antigos frente à estrutura precária que atravessava a Feira, bem como a luta a favor da identidade sertaneja. Sua fala esclarece que a revitalização da Feira de São Cristóvão redesenhou a territorialidade que surgiu na rua e fez daquele novo lugar uma referência de luta e da preservação dos símbolos do nordeste. O CMLGTN não perdeu o seu valor simbólico para os migrantes e sim reconfigurou a sua relação com a cidade.

3.2.2 Eu tenho 45 anos de repente.

Miguel Bezerra é cearense, migrou para o Rio de Janeiro em 1974 e desde então é repentista na Feira de São Cristóvão. Esteve comigo em uma sexta à noite, antes de sua apresentação na Praça Catolé do Rocha, e se mostrou como um típico nordestino na cidade grande: desconfiado e de pouca fala.

Quando lembra o período em que a Feira acontecia na rua, divide a sua lembrança em dois períodos e conclui: até 1990, era um excelente espaço, contudo, após esse período, os líderes abandonaram a organização do local, o que tornou o Campo de São Cristóvão desorganizado.

Lá fora teve um período maior muito bom e depois começou a fracassar muito. Como era até uns 15 anos de Feira eu preferia lá fora, mas depois... ficou diferente, muita sujeira, o pessoal que tomava conta da Feira abandonou, ficou uma bagunça... Você cantando repente o cara chegava e botava um som mais alto aqui, vendia cerveja, e música estrangeira e o caralho.

Diante do movimento para o fim da Feira, Miguel destaca que o processo de resistência contou com o nome de algumas lideranças que estiveram em negociação com a Prefeitura para a permanência no Campo de São Cristóvão. Pontua ainda que, durante o período de perseguição por parte do Poder Público, não só os feirantes eram atingidos, mas os repentistas também.

A gente teve uma luta com a prefeitura, tinha Agamenon, Gilberto Teixeira, Vavá que lutaram muito pela legalização. Houve passeata da Associação, teve um bocado, não foi só uma vez não. Teve muita luta pra poder entrar aqui.

O repentista entende que a intervenção da política de César Maia na mudança para o pavilhão fez da Feira um espaço mais organizado e seguro, porém não deixa de ser crítico ao perceber que desde a nova configuração o seu público mudou consideravelmente. Além disso, aponta ainda que, embora tenha virado um Centro de Tradições Nordestinas, o público frequentador é em sua maioria classe média, não nordestina, ausente de sensibilidade ao apreciar e entender a representação do repente.

O problema é que o pessoal do repente, que gosta do repente e adora, o pessoalzão, o povão, não entra a metade aqui. Aqui tá sendo mais uma

Feira de classe média. Do povão mesmo? Não entra a metade do povão que eu tinha lá fora. Eu tinha um povão que quando eu começava a cantar, só povão mesmo da carroça, nordestino, elas não estão entrando, metade não entra aqui ou mais da metade.

Essa relação entre as diferentes plateias e a representação do repente na cultura nordestina é novamente complexificada, quando ele mostra o seu trabalho sendo valorizado de maneira distinta a partir da caixinha que recebe enquanto canta.

A maioria do pessoal que frequenta aqui a praça do repentista é leiga. A gente bota uma cestinha, uma caixa de sapato, o pobre lascado chegava e botava R\$10,00, agora o rico de Copacabana chega e bota R\$1,00 ou R\$2,00.

A voz de Miguel Bezerra traz à luz as mudanças que atravessaram a Feira a partir de sua vivência nesse território. Em sua fala, ele aponta mais fortemente como a cultura nordestina possui representações distintas para os diferentes públicos que o assistem naquele lugar, sendo esses divididos na temporalidade de acordo com o espaço que a Feira é construída.

3.2.3 Meu lugar é o brega

Dona Maria do Socorro é cearense e possui mais de 30 anos de Feira de São Cristóvão. Junto com seu marido, é dona da Barraca do Seu Januário, um dos redutos da música brega na Feira. Quando conta sobre a época fora do pavilhão, recorda os momentos difíceis que passou com Seu Januário, segundo ela, todo final de semana era de muito trabalho montando e desmontando a barraca, estrutura como segurança e banheiro público não havia, e a chuva era uma de suas maiores inimigas.

Os maiores problemas era que não tinha segurança. A segurança era péssima, tinha muita briga naquela época, e também a dificuldade que a gente tinha de desarmar aquela lona todo final de semana. Isso foi uma lembrança que marcou muita gente, porque dava muito trabalho. Dia que tava chovendo, aquela chuva caía, a gente puxava a lona, a água vinha tudo em cima da gente, e era lama, não tinha banheiro. Então isso é uma lembrança péssima mesmo. Precisava ter muito sangue na veia pra aguentar aquilo.

A feirante traz em sua lembrança o tempo de luta para a Feira não acabar;

segundo ela, foram inúmeras vezes que os migrantes saíram em protesto resistindo às investidas do Poder Público.

A prefeitura queria acabar com a Feira do lado de fora. A gente fez grandes manifestações, fomos andando daqui até a Cinelândia, dançamos forró na Cinelândia, com sanfona e todo mundo aqui pra pedir que a Feira continuasse.

Embora diversos políticos visitem a Feira todos os anos e desde sempre, a mudança da Feira para o pavilhão foi personificada na figura do prefeito César Maia, e até hoje o que se observa nas diversas falas do território é uma voz uníssona rendendo graças ao antigo prefeito que materializou a grande mudança para o espaço.

Na época, o César Maia era candidato a prefeito, ele nos visitou num dia de chuva ali fora, uma lama e a gente sofrendo. Ai a gente perguntou pra ele o seguinte, se ele fosse eleito, o que ele podia fazer pela gente? Ai ele falou o seguinte: se eu for eleito, eu vou botar a Feira dentro do pavilhão, aí vai ser uma coisa mais organizada e vocês não vão sofrer tanto. Ai ele foi eleito, quando foi no dia 1º de janeiro, a primeira matéria que saiu no Diário Oficial, a Feira de São Cristóvão vai pra dentro do pavilhão. Então nós deve tudo isso ao César Maia porque se ele não mete a cara, nós hoje não estaríamos aqui. Hoje ele não foi reeleito mas o pessoal da feira, muita gente votou nele porque reconhece o que ele prometeu, prometeu e cumpriu, né, porque político não cumpre, mas ele cumpriu.

O jogo político na Feira se mostra muito consciente no que diz respeito ao interesse dos feirantes. Se de dois em dois anos diversos candidatos disputam voto no local, somente obtém sucesso aquele que efetivamente atua em favor dos interesses dos barraqueiros ou da associação e constrói uma relação de personalidade. Essa relação política dentro da Feira é evidenciada quando D. Socorro lembra da campanha do candidato eleito ao governo do Rio, Luiz Fernando Pezão. Assim que se elege, Pezão visita a Feira de São Cristóvão para agradecer os votos recebidos e estabelece uma relação de intimidade com os atores do território, quando circula pelo local e dialoga com os feirantes sem fazer uso de qualquer segurança. Além disso, o atual governador, assim quando eleito, rapidamente desenvolve ações que possibilitam aos feirantes investir em seus negócios.

O Pezão, quando ele ganhou, ele veio aqui nos agradecer. Ninguém nem esperava, ele veio uma semana depois aqui na Feira, arranjou uma linha de crédito para os feirantes, botou uma mini secretária aqui dentro, Secretária de Fomento, porque as pessoas precisam investir nos negócio dele aqui na Feira. Um moço que apareceu faz pouco tempo. O Lindebergh sempre

prometeu e não nada, aí a gente desacredita, né? Só promete. Agora o Pezão tem tudo aqui com o feirante, porque ele veio sem segurança, sem burocracia, sem nada. Entrou aí no meio dos feirantes, comeu churrasco com os feirantes, ele sentou na mesa à vontade, sem nenhuma besteira, ele foi muito bem recebido aqui, porque nós ficamos muito felizes dele ter vindo nos agradecer, pelo menos isso.

A burocratização da territorialidade, a partir da construção de enclaves fortificados, “apaga” o senso crítico de parte da população que atua como agente principal do meio e é beneficiada pelas políticas públicas. O que acontece nas demais instâncias na cidade é irrelevante quando a Feira é preservada.

O Eduardo Paes é um amigo nosso, ele vem muito aqui. Vez em quando, quando tem uma necessidade eu posso chamar ele, ele chega junto, olha eu não tenho o que reclamar do Eduardo Paes.

Há na fala dos feirantes o reconhecimento da Feira de São Cristóvão como um pedaço do nordeste, onde o migrante se reconhece nas representações espalhadas pelo pavilhão, ainda que atravessadas por uma curadoria de espetacularização e controle frente a sua nova conformação.

Aqui é o encontro do nordestino porque o nordestino sente muita saudade de sua terra, e é onde ele se encontra, podia ser a Feira aqui ou em qualquer lugar, eles sentem saudade, eles iam visitar. O pedacinho do nordeste aqui no Rio de Janeiro é a Feira de São Cristóvão, é um lugar onde você anda a qualquer hora da noite aqui dentro e não tem assalto, não tem nada, você fica à vontade aí, não precisa andar com arma, não é preciso andar com nada, então as pessoas se sentem seguras aqui dentro.

Quando compara a nova Feira com a antiga configuração, D. Socorro traça dois paralelos. O primeiro diz respeito à liberdade que havia na rua, não havia taxa de pagamento, as barracas podiam ser montadas em qualquer lugar, ao passo que a nova Feira determina um local fixo em formato de loja, além de cobrar taxas para ali permanecer. O segundo ponto diz respeito à originalidade; a feirante entende que a nova conformação representa uma evolução do modelo antigo que representava as dinâmicas sociais do nordeste fielmente como no território de origem.

A única coisa que a gente tem saudade é que lá a gente não pagava nada, aqui a gente paga muito caro. Você chegava botava onde você quisesse, não tinha problema nenhum. Aqui não, aqui é diferente, lá a gente era dono de si. E as coisas evoluíram né? Naquele tempo era diferente, era como se a pessoa chegasse do norte e continuasse no nordeste, era a mesma coisa.

Mesmo que aponte alguns fatos favoráveis aos feirantes de quando trabalhavam na rua, ao ser questionada sobre a hipótese de voltar a trabalhar no

formato antigo, D. Socorro é contrária e defende seu ponto de vista discorrendo sobre como a mudança para o pavilhão reconstruiu a imagem da Feira para a cidade.

Aqui é maravilhoso, na segurança, na limpeza, no modo da gente viver porque tem tanta dificuldade. Hoje nós somos donos daqui, a gente não quer trabalhar, a gente fecha a porta e pronto, hoje nós somos muito felizes com isso, e lá fora não, você tinha que ficar a noite toda sem dormir, porque se dormisse ia ser roubado e tinha muita briga, muita briga naquela época. Hoje não, é todo mundo civilizado, temos muita segurança, aqui dentro, qualquer coisa que você precisa a segurança chega junto, então pra nós facilitou muito. Agora aqui agora é civilizado, nós recebe gente do mundo inteiro, de todos os países, é uma coisa bem diferente.

Dona Maria do Socorro presenciou episódios que atravessaram a Feira no campo político sob as duas configurações – rua e pavilhão – e nunca se filiou a chapa alguma nas eleições para a Associação, está longe de ser uma militante assídua dentro da Feira de São Cristóvão. Ela representa nessa pesquisa a visão do feirante que vive o cotidiano do lugar para além das disputas políticas, traz consigo uma visão crítica e sincera de quem trabalha há cerca de 30 anos na Feira. Diante disso, reconhece as vantagens financeiras em ter uma barraca na rua, pois lá ela não pagava aluguel, contudo não se ilude ao pontuar as dificuldades da insegurança e desorganização do lado de fora. Como seus colegas de Feira até aqui apresentados, em sua fala percebo uma narrativa construída atravessada pela intervenção da política de governo de César Maia.

3.2.4. Forró? Só se for meu pé de serra!

Sussuanil e Marlene são frequentadores da Feira desde quando chegaram da Paraíba na década de 70. Em 2006 no entanto, eles deixas de ser frequentadores e passam a tocar na Feira de São Cristóvão com o Trio Levanta a Poeira. Em entrevista feita a beira do palco eles lembram como era a Feira antes da mudança para o pavilhão.

Sussuanil: Na Feira de fora, eu não participava, entendeu? Eu vim participar depois dessa nova. Eu frequentava, mas não cantava, só ia passear. Aqui é melhor do que la fora! Muito melhor! Por que aqui você tem

uma organização, lá fora era muito desorganizado

Marlene: É! Organização, Higiene, tudo. Segurança....Segurança então!!!!
Nossa!

Entendem a música como a maior representante da cultura nordestina dentro do pavilhão, contudo, se queixam com a falta de reconhecimento e valorização por parte da Associação dos Feirantes pelo trabalho deles.

S: O forte da Feira aqui, quem representa a Feira, apesar que eles não dão muito valor. Mas quem representa isso aqui são os Trios. Os Trios! Porque Luíz Gonzaga era zabumba, sanfona e triângulo, era a cultura da Feira. E aqui eles tem a cultura, mas dão valor as bandas. Mas quando é para vim uma Globo, uma Bandeirante pra cá chamam nós pra representar. Chega 4h, 5h da manhã, chega eu, ela e ele aqui pra fica até 10h. Tem dia que a gente faz aqui até 5h manha, depois chama os menino aqui pra fica até 12h pra fazer pra Bandeirante, Globo. Qué dizê, a Banda? Cade que chama a Banda? Chama nós aqui, mas não dão valor, a gente trabalha aqui 9 anos!

Quando pergunto aos dois sobre a mudança para o pavilhão ambos fortalecem o discurso reconhecendo a nova Feira como melhor, entretanto são críticos com relação a valorização cultural dos Trios de forró.

S e M: Aqui é muito melhor!

S: O problema daqui é a valorização, porque tem muita gente que diz assim quando a gente sai na televisão: "Te vi na televisão!" Eu digo: Mas minha filha, cêis pensa que pra mim é uma novidade aparecer na televisão, aqui eu faço é questão de você me dá elogio pro Trio da gente. Enaltecer o Trio, não dizê que me viu na televisão. Dizê que viu o trio na televisão eu to dando o nome à quem? A Globo!

M:então a maioria que vem pro palco grande são os jovens.

A conversa é logo encerrada pois o show já ia começar, contudo, Sussuanil encerra a sua fala protestando novamente sobre o conflito entre os trios e as bandas do palco principal.

S: Eu não discrimino ninguém. Eu não sou contra a banda, não sou contra a nada, mas vou te dizer uma coisa. Eu quando vou tocar la na zona sul, qué dizê, a turma da alta la fora, né? Eles pedem o Trio regional. Ai aqui, que é o lugar de Tradição, ai bota que é tradição, ai eles botam outras coisas. Cada um tem um gosto né, mas não acho que é autentico.

3.2.5. Sou um empreendedor nordestino na cidade maravilhosa!

Charlie é dono de um dos maiores restaurantes da Feira, o Estação Baião de

Dois, começou o seu negócio em 2003 já dentro do pavilhão por influência do irmão que era dono de uma barraca quando a Feira ainda acontecia do lado de fora. Em sua lembrança dessa época na rua ele lembra da precariedade que assolava os barraqueiros.

Meu irmão tinha uma barraca fora. Você não podia levar a família porque o pessoal fazia xixi na rua, ali era só mesmo pra pessoa que gostava de farra mesmo. Tinha briga, tá entendendo? Higiene era mínima possível.

Em sua fala sobre a mudança para o pavilhão faz uma análise fantástica definindo a Feira como um território que vende culinária e musica.

Então isso ai mudou muito quando veio pra cá, melhorou 100%. Lógico que, a grande vantagem da Feira foi que a qualidade da comida, né? Não mudou... e nem a música... que são as as duas partes que fazem parte do nordeste. O que tá vendendo aqui? É cultura culinária e a cultura musical.

A conversa com Charles infelizmente não progride, logo ele teve que se ausentar para cuidar do restaurante, porém antes que terminasse falou sobre a relação dos políticos com a Feira, apontando que quem promete e não cumpre ali não tem vez.

O Lindbergh é um que só vem aqui em época de eleição, mas não faz nada, porra nenhuma pela feira. O Lindbergh é um desses. É a terceira vez que ele mente pra gente, porra! Pra ser deputado, foi eleito, senador, foi eleito, e não fez nada, agora como governador ninguém acredita mais nele, ninguém vota mais nele, só vem na época de eleição, bonitão, gostosão. Na feira, mesmo, ele perdeu a credibilidade.

3.2.6. Sou artista e o nordeste é a minha inspiração.

Gilberto Teixeira é um artista nascido em Mossoró, tem 62 anos e migrou à 32 anos, assim como outros artistas do nordeste, escolheu o Rio de Janeiro em busca do reconhecimento de sua arte.

Eu fiz igual a todos os artistas nordestinos fazem, eles vem pra cá pra divulgar a sua arte, eu vim pra fazer música, cheguei em 1983, fiquei 15 anos em Teresópolis fazendo música e militando na área de cultura e meio ambiente, e a partir de 1997 eu desci de uma vez para o Rio de Janeiro e desde então eu to aqui na feira resgatando a sua história, fazendo as músicas e ao mesmo tempo cantando e interpretando a história desse povo daqui.

Ele desembarca na Feira de São Cristóvão quando ainda acontecia na rua a convite do então presidente da Feira, sua missão era organizá-la naquele espaço, porém como músico e jornalista seu trabalho atravessou o campo artístico, com isso outros projetos surgiram em favor da militância nordestina e valorização da nordestinidade no Rio de Janeiro.

Na Feira eu cheguei porque me convidaram, ela era lá fora e na época o Presidente da comissão de organização da Feira era Agamenon de Almeida, e ele me chamou então pra fazer um projeto de reforma, adaptação e setorização da Feira, foi o primeiro projeto que eu fiz pra Feira, em seguida vieram vários, mas sempre envolvendo a cultura e a música. E desde então a minha vida tem sido a Feira, fazendo música, fazendo jornal e fazendo as coisas e os projetos que ela tem, todos os projetos da nova Feira eu que fiz, desde forró da Feira até o São João da Feira. Mas todos eles têm uma mãe e um pai; é o Raízes do Nordeste, é um projeto muito amplo que resgata e ao mesmo tempo forma os ícones e as representações mais raízes do nordeste dentro do pavilhão que esse foi o objetivo do raízes do nordeste.

De seu tempo na rua, Gilberto não difere de seus outros companheiros de Feira, lembra da dificuldade que havia na rua com pouca higiene e segurança deficitária. Segundo o músico, os elementos mais tradicionais da cultura nordestina estava sendo deixada de lado, os repentistas estavam sendo anulados, os pé de serra eram cada vez mais substituídos pelo forró eletrônico. Diante disso, houve um movimento de resgate desses elementos da cultura nordestina que estava sendo perdida

Tem várias coisas, tem as coisas ruins que a gente sentia muito, principalmente do lado da segurança e da higiene, a Feira pecava muito nesse sentido, e eu sentia também que ela tava caracterizando se muito de comida e bebidas. O som do nordeste que rolava superava e muito o forró tradicional, os repentistas estavam sufocados inclusive, era o forró esse que chamamos de forró de plástico, as bandas de teclado tavam sufocando a cultura de tradição de feira e do nordeste. Então essas coisas ruins eu me lembro muito bem, por isso que a gente criou o Fórum Gonzagão de Cultura, pra pensar, trabalhar e descobrir uma forma de resgatar as coisas, essas coisas que enriquecem a Feira. Então as coisas boas lá da Feira lá de fora, foi quando a gente reuniu com o Fórum Gonzagão com o objetivo exato de trazer a Feira pro prumo, né? Resgatando essas coisas tão ricas, foi quando eu fiz o forró da Feira com participações da Tânia Alves, do Zé Ramalho e levamos pro Canecão no ano 2000 e 2001 fizemos forró da Feira 1 e Forró da Feira 2 e levamos pro Canecão, eu levei todos os seguimentos artísticos da Feira, tanto pé de serra, os repentistas, as bandas. Foram dois eventos bem marcantes, isso eu jamais esquecerei, foi uma coisa muito interessante, muito bonita.

A Feira de São Cristóvão carrega consigo uma história de resistência, é um território conquistado a partir de muita luta entre os nordestinos e o Poder Público

que com o passar do tempo reconhece tal importância e concede um lugar para o migrante vivenciar sua identidade. Sobre esse momento, Gilberto lembra emocionado dos embates entre os líderes da Feira e César Maia.

A Feira é um reduto muito forte, a Feira de São Cristóvão ela nasceu de uma forma tão natural e espontânea e ao mesmo tempo ela se fortaleceu dessa mesma forma virou uma representatividade muito intensa e rica, e as pessoas que tentaram acabar com a Feira não se deram bem. Os nordestinos padeceram muito, sofreram muito na construção dessa Feira, quando eu cheguei foi exatamente nesse momento que ela tava passando por um momento difícil que era o próprio Poder Público que estava pressionando querendo banir a Feira, banir os feirantes daqui do entorno do pavilhão e levar pra outro lugar, foi quando o grupo se reuniu fez a primeira lei 2052²⁷ e a gente passou então ter poder de lei, uma lei que definia definitivamente a atividade do nordestino aqui no pavilhão. E num segundo momento a gente construiu um movimento pra conquistar o pavilhão, mas isso já foi no final da década de 90 quando aconteceu da reforma de adaptação e setorização que eu tava fazendo, a gente criou um grupo de nordestinos notáveis no Rio de Janeiro pra levar pro Poder Público a proposta de transferir a Feira pro pavilhão. Demorou, mas coincidiu principalmente por causa da eleição municipal, César Maia era mais uma vez candidato e numa das reuniões ele prometeu; **se eu ganhar mais uma vez eu boto vocês ai dentro, eu vou fazer o contrário, eu sei que eu perseguia vocês mas ai e então o primeiro decreto que eu assinar nessa minha nova gestão é passando vocês pra dentro do pavilhão** (grifo meu) e foi assim. Mas a luta foi muito grande, foi triste, foi complicada demais mas a gente conseguiu porque tinha um grupo organizado, um grupo político muito forte, que foi então uma fase de trabalho intenso. E a gente da cultura preocupava-se principalmente em aproveitar o momento pra resgatar as coisas que tinham sido esquecidas la fora, a gente então passou a trabalhar um projeto mais autentico pra nova Feira, e é assim que nasceu a nova Feira.

Gilberto além de artista também seguiu sua vida na militância política, sob essa perspectiva ele faz uma pequena análise do contexto político que motivou César Maia a mudar de posição frente a sua perseguição a Feira de São Cristóvão e as consequências na conformação do território.

A nossa representatividade a Feira de fato era muito forte e foi um ato político dele. Ele (César Maia) foi um perseguidor dos nordestinos e num segundo momento então ele passou não só defender a Feira como passar a fazer com que uma nova Feira nascesse. Essa nova Feira realmente tem um dedo de César Maia, apesar dos pesares a gente deve muito a ele, apesar da cabeça né que a gente não concorda com muita coisa, o autoritarismo, os problemas políticos da direita que a gente conhece. Mas eu tenho que tirar o chapéu pra ele, ele fez isso e a gente então aproveitou pra fazer uma Feira mais tradicional, mais rica porque ela nasceu com algumas representações que até então estavam esquecidas la fora tipo o São João que junto a ele tem manifestações de raízes muito fortes, os maracatus, os frevos, os caboclinhos. Os próprios pé de serra; o xote, o xaxado, o baião, os arrasta

27 Lei Jurema

pés que são tão característicos do velho Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, esse trio tão importante fechando com o João do Vale, a gente então aproveitou e fortaleceu a Feira com essas figuras mais autênticas e mais ricas da nossa cultura.

Do processo de mudança, ele lembra do processo de formatação da nova Feira que não se mostrou democrática por parte do Poder Público, contudo, os feirantes mais uma vez se mostravam ativos em seus desejos e resistiram frente a algumas determinações.

O Poder Público fez o projeto e a única coisa que a gente discordou foi como o projeto chegou, a gente tinha umas ideias e quando a Prefeitura e a Caixa Econômica trouxeram o projeto, ele já estava pronto e a gente pouco teve de influência. A gente queria um palco, foram dois palcos, eles já trouxeram os dois nomes para os palcos, nisso a gente bateu: a gente não quer esses nomes. O único embate que rolou com o Poder Público foi para criar os nomes dos dois palcos, a gente fez um plebiscito lá fora ainda, e apresentamos uma lista de sete nomes de nordestinos bem representativos e os dois mais votados a gente deu nome aos palcos, foi o João do Vale e o Jackson do Pandeiro, então esses dois nomes a gente levou para a prefeitura. Foi a forma como a gente encontrou de amansá-los. Foi o povo que quis cara,

O embate político não é somente entre os feirantes e o Poder Público, Gilberto fala das relações de poder nada democráticas dentro da Feira que existem desde os tempos da rua até os dias de hoje no pavilhão.

Minha luta e o embate maior é interno de fato, a gente teve alguns conflitos com os líderes porque infelizmente, os líderes da Feira ainda tem o ranço do coronelismo, isso é muito forte, não era só a 10 ou 15 anos atrás quando eu cheguei, isso ainda persiste, eu particularmente padeço muito com essa questão. A gente que estudou um pouco mais, que militou na política partidária, política sindical, política do movimento ambientalista, a gente gosta muito de fazer as pessoas pensarem, colocar as ideias e a discussão precisa nascer naturalmente e aqui dentro esse tipo de coisa é muito difícil. Mas eu insisti e insisto porque eu tinha uma missão de resgatar, dar a minha contribuição a Feira, principalmente resgatar as riquezas da cultura de raiz, mas principalmente resgatar a história desse povo, esse povo que fez a história da Feira.

Seguindo as impressões de seus companheiros, Gilberto acredita no poder simbólico que aquele território exerce sobre a memória de seus frequentadores a partir de suas representatividades como a música, dança, comida, etc, diante disso, organizou-se um movimento dentro da Feira em favor do seu reconhecimento como patrimônio imaterial.

Ela (Feira de São Cristóvão) com certeza absoluta, ela é o nosso nordeste aqui, apesar dos pesares. A gente tem problemas internos, conflitos políticos, mas sem sombra de dúvida, a Feira de São Cristóvão é uma

representação completa dos estados nordestinos. Primeiro porque a gente fez com que ela fosse assim, a gente puxou ela ao máximo, puxou dela e do nordeste as coisas mais ricas, mais representativas para que no presente e no futuro as pessoas pudessem realmente vislumbrar na Feira um nordeste autêntico. A gente quer isso, por isso a gente tá com um projeto muito rico que é a transformação dela em patrimônio imaterial junto ao Iphan que é uma outra luta nossa, já tem sete anos que a gente tá lutando pra isso. A grande vantagem do certificado de registro imaterial cultural da Feira é que junto dele vem um programa de salvaguarda que garante essas representações, de período em período eles fazem uma pesquisa pra chamar a Feira pra que ela não saia dessa linha. O programa de salvaguarda serve também pra isso, por isso que a gente tá trabalhando nesse projeto já a alguns anos pra que nos próximos dois ou três anos a gente receba isso como recebeu o Frevo, a Feira de Caruaru, essa é a nossa intenção. Mas de fato, ela é muito rica, ela representa realmente o nosso nordeste.

Quando questiono sobre as mudanças que atravessaram a Feira de São Cristóvão quando essa é institucionalizada, ele diz que:

Teve algumas mudanças, a gente perdeu alguma coisa mas perdeu muito mais, quando se fala por exemplo na higiene, na segurança a gente ganhou por completo, resolvendo esses dois problemas que eram fortes lá fora a gente ganhou um público muito grande. A gente recebia lá fora entre 30 e 50 mil pessoas, hoje a gente recebe entre 60 e 80 mil pessoas por semana. São 300 mil pessoas por mês, resultando em cerca 3 milhões de pessoas por ano, a gente bate o Corcovado e o Pão de Açúcar juntos, então a gente ganhou muito. A gente perdeu alguns feirantes mais radicais, alguns nordestinos mais radicais que gostavam daquela Feira lá de fora, da forma que ela era, mas ganhou-se muito mais, um público bem maior. O carioca não vinha muito, hoje ele vem muito, de forma que a visitação aumentou de uma forma considerável.

Durante o processo de pesquisa percebo que Gilberto tem como principal objetivo preservar a memória da Feira. Sob influência de sua história de vida procura estabelecer uma relação democrática entre os líderes da associação e os demais feirantes. Enquanto artista e produtor é um dos poucos que idealizam projetos que coloquem em destaque as manifestações mais tradicionais do nordeste.

Busquei em meu trabalho as diversas instâncias representativas da Feira, percorri os corredores principais conversando com os feirantes dos grandes restaurantes, mas também não ignorei os pequenos empreendedores em suas pequenas barracas. Tal qual minha história com os feirantes, me aproximei dos artistas da Feira que vivenciaram/vivenciam aquele espaço em diferentes momentos e contextos.

Nesse sentido, todas as histórias aqui contadas retratam a memória desses

sujeitos que são protagonistas na construção da identidade narrativa da Feira de São Cristóvão.

Capítulo 4. A E I O U Ysilone

*Lá no meu sertão pros caboclo lê
Têm que aprender outro ABC
O jota é ji, o éle é lê
O ésse é si, mas o érre
Tem nome de rê*

4.1 Memória

As falas que acabo de apresentar são traduções de memórias dos sujeitos que constroem a história da Feira de São Cristóvão. O conceito nos mostra que a construção de memória é de fórum íntimo, contudo, essa concepção pode acontecer coletiva ou individualmente. Além disso, a todo momento ela é atravessada por novas referências que ocasionam sua constante transformação. (Pollak, 1992)

Entretanto, mesmo que a memória seja (re)construída por novas referências, existem fatos em nossa história que foram solidificados de maneira que especificamente nesse sentido se tornam imutáveis, tanto em uma construção coletiva quanto individual (Pollak, 1992). No trabalho de campo que realizei com os feirantes, ainda que a organização cronológica de suas histórias fossem distintas, haviam pontos em comum nas falas daqueles sujeitos. Um exemplo é a passeata realizada em protesto ao fim da Feira que reuniu milhares de pessoas. Alguns feirantes apontam que foi até a Cinelândia, outros que a caminhada foi até a Prefeitura, porém todos comungam o fato que ela foi uma das principais ações impulsionadoras na mudança da Feira para o pavilhão.

A constituição da memória se dá por três fatores principais, são eles: o *acontecimento vivido pessoalmente e o vivido por tabela, pessoas e/ou personagens, e lugares* (Pollak, 1992). O primeiro – *acontecimento vivido pessoalmente e o vivido por tabela* – é muito simples de entender. Dentro do grupo ao qual o sujeito se sente pertencente, ele compartilha diversos momentos com seus pares e, portanto, os fatos mais marcantes permanecem em sua memória. O

acontecimento *vivido por tabela* são histórias que um determinado grupo compartilha, contudo nem todos os sujeitos vivenciaram as experiências (Pollak, 1992). Entretanto, diante da relevância de tal memória em seu convívio social, os indivíduos não conseguem distinguir efetivamente se vivenciaram aquelas memórias ou se foram apenas ouvintes daquelas histórias. Aproximando essa assertiva ao meu trabalho de campo, lembro de conversas informais que tive com alguns grupos de feirantes. Em um dado momento as histórias entravam em conflito e o debate entre as gerações trazia esse sentido do *acontecimento vivido pessoalmente e o vivido por tabela*. Durante o processo de pesquisa eu não quis buscar a verdade nessas falas, achei que seria demasiadamente deselegante escolher uma versão que me soasse como verdadeira, portanto deixei que os conflitos de cronologia fossem resolvidos por eles mesmo, o que nunca aconteceu. O segundo elemento que constitui a memória são as *pessoas e personagens*. Sua definição compartilha o raciocínio dos dois primeiros: pode ser uma memória constituída efetivamente na vivência ou por tabela. Novamente aproximando a história da Feira, encontrei feirantes que trouxeram histórias de líderes que efetivamente conheceram, outros não viveram, porém compartilham dessas memórias.

O terceiro e último elemento é constituído por uma memória de *lugares*. Existem lugares que permeiam nossa memória devido a seu valor simbólico, são locais que atravessaram a nossa identidade ou nos marcaram devido a um fato específico. O Campo de São Cristóvão, por exemplo, é um lugar que habita a memória dos migrantes nordestinos, sobretudo a memória dos feirantes, pois ele simboliza a comunhão da identidade nordestina, e o primeiro espaço que acolheu os migrantes com suas referências. Aquele lugar simboliza um espaço de liberdade para os migrantes saborearem a sua cultura como ela é e a oportunidade financeira para os feirantes em um tempo em que o Rio de Janeiro não absorvia a identidade nordestina e conseqüentemente não trazia qualquer representação para os sujeitos daquela cultura.

Segundo Pollak (1992), “*a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado*”. Passados 70 anos da fundação da Feira de São Cristóvão, encontrei um número significativo de feirantes que não viveram o tempo em que ela

aconteciam na rua. Evidentemente que não busco colocar em debate a legitimidade de quem ocupa aquele espaço, o que quero apontar aqui, pela abordagem da memória seletiva, é a narrativa da Feira sendo mudada também a partir desses novos atores para além do atravessamento político. Os novos feirantes são atravessados pela memória dos antigos que compartilham os tempos de luta para que a Feira não acabasse. Contudo essa memória absorvida pelos novos é seletiva, ou seja, a memória da Feira passa por um processo de ressignificação que reflete diretamente na representação daquele espaço no campo simbólico para os migrantes. O que simbolicamente representava um espaço libertário para o nordestino, hoje reflete um espaço de lazer e entretenimento.

A memória é uma construção atravessada pela identidade do sujeito (Pollak, 1992), portanto a todo momento ela é negociada com suas referências socioculturais. Portanto, a identidade, que se encontra em constante construção, determina o que faz sentido nossa memória guardar e/ou descartar. Além disso, a memória perpassa o campo afetivo, logo, a escolha dos elementos a serem guardados está ligada subjetivamente ao que toca o indivíduo sentimentalmente.

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (Pollack, 1992, pg 05)

A memória não é formada por referências contínuas; a todo momento, novas referências surgem e atravessam o seu armazenamento seletivo, é a organização desses fragmentos que implica na formação da nossa identidade. (Velho, 1994) A memória é bagagem da identidade, é a partir dela que as representações são construídas, sem memória não temos referência de quem somos, nem o que queremos ser. Portanto, o surgimento da Feira de São Cristóvão, na cidade do Rio de Janeiro, representa a constituição de um projeto pautado na memória que materializa a identidade do nordestino. (Velho, 1994). A memória e a identidade são elementos fundamentais na unidade dos grupos. Diante disso, entendo o surgimento da divergência entre a Feira de São Cristóvão e a cidade do Rio de Janeiro. Evidentemente, esses dois territórios eram distintos no que diz respeito a seu

referencial de memória e à formação de sua identidade, portanto as configurações dos territórios se chocavam dentro das dinâmicas sociais. Essa relação é mudada a partir do momento em que existe uma reconfiguração da Feira sob os moldes cabíveis para a identidade de uma metrópole.

4.2. Identidade

Compreender a história de um sujeito é assenhorar-se de sua identidade. Segundo Paul Ricouer (2000), a forma como nos portamos frente aos contextos sociais que nos atravessam traduz a nossa identidade, ou seja, a narrativa que construímos cotidianamente é o reflexo da construção diária de nossa identidade. Nesse sentido, pode-se afirmar que a identidade não é fator fixo e inalterado, a identidade não é ela está sendo. Portanto, segundo Ricouer (2000) podemos nos referir ao conceito de identidade como identidade narrativa, tal denominação é apontada pois é impossível compreender atitudes e signos que atravessam qualquer sujeito sem antes conhecer a sua história. Em outras palavras, só conhecemos a identidade de um indivíduo quando conhecemos a sua narrativa de vida e essa é construída cotidianamente.

Ricouer (*Ibidem*) diferencia identidade sob duas terminologias, a primeira se refere ao significado stricto sensu da palavra, identidade no sentido de idêntico, nesse sentido ele chama identidade como *mesmidade* que em latim tem seu uso como *idem*. O segundo significado é chamado de ipseidade do latim *ipse*, diferente da mesmidade, a ipseidade é entendida como uma formação constante e mutável, ou seja, é o entendimento semelhante à identidade narrativa que sempre está sendo alterada de acordo com o tempo e narrativas.

Ser *ipse* é ser detentor de uma história, então contar tal narrativa é explicitar o sentido de quem se é, é definir o protagonista da ação, mas não de maneira estática, pois a narrativa está em contante construção. Portanto, cada sujeito é tomado por contextos históricos distintos, com isso tem sua identidade construída de maneiras diversa a outros tantos sujeitos. Diante disso, não há sob hipótese alguma a possibilidade de um território ser construído por indivíduos com identidade homogênea. A diversidade faz parte da formação e trocas sociais.

Um território é formado por sujeitos que carregam consigo inúmeras referências socioculturais, diante disso, a homogeneidade do espaço, aqui considerando a formação da cidade do Rio de Janeiro, é uma construção impossível de ser estabelecida. Nessa perspectiva, hoje, moralmente busca-se estabelecer uma relação com a diversidade cultural do território de maneira pacífica.

De forma *stricto sensu*, diversos autores trazem ao sentido de identidade o entendimento de *aquilo que se é*. Tomaz Tadeu da Silva (2000) sua construção da identidade do indivíduo se dá de forma *independente, autônoma e autossuficiente*. Permanecendo ainda alinhada a essa construção teórica de Silva (*Ibidem*), o entendimento de diferença se aproxima também a uma construção independente e surge em oposição a um dado ou objeto já posto (*Ibidem*, pg 74).

Afirmar uma identidade, ainda que de forma sucinta, como “sou nordestino” ou “sou carioca”, traz uma série de entendimentos de negação no campo da subjetividade. Se resumir a partir de uma identidade fixa automaticamente traz consigo a negação de outras tantas definições e possibilidades. Dizer “sou X” nega “ser Y”, e a partir disso é possível perceber a dependência entre os termos “identidade” e “diferença”: para um existir necessariamente o outro emerge, e vice-versa. (Silva, 2000, pg 75)

Se a identidade é fator determinante para o surgimento da diferença em relação ao outro, então a tendência é considerarmos a forma como nos relacionamos com o mundo a referência normativa diante do que nos difere do outro. Ampliando esse entendimento – identidade e diferença – às relações expostas nessa pesquisa entre nordestinos e o carioca na primeira fase da Feira, compreende-se a construção da fronteira entre esses sujeitos. Quando a Feira de São Cristóvão ganha o nome de “Feira dos Paraíba”, ou ainda “Feira dos Nordestinos”, a partir de sua característica subversiva à ordem da cidade, é atrelado à identidade nordestina de forma subjetiva ou não, uma característica desviante de todo o ideal de comportamento no contexto daquela cidade. Então, ser nordestino em qualquer situação traduzia para o carioca a imagem de um sujeito que está fora dos padrões – diferença – culturais e sociais do Rio de Janeiro.

Tanto a identidade quanto a diferença são valores construídos a partir de

nossos valores morais que em suma são traduzidos pelas nossas referências culturais e sociais que nos cruzam. Em outras palavras, identidade pode ser entendida como referências construídas a partir de nossa formação social e cultural. Portanto, isso implica dizer que as impressões que os cariocas possuíam em relação à Feira de São Cristóvão e aos nordestinos estavam atravessadas por uma construção referenciada em sua própria formação sociocultural.

Levando em consideração a multiculturalidade existente nos diferentes territórios, cada sujeito é atravessado por infinitas referências culturais, o que garante a individual de cada pessoa. Contudo, os habitantes da cidade do Rio de Janeiro desconsideram tal diversidade frente à migração nordestina e constroem uma identidade homogênea para esses indivíduos. Essa construção da uniformidade da identidade nordestina é traduzida pelo gentílico “Paraíba”, usado pelos cariocas ao fazerem referência a todo e qualquer nordestino. Contudo, o uso do termo “Paraíba” reflete a desconsideração das identidades distintas entre os nordestinos e revela o distanciamento entre cariocas e os migrantes, transparecendo o sentido de que *ser paraíba é não ser carioca*. Ademais, a utilização carrega outros julgamentos pejorativos, trazendo consigo, como em resumo, significados que desvalorizam o destinatário, como por exemplo, que ser *Paraíba* simboliza uma desqualificação intelectual do indivíduo (Morales, 1993, p.91).

Embora possuíssem identidades distintas, o nordestino materializava signos que divergiam do cotidiano carioca, que representava a referência nacional de uma identidade moderna a ser conquistada por todo o país. No entanto, os signos materiais e simbólicos que acompanhavam os migrantes na cidade maravilhosa chocavam com a formação da população carioca. Essas diferenças sociais e culturais eram nítidas e totalmente opostas; logo, o território que abrigava a comunhão das distintas identidades nordestinas e seus pares era subversivo e agressivo à realidade da política da cidade.

Contudo, a existência dessa diferença que traduz a subversão dos sujeitos – migrantes nordestinos – no território, só emerge devido ao fato de a identidade carioca ser o referencial e a base de onde a Feira de São Cristóvão nasce. Diante

disso, a construção de uma nova configuração que desloque essa narrativa para um sentido de aceitação será fomentada a partir de uma intervenção na configuração original daquele espaço que traduza a normativa e o controle do Estado.

A resistência dos atores da Feira para que seu espaço permanecesse vivo vai muito além da busca pela legalização via Poder Público, o conflito estava atravessado também pelo sentimento de pertencimento àquele território. O Campo de São Cristóvão simbolicamente representava para os nordestinos o espaço em que sua identidade era o fator dominante em uma disputa com as referências cariocas. A partir daquele território, o nordestino afirmava efetivamente sua identidade e marcava sua diferença com o restante da cidade; logo, ali o migrante determinava o que era legítimo em sua cultura e o que era descartado.

O “domínio” do território – Campo de São Cristóvão – a partir do prevalecimento da identidade nordestina que atravessava aquele espaço caracteriza uma relação de poder frente às diversas outras identidades existentes na cidade. Esse “domínio” a partir do triunfo da identidade nordestina naquele espaço pautou também a disputa entre Poder Público e feirantes no momento em que a Feira ganha um novo cenário dentro do pavilhão onde hoje ela acontece. A fala do feirante Alex Araújo no capítulo 3 traduz esse certame ao pontuar o conflito de desejos na gestão compartilhada do CMLGTN.

Em outro momento, Alex fala de sua luta junto a outros feirantes que militam a favor da preservação da identidade nordestina. Segundo ele, esse coletivo desenvolve diversas ações em prol da cultura da Feira. Diante disso, falou de um Decreto Municipal que foi instituído pelo Prefeito Eduardo Paes a pedido desse movimento de salvaguarda que se mostrou preocupado com o crescimento do movimento funk na Feira de São Cristóvão.

Nós lutamos em cima da cultura nordestina. Quando nós entramos aqui, vou até te lembrar uma coisa muito importante. Quando entramos aqui em 2003. Veio pra cá um grupo de funkeiros, tinha loja que tocava funk aqui dentro. funk direto, funk comia solto. Quer dizer era funk e discoteca aqui dentro da Feira. Então nós nos reunimos aqui, fomos até o prefeito Eduardo Paes na época, e exigimos para que ele fizesse um decreto municipal, para que dentro da Feira de São Cristóvão tocasse só música nordestina, pagode carioca e MPB. Então o Prefeito Eduardo Paes fez um Decreto Municipal,

decretando que o Funk não podia tocar dentro da Feira de São Cristóvão, só música nordestina. Porque como é um Centro de Tradições Nordestinas, o funk tava tomando conta, tava virando uma doença. Não tenho nada contra, mas a gente tava perdendo nossas raízes, uma coisa que nós lutamos desde 1930, 1940, nós viemos lutando aqui no Rio de Janeiro. Então eu não ia deixar uma coisa chegar de repente e acabar com tudo, uma luta de 70 a 80 anos de Feira, então nós não íamos deixar acabar de um dia pra noite.²⁸

Esse movimento a favor da preservação da identidade nordestina evidentemente afirma a diferença entre os migrantes e a cultura carioca, mostra como esse processo de disputa determina os elementos que podem fazer parte daquele território, o que é legítimo na cultura nordestina e o que precisa ser excluído. Com isso, entende-se que efetivamente identidade e diferença estão em estreita conexão com relação a disputa e poder; quando afirmamos o que somos, consequentemente determinamos o que não faz parte de nossa identidade, “*a identidade está sempre ligada a uma forte separação entre ‘nós’ e ‘eles’*”. (Silva, 2000, pg. 81)

Os diferentes grupos sociais são classificados pela sociedade a partir de um julgamento hierárquico que pauta o que é uma identidade excêntrica, normal ou subversiva. A Feira é a comunhão das diversas identidades que traduzem a região nordeste, ela passa de uma representação desviante para uma cultura excêntrica e bela, quando o Poder Público desloca suas práticas para um espaço em que ele exerce o controle e pondera a conformação daquele lugar. Novamente, essa mudança na narrativa só ocorre porque a Feira é um território desviante diante de uma cidade que representa a cultura hegemônica do Brasil – Rio de Janeiro.

Um elemento comum na construção identitária dos grupos sociais é a determinação de um marco inicial no território. Ainda que esse fato seja impossível de determinar com precisão, pois a identidade é uma construção processual e permanente, escolher um fato histórico que dá início à história daquela identidade funciona como “*liga sentimental*” (Silva, 2000) entre os sujeitos. A Feira oficializou uma história épica de sua fundação. Ainda que essa seja contestada como verdadeira por alguns feirantes, a versão oficial cumpre o seu papel enquanto parte

28 Até o fechamento da pesquisa não localizei o número e data do decreto municipal

da identidade do território.

A identidade ganha força e faz mais sentido quando essa é materializada por meio de representações que podem ser formatadas através da construção de signos. Deter o poder de representar significa ter o privilégio de ditar o que é identidade e diferença, o que faz parte do contexto e o que deve ser excluído. Esse entendimento se aproxima mais uma vez da concepção do formato da nova Feira que, embora tenha sido atravessada por uma gestão ditadora do Poder Público, organiza-se em um movimento de salvaguarda da cultura nordestina e a partir de sua identidade se respalda para determinar o que faz parte de seu universo, afinal, *“questionar a identidade e a diferença significa, nesse contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação.”* (Silva, 2000, pg. 90)

Ela é um fator que acompanha o sujeito por toda a sua vida, construída no dia-a-dia sendo atravessada a todo momento por novas referências. A ausência de uma representatividade que traduzia a identidade nordestina somada à saudade e a oportunidades econômica foram os principais impulsionadores para o surgimento de um território onde os nordestinos davam vida a sua identidade reprimida por uma cidade que não dialogava com suas representações.

4.3 Representatividade

Acredito que o ser humano, em qualquer lugar que esteja, busca reconhecer as referências culturais que dialogam consigo. A partir disso, ele busca os seus pares e constrói representatividades a sua volta que lhe conferem suporte para interagir com a realidade que o cerca. As representações sociais traduzem nossas referências e influenciam no modo como interagimos com o nosso cotidiano, seja convergindo ou divergindo da maioria. Em outras palavras, a representação social traduz a construção de elementos de uma realidade compartilhada por um grupo (Jodelet, 1993).

A representatividade social é constituída de diversas maneiras, contudo seu maior impacto se dá em uma seara imagética que possibilita, em alguns casos,

interpretações equivocadas. A Feira de São Cristóvão, por exemplo, surge em uma ocasião em que sua configuração chocava com a identidade carioca. As informações construídas, seja pelos jornais ou por aqueles que já tinham passado por ali, era de um local onde os retirantes nordestinos chegavam de pau de arara e se reencontravam com os seus. As primeiras impressões que a cidade construiu sobre a Feira davam conta de um lugar sujo e subversivo. Evidentemente, diante das circunstâncias em que aquele espaço surge, não havia outras alternativas para que tal cenário fosse amenizado. Entretanto, é importante frisar que o que estava no centro da construção daquele território era a necessidade do nordestino de estar em contato com as referências de sua terra para amenizar a dor de sua saudade. Logo, a falta de sensibilidade da população e a gestão cartesiana do Poder Público desconhecia o movimento que os indivíduos realizam ao se colocarem em um lugar estranho a suas identidades, que é materializar suas referências culturais a partir da construção de espaços junto aos seus pares. Ou seja, a Feira traduz esse movimento da colônia nordestina na construção de suas representações culturais.

Contudo, a construção da nova Feira de São Cristóvão não reflete efetivamente a compreensão do Poder Público sobre a necessidade do migrante em construir um espaço de suas representações. A institucionalização do CMLGTN materializa uma política de governo que tem por objetivo construir uma cidade empreendedora através de enclaves culturais que controlam as práticas culturais da população e ao mesmo tempo possuem um potencial turístico.

A partir de um amálgama entre identidade, representatividade, produção e consumo, o território simbólico é constituído. Sua significação é pautada no capital²⁹ social e cultural que os atores possuem na sociedade. É a partir da nossa identidade que atribuímos o significado e valor frente às representações distintas, então é nesse momento que surge o choque cultural entre a Feira e a cidade, pois os dois territórios não compartilham das mesmas referências culturais e sociais. A distinção entre o carioca e as representações nordestinas é estabelecida a partir do significado que cada indivíduo atribui, sendo, entretanto, atravessado pela formação

29 Ver BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

de um senso comum do grupo (Hall, 1997).

Essas divergências entre os dois cenários culturais são construídas sob uma influência midiática que potencializa uma realidade culturalmente conflitante entre os sujeitos. Essa construção imagética executada pelos canais de comunicação torna real no convívio em sociedade o surgimento de uma representatividade base da cultura brasileira, que neste caso é figurada pela cidade do Rio de Janeiro. É certo dizer que essa atuação midiática formadora de uma identidade brasileira, representada pelo Rio, resultou em uma subtração das demais representações brasileiras. Faço um exercício para pensar o que é a cultura capixaba, matogrossense, acreana e pouco consigo substancializar.

As diferentes interpretações que atravessam a história da Feira de São Cristóvão são influenciadas por essa construção da identidade carioca. O cidadão nordestino, com seus signos e corporeidade, era agressivo ao modernismo que atravessava a cidade a partir da década de 40. Entretanto, a identidade não é fixa, portanto a relação da cidade com a representatividade da cultura nordestina é também mutável, e essa mudança, evidentemente, é otimizada com a intervenção do estado espetacularizando as práticas do território.

A construção das significações que atribuímos às representações sociais as quais nos atravessam, embora pareça estar entranhado no objeto ou na ação, é algo que construímos a partir de nossa identidade. Contudo, devo lembrar, como dito no subcapítulo anterior, que a identidade não é algo intrínseco à nossa constituição biológica, ela é construída ao longo de nossa vida por atravessamentos sociais e culturais, portanto, as interpretações são mutáveis de acordo com a mudança de nossa identidade. A partir disso, a transformação na narrativa da Feira de São Cristóvão, ao ganhar uma nova forma de representação, faz com que a cidade se relacione com o novo território de forma distinta da primeira fase.

A Feira de São Cristóvão surgiu oficialmente em 1945, sendo sua mudança para o pavilhão datada ao ano de 2003. Sua formalização construiu um certo distanciamento entre os atores devido a seu forte caráter comercial, contudo, os migrantes da nova geração também tomaram aquele novo território como referência da identidade nordestina. A adesão por uma representatividade pré-formatada da

cultura nordestina traduz simbolicamente as afinidades e o pertencimento que esse sujeito possui, reflete a possibilidade dele se fortalecer socialmente diante de um território que não dialoga efetivamente com sua identidade.

A representatividade cumpre uma função social ao fomentar a resistência da identidade cultural de um determinado grupo (Jodelet, 1993). Ao adaptar a Feira de São Cristóvão enquanto Centro de Tradições, o Poder Público diz que aquela prática não corresponde à dinâmica da cidade. No entanto, reconhece que é inviável desconsiderar aquele grupo que, de certa maneira, faz parte do tecido urbano. Com isso, a identidade nordestina é legitimada com a criação de um espaço só seu, e ao mesmo tempo o Estado controla e formata os meios de representação desses sujeitos na cidade.

As representações são complexas e estão a todo momento operando em nossos caminhos. Sua formação é atravessada por diversos componentes do nosso cotidiano, “*elementos informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens, etc.*” que organizados traduzem nossa realidade individual (Jodelet, 1993). Ela atua como fator norteador nas relações que estabelecemos nos diversos territórios que atravessamos cotidianamente, mediando nossa comunicação e performance durante nossas interfaces. Sua atuação influencia ainda na *construção da identidade e nas transformações sociais*, nesse sentido, podemos entender por que há uma mudança na narrativa da Feira em relação aos seus frequentadores – novos e antigos – quando essa é institucionalizada e sua forma de representação ganha uma nova conformação. A representatividade não é apenas o produto da tradução de uma identidade, ela é também o processo da sistematização de uma realidade que atravessa os sujeitos de um coletivo (Jodelet, 1993).

Portanto, para se conceber uma representação é preciso ter alguma referência, uma vez que representar necessariamente requer um objeto que pode estar dentro do campo material propriamente dito como pessoa, casa, lugar, ou no campo subjetividade como as teorias (Jodelet, 1993). A representatividade da Feira é composta por inúmeras influências desses objetos; o cantor Luiz Gonzaga, que dá

nome ao espaço institucionalizado, é o símbolo maior da cultura nordestina no campo da música. Além disso, o espaço é composto ainda por comidas nordestinas de todos os Estados, produtos artesanais, manifestações culturais no campo da dança e outros ritmos para além do forró, etc. Sem dúvida, a Feira de São Cristóvão se mostra como um caldeirão de referências nordestinas onde, de fato, boa parte dos signos da cultura nordestina está representada.

Contudo, a representatividade da cultura nordestina através desse território em diáspora no Rio de Janeiro não traduz a identidade nordestina de maneira *stricto sensu*. Ela se adapta à realidade do território atual e é construída por seus atores de acordo com suas referências, que a interpretam e traduzem de maneira autônoma.

...como conteúdo concreto do ato de pensar, a representação carrega a marca do sujeito e de sua atividade. Este último aspecto remete ao caráter construtivo, criativo, autônomo da representação que comporta uma parte de reconstrução, de interpretação do objeto e de expressão do sujeito. (Jodelet, 2003, pg. 05)

A representatividade é uma construção coletiva e ao mesmo tempo uma construção do sujeito. A todo tempo ela está sendo negociada entre nós – sentido individual – e os outros que também possuem referências distintas às nossas (Jodelet, 1993). Seu estudo representa um campo que converge inúmeras categorias das ciências humanas, portanto, sua construção, não dá conta de um único vetor dentro da formação social do sujeito, ela é um amálgama de externos, internos e diversos sentidos pelos quais somos atravessados no campo da linguagem e da cognição.

Dentre essa convergência de sentidos, a comunicação é colocada como um dos fatores mais importantes na formação e na determinação das representações (Jodelet, 1993). Quando me reporto à comunicação, minha intenção é abranger as diversas maneiras de se comunicar com o meio. E é a partir dela que a representação é materializada – seja simbolicamente ou em espécie – e as negociações vão se dando no campo da busca pela legitimação de uma determinada identidade que no caso dessa pesquisa trata da Feira de São Cristóvão em relação à cidade do Rio de Janeiro. A relação entre esses dois territórios é alterada de acordo com as intervenções que ocorrem na Feira e se propaga pela cidade. Se refletirmos sobre as formas de representações nas duas configurações

da Feira, é possível perceber que a identidade do nordestino não muda em sua essência, o deslocamento do sentido heterotópico ocorre por conta da forma que a cultura nordestina passa a ser representada.

Enfim a comunicação concorre para forjar representações que, apoiadas numa energética social, são pertinentes à vida prática e afetiva dos grupos. Energética e pertinência sociais que consideram, ao lado do poder de desempenho das palavras e discursos, a força pela qual as representações inauguram as versões de realidade, comuns e partilhadas.

É pela comunicação que se estrutura uma identidade, a partir da linguagem são passados os preceitos, crenças e limites de um grupo e assim é construído um pensamento social “homogêneo” dentro de um coletivo que se formata nas representações em que sob algum aspecto – ou todos – surgem divergências para com outros coletivos. Contudo, é a partir também da comunicação que se negocia o entendimento entre esses aspectos contraditórios entre os grupos.

A representação é construída dando forma à identidade dos sujeitos, portanto sua formatação também está sujeita a mudanças constantes. A Feira de São Cristóvão é a representação da cultura nordestina no Rio de Janeiro através de um espaço, durante muitos anos ela foi interpretada como um lugar que trazia o ranço do atraso brasileiro. Essa narrativa muda quando o Poder Público entende que aquele território tinha um valor simbólico importante para um determinado grupo em diáspora na cidade. Ainda que esse coletivo subvertesse a ordem da cidade, esse sujeito era de suma importância no tecido urbano da cidade. Além disso, o valor principal daquele território para o Poder Público estava atrelado ao fato de que aquele território representava um alto poder atrativo na área do turismo para a cidade, o que se alinhava com o objetivo principal do *Plano Estratégico*, debatido no segundo capítulo da pesquisa.

Em 70 anos de existência, a Feira de São Cristóvão passou por duas conformações no Rio de Janeiro, de maneira que essa mudança ocorre a partir de uma intervenção da política de controle público do Estado, visando interesses políticos e econômicos. A partir do meu trabalho de campo, percebi que essa intervenção atua não só na mudança geográfica do local, mas principalmente na narrativa dos feirantes dentro daquele espaço, que hoje reconhecem aquele novo espaço como um lugar de grande importância política, que recebe figuras ilustres,

capaz de movimentar um alto fluxo de dinheiro, e admirado por sua cultura.

4.4 Narrativa

A narrativa da Feira de São Cristóvão é dividida em dois momentos: o seu surgimento, em 1945, no Campo de São Cristóvão, e sua mudança em 2003 para o pavilhão, onde hoje ela acontece. Esses dois momentos refletem a relação que a cidade do Rio de Janeiro constrói diante das dinâmicas naquele espaço em diferentes momentos. A análise que faço agora sobre as mudanças dessa narrativa referem-se ao conceito da *tríplice mimese*, empregado por Paul Ricoeur (1983), em seu livro *Tempo e Narrativa*.

Ricoeur (1983) analisa o conceito de mimese dividindo-a em três categorias: mimese I ou prefiguração, mimese II ou configuração, mimese III ou refiguração.

A mimese I ou prefiguração corresponde a uma análise prévia empreendida pelo narrador sobre a história a ser contada, a partir do contexto que o atravessa no que diz respeito ao interlocutor, espaço, tempo, etc. Essa construção é feita de forma consciente ou inconsciente. Portanto, toda e qualquer história antes da execução de sua representação é preconcebida de acordo com suas referências, signos, tempo. Segundo Paul Ricoeur (1994), a prefiguração define a tessitura da intriga, logo, a protocompreensão (denominação também usada para se referir à mimese I) já está configurada antes de sua execução que corresponde à mimese II.

Qualquer que possa ser a força de inovação da composição poética no campo de nossa experiência temporal, a composição da intriga está enraizada numa pré-compreensão do mundo e da ação: de suas estruturas inteligíveis, de suas fontes simbólicas e de seu caráter temporal. Esses traços são mais descritos que deduzidos. (Ricoeur, 1994, p.88)

A mimese II constitui o momento posterior à prefiguração concebida pelo narrador na mimese I. Pode-se dizer que ela é a materialização dessa construção preconcebida, a mimese II dá o sentido à narrativa de maneira a valorizar alguns fatos, e reduzir outros; nesse sentido, a mimese II é mediadora de inúmeras referências heterogêneas, uma vez que sua roteirização faz sentido temporal ao narrador.

Mimese II só tem uma posição de intermediária porque tem uma função de mediação. Ora, essa função de mediação deriva do caráter dinâmico da *operação de configuração* que nos faz preferir o termo da tessitura da intriga ao de intriga e o de disposição ao de sistema. Todos os conceitos relativos a esse nível designam, com efeito, operações. Esse dinamismo consiste em que a intriga já exerce, no seu próprio campo textual, uma função de integração e, nesse sentido, de mediação, que lhe permite operar, fora desse próprio campo, uma mediação de maior amplitude entre a pré-compreensão e, se ousar dizer, a pós-compreensão da ordem da ação e de seus traços temporais. (Ricoeur, 1994, p. 102)

A partir do momento que ocorre a *mimese II*, tendo como referência a construção prévia da narrativa pela *mimese I*, temos então a construção da *mimese III*, que atua refigurando a história do narrador. Em outras palavras, o interlocutor, ao absorver a narrativa, dando um valor simbólico, e a partir disso pelo atravessamento de sua identidade e memória, faz a refiguração. Esse momento constitui o encontro das três *mimeses*, ou como podemos também chamar de *tríplice mimese*, ou seja, o ciclo narrativo se fecha no momento em que o interlocutor interpreta a mensagem recebida.

É interessante perceber que a partir do momento em que o interlocutor toma ciência da narrativa, seu papel está longe de representar uma passividade diante dos fatos. Seu posicionamento é o que constitui a realização da *mimese III*, e essa é impossível de não acontecer visto que na maioria das vezes quando se nos deparamos com uma representação seja na ficção ou realidade, automaticamente a memória atua na ressignificação dos fatos baseados no roteiro anterior.

Quando diz que a poesia “ensina” o universal, que a tragédia “representando a piedade e o terror, realiza uma depuração deste gênero de emoções”, ou ainda quando evoca o prazer que temos de ver os incidentes aterrorizantes ou lamentáveis concorrerem para a inversão da sorte que constitui a tragédia – significa que é bem no ouvinte ou no leitor que se conclui o percurso da *mimese*. Generalizando para além de Aristóteles, diria que *mimese III* marca a intersecção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou do leitor. A intersecção, pois do mundo configurado pelo poema e do mundo do qual a ação efetiva exhibe-se e exhibe sua temporalidade específica. (Ricoeur, 1994, p.110)

A partir desse momento, o ouvinte reinicia a *tríplice mimese*, o ouvinte reconstrói a narrativa de acordo com o contexto, interlocutor, lugar, etc. – *mimese I* – materializa a narrativa pré formatada – *mimese II* – o ouvinte toma ciência dos fatos e de forma ativa reconfigura de acordo com sua identidade – *mimese III*.

Perceba que tríplice mimese é uma constante nas relações sociais, e a todo momento sua figuração e reconfiguração é atravessada pela identidade dos sujeitos envolvidos no diálogo. Isso implica em dizer que a construção da narrativa bem como sua interpretação está a todo momento passível de mudanças, visto que a formação da identidade dos sujeitos é fluida e não engessada.

Diante disso, é certo dizer que a narrativa em todos os seus processos é marcada por um contexto social que envolve atravessamentos culturais, econômicos e até mesmo intelectuais, o ambiente social de maneira geral determina o modo, forma e conteúdo a ser relatado.

A teoria desenvolvida por Ricoeur tem como principais influenciadores Santo Agostinho a partir de seu debate sobre o tempo, e o filósofo Aristóteles com sua discussão sobre a composição da ação. Embora haja divergência teórica entre os dois escritores, pois o primeiro acredita não alinhar o tempo ao tecer da intriga, e o outro contrariamente não submete a concepção da intriga ao tempo, Ricoeur soluciona essa contradição admitindo a intriga e o tempo como pressupostos centrais da narrativa. Sendo assim, o filósofo concorda que a narrativa de uma determinada ação ganha significado quando é atravessada pela razão tempo (Ricoeur, 1994).

O autor traz uma série de complexificações acerca do tempo, questiona-o se esse pode ser entendido enquanto unidade física ou não. De qualquer maneira, o tempo não pode ser encarado de forma cartesiana, embora seja uma unidade matemática, ele traz também complexificações socioculturais. O tempo que me atravessa é distinto ao que atravessa outros sujeitos, independente do território, ou seja, o tempo também é uma construção social, portanto é agente direto na construção do narrador e na interpretação empreendida por aquele que escuta.

A construção da narrativa está permanentemente atravessada pela memória do narrador, o ato de narrar é uma forma que o indivíduo possui de sacramentar o tempo passado para posteriormente ser guardada na memória. Pela narrativa, construímos um cenário favorável para as nossas histórias, atendendo assim as nossas projeções de mundo.

Para Ricoeur, a mimese não corresponde a uma imitação, ela é a construção

de uma intriga atravessada pelo fator tempo, que ganha sentido a partir das referências do ambiente que a envolve, sendo essa materializada no entendimento da tríplice mimese.

A tríplice mimese esclarece melhor essas relações, ao mesmo tempo que chama atenção para as dimensões éticas implicadas em todo ato de narrar. Partindo de um mundo pré-configurado a mimese I representa mais concretamente as dimensões éticas, o mundo social em sua complexidade; mimese II é o ato de configuração, a presença marcante de um narrador, mas também a mediação entre mimese I e mimese III, que corresponde à refiguração, momento que marca a presença ativa do leitor.

É a partir da tríplice mimese que a Feira de São Cristóvão é significada e ressignificada ao longo de seus 70 anos. Nesse capítulo, construí um caminho com elementos teóricos que compõem essa virada na relação da Feira de São Cristóvão com a cidade do Rio de Janeiro. O nordestino chega à cidade e traz sua identidade estranha a essa metrópole que em representatividade o deixa órfão; com isso, sua memória é a única ligação que ele possui com sua terra natal.

Contudo, frente a uma oportunidade de negócio que alguns nordestinos identificaram no Campo de São Cristóvão durante a chegada dos paus de arara, esses começam a empreender com suas barracas vendendo comidas do nordeste. O Campo de São Cristóvão ganha sonoridade, e os artistas que vinham do norte matavam a saudade de seu povo com a cantoria do sertão. Aquele espaço ganha um valor simbólico para os retirantes, e a narrativa daquele território começa a ser construída por diversas vozes da cidade que a partir da tríplice mimese ressignificam aquele lugar a partir de suas referências anteriores.

Essas referências estão intimamente ligadas ao conceito de nordestinidade, debatida nessa pesquisa logo no primeiro capítulo e que complexifica a construção do estereótipo nordestino a partir da seca, miséria, cangaço, messianismo e referências artísticas e culturais.

A ressignificação dessa narrativa se dá a partir da intervenção do Poder Público, quando esse muda a sua configuração espacial e sua influência em uma curadoria da nordestinidade dentro do novo espaço. A partir desse momento, a tríplice mimese inicia um novo ciclo, em um espaço totalmente diferente do que havia lá fora, em uma (re)construção da nordestinidade com bases na

espetacularização e também por uma política de controle em que só acessa e permanece no pavilhão um público selecionado e que saiba se portar no espaço.

Diante disso, encontramos também notas de jornais com uma nova abordagem sobre o espaço, exaltando a cultura nordestina e seu povo.

As principais atrações da Feira de São Cristóvão são: comidas características da região, produtos e músicas típicas, apresentação de shows, dança de forró e outros ritmos, gente simpática e principalmente um clima nordestino que paira em todo o ambiente. Em entrevista, o diretor cultural do Centro, Carlos Marabá, informou que o visitante pode contar com diversos restaurantes que servem deliciosos pratos típicos, além de poder comprar nas cerca de 600 barracas produtos dos estados nordestinos. A apresentação de números musicais merece especial destaque na Feira, tendo sido destinados para esse fim vários locais, cujos nomes homenageiam figuras ilustres nordestinas: pracinhas Câmara Cascudo, Padre Cícero, Frei Damião e Mestre Vitalino. Há ainda para a mesma finalidade, a praça do Repentista e dois palcos que ganharam os nomes de Jackson do Pandeiro e João do Vale.³⁰

A comida, a música, o sotaque, o jeito acolhedor e descontraído de ser. O visitante que chega à Feira de São Cristóvão tem a impressão de estar no Nordeste. É assim há 70 anos, quando os imigrantes nordestinos que chegavam a então capital federal se encontravam no Campo de São Cristóvão. Desde então, O GLOBO acompanha as mudanças ocorridas no espaço, que, antes marginalizado por parte da população carioca, tornou-se um dos principais pontos turísticos da cidade, chegando a atrair 40 mil visitantes no fim de semana.³¹

Se compararmos as notas de jornais apresentadas no capítulo 2, perceberemos a diferente abordagem feita pelos jornalistas. Destaco ainda os adjetivos que hoje são empreendidos ao se referir aos nordestinos e sua feira. O nordeste, que antes era tomado como estranho, ganha um papel de destaque na nova narrativa.

Essa mudança de narrativa trouxe um novo público para a Feira, como destacou Miguel Bezerra durante o meu trabalho de campo. Acredito que essa mudança está ligada à nova estrutura que a Feira ganha destacando as

30 Jornal O Globo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/bairros/uma-viagem-pelo-nordeste-atraves-da-feira-de-sao-cristovao-16908946> Acessado 06/08/2015

31 Jornal Correio Carioca. Disponível em: http://www.correiocarioca.com.br/html/materias/feira_de_sao_cristovao.html Acessado 06/08/2015

manifestações nordestinas em palcos e decoração, além de uma qualidade na estrutura que envolve higiene e segurança. Além disso, sua entrada que não é mais gratuita, seleciona o público frequentador, conseqüentemente a constituição da tríplice mimese caminha por outros territórios em que seus interlocutores possuem outra identidade que não a da diáspora nordestina.

Dividida em três fatores, a tríplice mimese atua na configuração e reconfiguração de histórias a partir de um narrador e um ouvinte. Tais concepções são concebidas a partir da memória dos agentes e suas referências identitárias que atuam recortando ou roteirizando as narrativas que os atravessam. Diante disso, a narrativa da Feira de São Cristóvão é conduzida por diversas falas que facultam a ela diversas impressões. Em um primeiro momento, há uma construção de marginalidade para aquele território; posteriormente, uma ação do governo pautada no planejamento estratégico faz com que essa narrativa tenha uma nova configuração e reconfiguração. Conseqüentemente, a Feira de São Cristóvão passa à qualidade de referência cultural no Rio de Janeiro, que segundo as falas do território passa a receber um novo perfil de frequentadores, ao passo que essa nova configuração exclui os frequentadores mais antigos que entendem aquele novo espaço como um contexto que não se dirige a ele.

Considerações finais

Após dois anos de pesquisa, descobri que caminhar pelos corredores da Feira de São Cristóvão suscitaria ainda milhares de pesquisas com recortes dos mais variados possíveis. Percebo que, embora a Feira seja um espaço simbólico para o nordestino, aquele território está longe de representar o nordeste, visto que é impossível instalar dentro de um pavilhão tudo o que o nordeste representa em sua região. Contudo, simbolicamente, o pavilhão congrega as várias faces dos mercados, centros e feiras do nordeste, e efetivamente conforta a saudade dos nordestinos que ali entram seja para trabalhar ou mesmo para visitar aos finais de semana.

A Feira de São Cristóvão afeta os nordestinos e aqueles que por algum motivo estão atravessados pela nordestinidade. Eu me lembro da primeira vez que pisei no pavilhão e fui arrebatada pela emoção de estar no “nordeste” depois de 10 anos, definitivamente todos os meus sentidos foram despertados. E, embora eu não tenha voltado o meu foco das entrevistas para os frequentadores da Feira, em diversas ocasiões em que estava ali escutei de rabo de ouvido os encantamentos dos migrantes que ali chegavam e eram afetados tal como eu fui.

Entendo, então, que a saudade da nordestinidade é o fio condutor daquele território, essa que está para além da construção daquele enquadramento equivocado realizado a partir de relatos dos canais de comunicação que sustentam um nordeste de seca e miséria, e que diante dessa construção, o nordestino ganha em seu corpo as marcas do messianismo e do cangaço, portanto, sua presença em solo carioca causava desconfiança aos cariocas. Uma outra construção do estereótipo nordestino está atrelada a uma figura cômica a partir de sua corporeidade matuta e a marca de sua oralidade.

Nesse sentido, entendo que esses signos foram alguns dos elementos determinantes para a construção da heterotopia em relação à cidade do Rio de Janeiro e posteriormente esses mesmos elementos reconfigurados deslocam a narrativa da Feira.

Defendo que, devido à distância entre os territórios, o nordeste se torna uma

terra estranha ao sudeste, sendo assim, o seu povo e sua cultura não são considerados em suas particularidades no que diz respeito a sua identidade. Como consequência dessa distância, a identidade do nordestino é simbolicamente homogeneizada (mesmidade) no campo sociocultural, diante disso se constrói uma nordestinidade aplicada em toda a extensão territorial da região. Isso é materializado no trato que os cidadãos de outras regiões reproduzem ao se reportarem aos nordestinos como “Paraíba”, “Baiano” ou “Cearense”, independente de sua origem, ou seja, essa padronização gentilícia reflete novamente a desconsideração pela identidade de cada indivíduo. Além disso, o uso desses termos – paraíba e/ou – baiano dessa maneira descriteriosa traz consigo um significado preconceituoso e influenciado pelos meios de comunicação, de um nordeste miserável e sem futuro cujos filhos são inferiores intelectualmente, só restando a eles, conseqüentemente, ocupar funções sem possibilidade de ascensão social e econômica.

Na análise histórica da Feira percebo que, desde a fundação, sua composição é composta por uma triangulação envolvendo: economia, política e saudade. As falas do território desenharam o Campo de São Cristóvão como um oásis para o nordestino, em meio a uma metrópole que não possui o combustível para as suas práticas socioculturais. Em todo e qualquer lugar, a ausência de representatividade para o migrante era latente então aquele espaço onde chegavam os paus de arara concentrava o maior número de nordestinos na cidade. Ali eles reencontravam seus parentes e amigos que do nordeste chegavam trazendo consigo as memórias de sua terra e que ali mesmo seriam compartilhadas entre os conterrâneos. Além de histórias, os migrantes traziam consigo carregamentos de farinha, castanha, doce e outros signos que representavam a cultura nordestina para os que aqui estavam aliviar a saudade.

A feira surge então no cruzamento entre a oportunidade de empreender e a necessidade dos nordestinos em estarem junto a seus pares. Esse impulso de estarmos próximos das representatividades que dialogam com a nossa memória é um movimento comum a todo indivíduo. Existem diversos exemplos que mostram que esse movimento não parte apenas dos nordestinos. Em 2011, por exemplo, a minha monografia de conclusão no curso de Produção Cultural teve como objeto o

Centro de Tradições Gaúchas, doravante CTG. O CTG surge sob um contexto diferente da Feira, contudo sua base tal qual da Feira de São Cristóvão, está calcada na saudade. Hoje existem milhares de CTGs espalhados pelo mundo cultivando a cultura gaúcha e sendo o território para os migrantes do sul estarem junto aos seus pares e matarem a saudade. O CTG fortalece a minha fala quando afirmo a necessidade de estarmos juntos aos nossos pares. Ampliando a observação, é possível perceber que esse movimento na construção de territórios simbólicos em outras regiões também se estende a colônia japonesa, portuguesa, italiana, entre outros grupos que se encontram fora de seu território de origem.

Portanto, o surgimento da Feira de São Cristóvão passa pela necessidade que o indivíduo possui em estar em contato com sua identidade, recriando assim suas representatividades que possuem a base calcada sobretudo na arte e na comida. No campo artístico, a presença mais marcante nesse novo “nordeste” é a música, gêneros como o forró pé-de-serra, forró eletrônico, brega, reggae estão no registro do início da Feira. O repente conquistou um lugar de afeto na Feira, pois sua linguagem era clara e singular para os nordestinos que ali chegavam. O cordel e a xilogravura também tiveram o seu lugar pelas mãos dos artistas e poetas do nordeste.

Contudo, de todos os artistas que cantaram o nordeste, a Feira de São Cristóvão rende graças a Luiz Gonzaga que faz uso de seu nome para batizar a nova Feira de São Cristóvão, além disso, a Feira ainda hospeda uma exposição permanente em homenagem ao Rei do Baião. Acredito que todo esse culto está ligado ao fato do cantor conseguir se aproximar da linguagem popular do nordestino como nenhum outro. Luiz soube interpretar a realidade do sertão entre festas e lamentos. Nunca foi fácil ser nordestino na cidade maravilhosa, diariamente o migrante tinha que superar as dores do preconceito que o perseguiam, contudo, Gonzagão fazia com que esse nordestino, de certa maneira, ainda preservasse o orgulho de ser das terras de lá e continuasse sua caminhada com fé e esperança de dias melhores.

A comida, outra forte referência da Feira, ocupa os quatro cantos da Feira mais o meio. Em todo lugar que se olha na Feira ela está lá, seja em pequenas

porções ou em pratos espetaculares, de panelada a buchada, de carne de sol a baião de dois, a comida é um dos seus principais pilares. Além dos pratos, outras referências compõem os signos gastronômicos da nordestinidade na Feira de São Cristóvão, os barraqueiros importam todos os tipos de farinha que possamos imaginar, nas barracas não faltam também castanhas, pimentas, cachaça e vários tipos de doce. Outros artigos típicos da região ainda são vendidos como chinelos de couro, cuscuzeira e CDs dos cantores nordestinos, ou seja, praticamente todos os artigos vendidos na rua ainda permanecem sendo comercializados no pavilhão.

Percebi que a configuração da Feira de São Cristóvão na rua perpassava a estruturação, da nordestinidade e da corporeidade do nordestino; a soma desses dois elementos causava estranhamento aos cariocas, o que resultou na marginalização daquele território e seu povo. Portanto, considerando essa marginalidade, alinho esse contexto histórico e social da Feira aos escritos de Foucault, identificando as características de quando acontecia na rua como heterotópico, posto que não havia um diálogo daquela conformação com a formação e interesses sociais e econômicos da cidade.

Sendo assim, foi necessário que a Feira começasse a dialogar com o Estado para que o seu espaço fosse legitimado enquanto território cultural e gerador de emprego. Com isso, as associações dos feirantes surgem nesse sentido de garantir aos nordestinos o direito ao espaço, contudo, a negociação com o Poder Público era atravessada por uma linha tênue. De um lado, estavam os interesses empresariais e urbanos, do outro, uma população numerosa que reclamava o seu direito por um espaço na cidade. Essa população representava ainda um elevado número de votos nas eleições, o que poderia representar para um político a conquista de um curral eleitoral. Diante disso, as lideranças da Feira de São Cristóvão por algum momento conseguiam sustentar a Feira sem grandes intervenções da política de controle, contudo na política brasileira o que se fala não se escreve, então, quando havia troca de governantes, era necessário reiniciar uma negociação junto ao Poder Público para assim garantir por mais um tempo o direito ao espaço.

A virada dessa narrativa de marginalidade se dá em 2003, quando César Maia chancela a Feira de São Cristóvão como Centro Municipal Luiz Gonzaga de

Tradições Nordestinas. Contudo, essa ação simbolicamente transita sob duas faces, a primeira é que o reconhecimento da Feira de São Cristóvão com um Centro de Tradições Nordestina representou uma ação positiva do governo de César Maia frente aos nordestinos e moradores de São Cristóvão. A nova Feira possui agora o seu espaço legalizado, com saneamento básico e segurança, se transforma em um local com alto potencial turístico. De alguma maneira essa mudança da nova Feira representou um potencializador para César Maia e para a sua política de governo.

Contudo, analisando de maneira crítica entendo que essa ação em dialogo com o novo planejamento estratégico de César Maia é construída sob a forma de uma política em que ele exerce um controle das dinâmicas sociais a partir da homogeneização cultural dos espaços. Essa homogeneização é percebida nos diversos equipamentos culturais que foram construídos em seu governo como a Cidade do Samba, Cidade das Crianças e Cidade da Música (obra que não chegou a ser concluída em sua gestão). O controle das dinâmicas sociais é realizado a partir de enclaves que nada mais são do que uma intervenção urbana a partir de espaços cercados por grades e muros com entrada de público controlada. O grande problema da construção da nova Feira em formato de enclave é que cerceou a liberdade dos sujeitos de ir e vir dentro daquele espaço e excluiu outros sujeitos que não se adequaram a nova política do lugar³².

Durante o processo de pesquisa, percebi que a construção do CMLGTN atendeu a necessidade dos feirantes em ter um espaço mais seguro – no sentido mais amplo da palavra – para os seus negócios. Entretanto, a formatação do local ainda é um assunto que traz incertezas quanto a sua legitimidade, pois é um episódio que envolve acusações de corrupção, em que houve a exclusão de alguns feirantes antigos e a inclusão de outros na nova estrutura do pavilhão e que nunca estiveram ligados à Feira de São Cristóvão.

Embora a gestão da Feira tivesse sido concebida de forma compartilhada

32 Nessa exclusão envolve tanto frequentadores que não tem condições de pagar a entrada para entrar na nova Feira de São Cristóvão, ou não se sentem mais pertencentes aquela nova configuração e ainda outros feirantes que trabalhavam no antigo formato, mas que por motivos de não adequação de seus produtos comercializados, falta de condições econômicas para manter-se na nova lógica administrativa ou outros variados motivos que não ficaram tão claros nas entrevistas não puderam entrar.

com o Poder Público, a princípio a nova Feira de São Cristóvão estava fadada a lidar com uma gestão vertical do Estado, posto que o diálogo com a Associação dos Feirantes e os demais trabalhadores da Feira era traçado por determinações vindas de cima para baixo. Por exemplo, a gestão delegada pela prefeitura para estar junto ao CMLGTN construiu uma dinâmica cultural para a nova Feira de São Cristóvão que estava longe de representar o desejo dos feirantes. A gestão por parte do Poder Público ignoravam a gramática da Feira de São Cristóvão, eles desconsideraram que o formato desejado pelos feirantes estava longe da construção de um espaço de shows para somente artistas renomados.

Os nordestinos queriam conceber um Centro da Cultura Nordestina para além de um espaço com segurança e toda a estrutura para o seu comércio. Ou seja, naquele espaço onde o faturamento mensal é considerável para a economia carioca, existem feirantes que também se preocupam em cultuar e preservar a identidade nordestina. Afinal, a Feira surge da necessidade do nordestino em estar em contato com os signos que representam minimamente a sua identidade. Portanto, sob protesto dos feirantes, foi necessário que os representantes do Poder Público recuassem e dialogassem de maneira franca com os feirantes, para que todos chegassem a um denominador comum sobre qual seria a concepção daquele novo espaço. A partir daí, foi garantida então a entrada dos repentistas, cordelistas, trios de forró, xilogravuristas, e outras manifestações culturais pertinentes à nordestinidade da Feira.

Nessa construção de íntimo diálogo com o Poder Público, a Feira construiu uma relação de pessoalidade com os políticos. Durante o meu trabalho de campo, os feirantes eram muito claros em suas exigências e conquistas a partir dessa aproximação com o governo. Decretos que foram baixados a partir de demandas apresentadas para a preservação da cultura nordestina, abertura de linha de crédito exclusivo para os feirantes, uma secretaria de fomento dentro do pavilhão, entre outros. Somado a isso, temos o período da disputa das eleições, em que a Feira recebe todos os candidatos que concorrem às vagas de vereador à presidência da república, absolutamente todos eles caminham pela Feira e fazem promessas de diversas melhorias para a conquista de votos. Nesse cenário político, percebo que a

Feira trabalha a partir de um jogo de mediações. Todos os candidatos são bem vindos, entretanto, para a conquista dos votos não basta apenas fazer promessas, é preciso atuar de maneira objetiva e direta solucionando as demandas da Feira. Diante disso, figuras como César Maia, Eduardo Paes e Pezão são endeusados pelos feirantes, pois o primeiro lhes proporcionou o grande sonho de ter um espaço em que as ameaças de remoção fossem findadas. O segundo, também alinhado com a política de Planejamento Estratégico, revitalizou todo o espaço recentemente, além de baixar um Decreto Municipal a partir de uma demanda específica ligada à preservação da cultura nordestina na Feira. Alguns feirantes ainda apontam que, sempre que necessário, Eduardo Paes responde imediatamente os feirantes em suas necessidades ligadas ao espaço. O terceiro, apesar de sua recente eleição, dominou rapidamente a gramática populista a qual os feirantes valorizam, e logo após a sua eleição visita o pavilhão e caminha pelos corredores sem segurança, comendo um simples espetinho de churrasco enquanto conversa com todos os feirantes. Após essa visita com caráter populista, anuncia a abertura de uma linha de crédito exclusiva para os feirantes.

Com o avanço dos anos, a Feira descobre o seu potencial turístico e cultural e amplia o seu diálogo com os meios de comunicação. Produz eventos culturais como “Beleza Nordestina”, “O Melhor Sanfoneiro Mirim”, entre outros que valorizam a identidade nordestina. Segundo os feirantes, toda essa mudança estrutural possibilitou um novo perfil de público frequentador, diferente da época em que a Feira acontecia na rua, o que gera o lamento de uma parcela de artistas e trabalhadores e o orgulho de outros.

A Feira recebe a visita de diversos pesquisadores que, assim como eu, tentam entender a dinâmica daquele território que antes era marginalizado, mas hoje consegue receber milhões de visitas em um final de semana. Que pertencimento os feirantes construíram sobre aquele lugar e como isso muda em sua nova configuração? Foi impulsionada por esses questionamentos que eu abri mão do meu papel de admiradora da Feira e passei a pesquisadora.

Como disse no início de minha conclusão, a Feira não é o nordeste, e também acredito estar longe de ser. Contudo, a sua representatividade na vida dos

feirantes é atravessada pelo cruzamento entre a afetividade e a oportunidade de empreender no Rio de Janeiro. A Feira surge das necessidades! Necessidade de estar junto aos seus, de comungar sua identidade, de buscar e construir representatividade, de sobreviver e empreender na metrópole. É a partir dessa visão de negócio que o feirante coloca a sua barraca no Campo de São Cristóvão e resiste em seu tempo heterotópico.

Hoje a narrativa foi mudada, e o que era marginal se tornou Centro de Tradições. Arrumar a casa refletiu a chance de ampliar os rendimentos, e o reconhecimento de que aquele território era potencialmente rentável para a cidade. Atualmente a Feira passa por mais uma forma de condecoração, a partir do processo de reconhecimento como patrimônio imaterial pelo IPAHN, seu registro já está finalizado, agora a comissão está no aguardo pela aprovação da chancela.

Após dois anos de pesquisa, acredito que durante seus 70 anos de história e adiante, a Feira estará atravessada pela triangulação economia, cultura e política. E mesmo com a mudança de perfil de seu público, ela ainda funciona como oásis para os migrantes. Todas as vezes que percorri aqueles corredores escutei sotaques e risadas como nas festas que andei pelo nordeste, das conversas oficiais com os feirantes, até as informais com os frequentadores, não houve um só dia que eu não tenha escutado “*Aqui é como se fosse o nordeste pra gente*” ou ainda “*A gente vem aqui pra matar a saudade do nordeste*”.

Os feirantes se orgulham da história da Feira, mesmo aqueles que não estavam nos momentos de resistência na rua, reconhecem a importância dessa luta. Existem ainda protestos sob alguns pontos que envolvem o pavilhão. Há os que protestam por uma maior atuação do Estado, também há os que reclamam das altas taxas que precisam ser pagas mensalmente, mas mesmo diante dessas divergências nenhum feirante cogita a possibilidade de volta ao formato antigo.

Finalizo essa pesquisa revisitando a hipótese elencada por mim para essa pesquisa e confirmando as impressões traçadas no início. Acreditei que a intervenção da política de governo de César Maia, via planejamento estratégico, tivesse mudado a narrativa da Feira de São Cristóvão frente à cidade do Rio de Janeiro. Efetivamente, a partir da tríplice mimese, a imagem da Feira foi configurada

num primeiro momento como marginal, o que teoricamente pode ser entendido como um território heterotópico. Num segundo momento, a tríplice mimese é ressignificada diante da mudança da Feira para o pavilhão, e então aquele espaço ganha ares de um espaço cultural e turístico da cidade, cuja temática nordestina é tradicionalmente cultuada. Devido ao deslocamento dessa narrativa, o público frequentador da Feira também ganha um novo perfil, sendo em sua maioria composto pela classe média carioca. Essa mudança de público, contudo, divide opiniões dentro do pavilhão, sendo uma parte de lamento e outra indiferente.

Independente da configuração de seu espaço e do perfil predominante de seu público, durante 70 anos, a Feira de São Cristóvão nunca deixou de ter o apreço de seus frequentadores, e surpreendentemente, até os dias de hoje, é possível encontrar nordestinos emocionados com a magia que aquele espaço possui em arrebatá-los, ainda que por alguns instantes, ao terreiro de sua casa no nordeste.

Referências bibliográficas

ABREU, Maurício de Almeida. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, IPP, 2013.

ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo, Cortes Ed, 1999.

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori; VAINER, Carlos B. **A Cidade do pensamento único desmanchando consensos**. Petrópolis, Ed. Vozes, 2000.

BIENENSTEIN, Glauco; CANTO, Bárbara L; GUTERMAN, Bruna da Cunha; BENEDICTO, Danielle Barros de M.; PICINATTO, Leonardo SANCHEZ, Fernanda. **Produção de sentidos e produção do espaço: convergência discursiva nos grandes projetos urbanos**. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, nº 107, p. 29-56, julho/dezembro, 2004.

BOURDIE, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis, Ed. Vozes, 2001.

_____. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. Campinas, Papirus Editora, 1996

Borja, Jordi & Castells Manuel. **As cidades como atores políticos**. Revista Novos Estudos, nº 45, julho 1996.

CAMARGO, Paula de Oliveira. **As cidades, a cidade política, arquitetura e cultura na cidade do Rio de Janeiro**. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/9306/PaulaCamargo.pdf?sequence=1>

Campans, Rose. **“a emergência de um novo modelo de urbanismo no rio de janeiro: o 'urbanismo de resultados’”** in: Encontro Nacional da Anpur, 7, 1997, Recife. Anais: ANPUR, 1997. p. 1721 – 1734.

CALDEIRAS, Teresa Pires do Rio. **Enclaves fortificados: a nova segregação urbana**. 1997 Disponível em: http://reverbe.net/cidades/wp-content/uploads/2011/08/Enclaves-fortificados_segregacao-urbana.pdf

_____. **Cidade de muro; crime, segregação e cidadania em São Paulo**. Ed.34; Edusp, São Paulo: 2000

FISCHER, Tânia & Guanais Frederico Campos. **Entre planos, projetos e**

estratégias: O caso Rio Sempre Rio. Revista O&S , v. 6, nº 14, janeiro/abril 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** São Paulo, Ed. Graal, 2004.

_____ **O corpo utópico, as heterotopias.** São Paulo, Ed. n – 1, 2013.

_____ **Segurança, território, população.** Ed. Martins Fontes: 2008.

_____ **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 41 ed. Petrópolis, TJ: Ed Vozes, 2013.

_____ **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.** trad. Salma Tannus Muchail, 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Seca e migração no nordeste: reflexões sobre o processo de banalização de sua dimensão histórica.** Revista Textos Para Discussões N. 111/2001 Agosto · 2001

GRAFMEYER, Ives. **Sociologia urbana.** Men - Martins, Ed Europam, 1994.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais.** 2º ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

JODELET, Denise. **Representações Sociais: um domínio em expansão.** In. Les Représentations sociales. Paris, Ed. PUFF, 1989, p. 31-61.

Maricato, Ermínia. **Habitação e cidade.** São Paulo: Atual Ed, 1997.

MELLO, Vitor Rebello Ramos. **Memórias repentinas: a construção poética do nordeste pelos repentistas da Feira de São Cristóvão (RJ).** Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MORALES, Lúcia A. **A Feira de São Cristóvão: Um Estudo de Identidade Regional.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, 1993

_____ **Particularidades das Relações Raciais na Feira dos Nordestinos de São Cristóvão no Rio de Janeiro.** Disponível em: http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=5437&Itemid=361

NEMER, Sylvia. **Feira De São Cristóvão: a história de uma saudade.** Rio de Janeiro. Ed. Casa da Palavra, 2011.

_____ **Feira de São Cristóvão: foi assim que começou.** Anais do XV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH – RIO. 2012. Disponível em: http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338341567_ARQUIVO_FeiradeSaoCristovaofoiassimquecomecou.pdf

PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de. **Travessias movimentos migratórios em comunidades rurais no norte de Minas Gerais.** Revista VITAS – Visões Transdisciplinares sobre Ambiente e Sociedade – ISSN 2238-1627, Ano II, Nº 4, outubro de 2012 (Acessado em 03/01/2014. Disponível em: www.uff.br/revistavitas)

Pollak, Michael. **Memória e identidade social,** Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992. p. 200-212.

SANTA HELENA, Raimundo. **Feira nordestina de São Cristóvão.** Rio de Janeiro, s/e, 2004 (Folheto)

SANTOS, José João dos – **Mestre Azulão. A Feira dos nordestinos no Campo de São Cristóvão,** s/l, s/e, 1982 (Folheto)

_____ **A Feira nordestina: foi assim que começou.** Fortaleza, Tupynanquim Editora, 2007 (Folheto)

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000, 133p.

PACIONE, M. Urban problems. **An Applied Urban Analysis.** London: Routledge, 1990.

REDFERN, P.A. **A new look at gentrification: 1. Gentrification and domestic technologies.** In: Environment & Planning A, 1997a, vol. 29, nº 7, p. 1275-1296. Ref.1805.

REZENDE, Claudia Barcellos. **Os limites da sociabilidade: "cariocas" e "nordestinos" na Feira de São Cristóvão.** Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 28, 2001.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa.** Campinas/SP, Papyrus Ed, 1994.

_____ **A identidade narrativa e o problema da identidade pessoal.** Trad. Carlos João Correia. Arquipélago, n. 7, p. 177-194, 2000.

TELLES, Vera da Silvia. **Nas Tramas da Cidade: trajetórias urbanas e seus territórios.** São Paulo, Ed. Humanitas, 2006.

Vainer, Carlos B. **Pátria, empresa e mercadoria. Notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano.** Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/napead/repositorio/objetos/edital19/gestao-politicas/PLANEJAMENTO/planejamento%20MARX%203.pdf>

VALVERDE, R.R.H.F. **Sobre espaço público e heterotopia.** Geosul, v.24, n.48, 2009.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

Websites:

Iphan.

<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaInicial.do;jsessionid=48F2A4D2A83C3A9EBBE5CB3DD3AF532B> (Acessado: 23/03/2014)

Jangada Brasil

<http://www.jangadabrasil.com.br/revista/maio66/pa66005b.asp> (Acessado dia: 30/04/2013)

JusBrasil

www.jusbrasil.com.br/ (Acessado dia: 13/05/2013)

Feira de São Cristóvão

<http://www.feiradesaocristovao.org.br/> (Acessado dia: 10/08/2013)

Página oficial da Feira de São Cristóvão no Facebook

<https://www.facebook.com/feiradesaocristovaooficial> (Acessado dia: 10/06/2014)

Prefeitura do Rio de Janeiro

<http://www.rio.rj.gov.br/> (Acessado dia: 11/06/2014)

O Nordeste.com

http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Raimundo+Santa+Helena<r=r&id_perso=1171 (Acessado dia: 15/09/2014)

Memória e Movimentos Sociais

<http://www.memoriaemovimentossociais.com.br/bancodeimagens/displayimage.php?album=4&pos=14> (Acessado dia 09/04/2015)

IBGE

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008473104122012315727483985.pdf> (Acessado dia: 09/04/2015)

Bahia 2010

<https://bahia320102myblog.wordpress.com/o-discurso-ideologico-do-diario-da-bahia-e-os-jornais-da-epoca-sobre-a-guerra-de-canudos-1896-a-1897/> (Acessado dia 10/04/2015)

Jornal O Dia

<http://odia.ig.com.br/diversao/2015-06-05/feira-de-sao-cristovao-inaugura-festas-de-sao-joao-que-se-espalham-pela-cidade.html> (Acessado dia: 20/06/2015)

Documentários

De repente Santa Helena. Direção: Isabel Ramalho. Produção: Ângela Martins, 2007.

Um pedaço do nordeste. Direção: Marcelo Tavares. Produção: Elizangela Borrher, 2007

Reportagem

Feira de São Cristóvão na TVRIO. Direção: Fernando Guisard. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aCztBtVWBsE>

Anexo

Anexo 1

Pressupostos do primeiro Plano Estratégico de César Maia

- **Vertebração da cidade**

Essa linha tinha como foco principal o fortalecimento das identidades dos bairros, sobretudo o Centro da cidade. Reconhecia a importância do espaço social enquanto território de trocas simbólicas entre os sujeitos da cidade.

- **Integração social**

Seu foco era o reconhecimento da cidadania e das trocas sociais dentro do território.

- **Infra-estrutura críticas**

Essa linha possui o impacto mais visível na cidade, visa a intervenção urbana para o desenvolvimento e melhora na infra estrutura da cidade, além de seus serviços.

- **Desenvolvimento de base produtiva**

Ações que visem o crescimento e desenvolvimento de indústrias e serviços já existentes no território.

- **Desenvolvimento das vocações específicas da cidade**

O objetivo principal dessa linha está atrelada ao fortalecimento dos serviços ligados a área da cultura, lazer, esporte e turismo.

- **Emprego**

Essa linha traz ações que visem o crescimento de postos de trabalho e a capacitação de trabalhadores.

Anexo 2

Quadro comparativo comprovando as semelhanças entre o primeiro Plano Estratégico de César Maia e o executado em Barcelona

Rio Sempre Rio		Barcelona 2000
Linhas Estratégicas	Objetivos	Estratégias/Objetivos
<p>Rio Acolhedor</p> <ul style="list-style-type: none"> Melhorar a relação da cidade com o seu entorno 	<ul style="list-style-type: none"> Melhorar o relacionamento cidadão – meio ambiente Qualificar e fortalecer a vida nos bairros Melhorar a qualidade dos espaços públicos 	<ul style="list-style-type: none"> Melhorar o meio-ambiente
<p>Rio Integrado</p> <ul style="list-style-type: none"> Melhorar a vertebração da cidade e o equilíbrio territorial 	<ul style="list-style-type: none"> Novas centralidades e a revitalização do Centro Normalização urbana Mobilidade Interna 	<ul style="list-style-type: none"> Vertebração do entorno metropolitano Equilibrar o território metropolitano
<p>Portas do Rio</p> <ul style="list-style-type: none"> Tornar a cidade centro 	<ul style="list-style-type: none"> Acessibilidade Mercadorias 	<ul style="list-style-type: none"> Inserir Barcelona na rede de eurocidades e

<ul style="list-style-type: none"> • articulador da região <p>metropolitana e eixo vertebrador da região Sudeste</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Telecomunicações 	<ul style="list-style-type: none"> • aglomerações metropolitanas em todo o mundo • Melhorar a acessibilidade externa • Criar infra-estrutura de informação e telecomunicação
<p>Rio Competitivo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Recuperar a competitividade do Rio no contexto da economia globalizada 	<ul style="list-style-type: none"> • Melhoria das infra-estruturas e serviços • Melhoria e desenvolvimento do tecido produtivo 	<ul style="list-style-type: none"> • Potencialização industrial e de serviços avançados às empresas • Criação de infra-estruturas de suporte • Facilitar acesso a novas tecnologias • Promoção de setores
<p>Rio 2004, pólo regional, nacional e internacional</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Centro do Rio como mercado cultural 	<ul style="list-style-type: none"> • Prioridade para as infraestruturas culturais

<ul style="list-style-type: none"> • Tornar a cidade • um pólo de atividade cultural, esportiva e de eventos 	<ul style="list-style-type: none"> • Cidade esportiva • Marketing da cidade • Turismo e eventos 	<ul style="list-style-type: none"> • Consolidar projeção internacional • Promover Barcelona como mercado de arte e vanguarda cultural
--	--	---

** Há ainda o início da construção da candidatura do Rio de Janeiro à cidade sede das Olimpíadas de 2004 – outra semelhança com Barcelona.*

Anexo 3

Mapa da Feira de São Cristóvão

